

**Escola Superior de Educação João de Deus**

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo  
do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

# **Relatório de Estágio Profissional**

**Marisa Gonçalves Rolo**

Lisboa, maio de 2013



# **Escola Superior de Educação João de Deus**

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo  
do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

## **Relatório de Estágio Profissional**

**Marisa Gonçalves Rolo**

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação da Professora Doutora Isabel Maria Silva Ruivo

Lisboa, maio de 2013





# Escola Superior de Educação João de Deus

## Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a)..... Isabel Maria Silva Rivo

tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a) licenciado(a) ..... Maria Gonçalves Rolo

realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) ..... em Educação  
..... Pre- Escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico

considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado. Nestes termos, solicito à Comissão de Mestrado do Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respetivo Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 20 de maio de 2013

O(A) Orientador(a)





## **Agradecimentos**

Esta etapa da minha vida (Licenciatura e Mestrado) não seria possível ser terminada sem a colaboração e ajuda de algumas pessoas, que se revelaram verdadeiramente importantes para mim.

Começo por agradecer ao Professor Doutor António Ponces de Carvalho, pela oportunidade que me deu de frequentar a Escola Superior de Educação e de me ter possibilitado o estágio nos Jardins-Escolas João de Deus.

Depois, gostaria de agradecer à minha orientadora e professora durante o percurso académico, a Professora Doutora Isabel Ruivo. A ela, um especial obrigada por toda a ajuda e disponibilidade prestada na conclusão deste trabalho. Agradecendo-lhe também por toda a compreensão e carinho demonstrados ao longo desta etapa da minha vida.

Agradeço também ao Professor Doutor José de Almeida, por todos os seus ensinamentos e disponibilidade.

De seguida, agradeço à Professora Doutora Maria Filomena Caldeira, por ser uma referência e um exemplo, na sua forma de ser e de ensinar.

O meu profundo agradecimento a todas as educadoras e professoras cooperantes, em especial à Professora Manuela Cardadeiro, pois é um modelo e um exemplo para mim.

A estas professoras, o meu muito obrigada, por terem acreditado em mim. As suas exigências e as suas palavras sábias fizeram com que eu crescesse, pessoal e profissionalmente.

Nos dias de hoje é fundamental haver trabalho de equipa, para que consigamos ultrapassar todos os obstáculos, de modo a chegarmos ao objetivo pretendido. Por isso, agradeço a todas as pessoas que estiveram comigo ao longo destes anos, em especial à minha amiga Rita, por todo o apoio, amizade, paciência e alegria.

Não menos importante, agradeço aos meus pais, por todo o apoio que me deram e todo o esforço que fizeram para que este sonho se tornasse realidade.

À minha irmã, pelas ideias e apoio que me transmitiu, ajudando em alguns momentos cruciais deste percurso.



## Índice Geral

Índice de Quadros .....	XIV
Índice de Figuras .....	XV
<b>Introdução</b> .....	1
1. Identificação do local de estágio .....	3
2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional .....	4
3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional .....	5
4. Identificação do grupo de estágio.....	5
5. Metodologia utilizada.....	5
6. Pertinência do Estágio Profissional .....	6
7. Cronograma .....	7
<b>CAPÍTULO 1 - Relatos Diários</b> .....	9
1.1. Descrição do capítulo.....	11
1.2. Enquadramento Teórico – Educação Pré-Escolar.....	11
1.3. 1. <sup>a</sup> Secção: Grupo dos 3 anos .....	13
1.3.1. Caracterização da turma.....	13
1.3.2. Caracterização do espaço .....	14
1.3.3. Horário da turma.....	15
1.3.4. Rotinas .....	15
1.3.5. Relatos Diários .....	18
1.4. 2. <sup>a</sup> Secção: Grupo dos 4 anos.....	30
1.4.1. Caracterização da turma.....	30
1.4.2. Caracterização do espaço .....	30
1.4.3. Horário da turma.....	31
1.4.4. Rotinas .....	32
1.4.5. Relatos Diários .....	32

1.5. 3. <sup>a</sup> Secção: Grupo dos 5 anos.....	44
1.5.1. Caracterização da turma.....	44
1.5.2. Caracterização do espaço .....	44
1.5.3. Horário da turma.....	45
1.5.4. Rotinas .....	45
1.5.5. Relatos Diários .....	46
1.6. Enquadramento Teórico – Ensino do 1. <sup>o</sup> Ciclo do Ensino Básico .....	61
1.7. 4. <sup>a</sup> Secção: Estágio Intensivo – 1. <sup>o</sup> ano de escolaridade .....	62
1.7.1. Caracterização da turma.....	62
1.7.2. Caracterização do espaço .....	62
1.7.3. Horário da turma.....	62
1.7.4. Rotinas .....	63
1.7.5. Relatos Diários .....	63
1.8. 5. <sup>a</sup> Secção: 4. <sup>o</sup> ano de escolaridade.....	67
1.8.1. Caracterização da turma.....	67
1.8.2. Caracterização do espaço .....	67
1.8.3. Horário da turma.....	67
1.8.4. Rotinas .....	68
1.8.5. Relatos Diários .....	69
1.9. 6. <sup>a</sup> Secção: 3. <sup>o</sup> ano de escolaridade .....	83
1.9.1. Caracterização da turma.....	83
1.9.2. Caracterização do espaço .....	83
1.9.3. Horário da turma.....	83
1.9.4. Rotinas .....	84
1.9.5. Relatos Diários .....	84

1.10. 7. <sup>a</sup> Secção: 2.º ano de escolaridade .....	103
1.10.1.Caracterização da turma .....	103
1.10.2.Caracterização do espaço .....	103
1.10.3.Horário da turma .....	103
1.10.4.Rotinas .....	104
1.10.5.Relatos Diários .....	105
1.11. 8. <sup>a</sup> Secção: 1.º ano de escolaridade .....	123
1.11.1. Caracterização da turma .....	123
1.11.2. Caracterização do espaço .....	123
1.11.3. Horário da turma .....	123
1.11.4. Rotinas .....	124
1.11.5.Relatos Diários .....	125
<b>CAPÍTULO 2 - Planificações .....</b>	<b>145</b>
2.1. Descrição do capítulo .....	147
2.2. Fundamentação Teórica .....	147
2.3. Planificações .....	152
2.3.1. Planificação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	152
2.3.2. Planificação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática .....	155
2.3.3. Planificação da Área de Estudo do Meio .....	158
2.3.4. Planificação da Área de Português.....	161
<b>CAPÍTULO 3 - Dispositivos de Avaliação .....</b>	<b>163</b>
3.1. Descrição do capítulo .....	165
3.2. Fundamentação Teórica .....	165
3.3. Dispositivo de Avaliação da atividade na Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática .....	169

3.3.1. Contextualização da atividade .....	169
3.3.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade.....	169
3.3.3. Grelha de avaliação da atividade .....	171
3.3.4. Interpretação da grelha de avaliação .....	172
3.3.5. Apresentação dos resultados em gráfico .....	172
3.3.6. Análise do gráfico .....	172
3.4. Dispositivo de Avaliação da atividade na Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	173
3.4.1. Contextualização da atividade .....	173
3.4.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade.....	173
3.4.3. Grelha de avaliação da atividade .....	175
3.4.4. Interpretação da grelha de avaliação .....	176
3.4.5. Apresentação dos resultados em gráfico .....	176
3.4.6. Análise do gráfico .....	176
3.5. Dispositivo de Avaliação da atividade na Área de Estudo do Meio .....	177
3.5.1. Contextualização da atividade .....	177
3.5.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade.....	177
3.5.3. Grelha de avaliação da atividade .....	179
3.5.4. Interpretação da grelha de avaliação .....	180
3.5.5. Apresentação dos resultados em gráfico .....	180
3.5.6. Análise do gráfico .....	180
3.6. Dispositivo de Avaliação da atividade na Área de Português .....	181
3.6.1. Contextualização da atividade .....	181
3.6.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade.....	181
3.6.3. Grelha de avaliação da atividade .....	183
3.6.4. Interpretação da grelha de avaliação .....	184

3.6.5. Apresentação dos resultados em gráfico .....	184
3.6.6. Análise do gráfico .....	184
<b>Reflexão Final</b> .....	185
1. Considerações finais .....	187
2. Limitações.....	188
3. Novas pesquisas .....	189
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	191
<b>Anexos</b> .....	203
<b>Anexo 1</b> – Dispositivo de Avaliação na Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática – Grupo dos 3 anos	
<b>Anexo 2</b> – Dispositivo de Avaliação na Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – Grupo dos 5 anos	
<b>Anexo 3</b> – Dispositivo de Avaliação na Área de Estudo do Meio – 2.º ano de escolaridade	
<b>Anexo 4</b> – Dispositivo de Avaliação na Área de Português – 1.º ano de escolaridade	

## Índice de Quadros

Quadro 1 – Calendarização do Estágio Profissional .....	8
Quadro 2 – Horário do grupo dos 3 anos .....	15
Quadro 3 – Horário do grupo dos 4 anos .....	31
Quadro 4 – Horário do grupo dos 5 anos .....	45
Quadro 5 – Horário da turma do 1.º ano de escolaridade (Estágio Intensivo) .....	63
Quadro 6 – Horário da turma do 4.º ano de escolaridade .....	68
Quadro 7 – Horário da turma do 3.º ano de escolaridade .....	84
Quadro 8 – Horário da turma do 2.º ano de escolaridade .....	104
Quadro 9 – Horário da turma do 1.º ano de escolaridade .....	124
Quadro 10 – Modelo T da Aprendizagem .....	150
Quadro 11 – Planificação realizada no grupo dos 3 anos .....	152
Quadro 12 – Planificação realizada no grupo dos 5 anos .....	155
Quadro 13 – Planificação realizada na turma do 3.º ano de escolaridade .....	158
Quadro 14 – Planificação realizada na turma do 1.º ano de escolaridade .....	161
Quadro 15 – Escala de <i>Likert</i> utilizada nos dispositivos de avaliação .....	168
Quadro 16 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade no Domínio da Matemática .....	170
Quadro 17 – Grelha de avaliação da atividade no Domínio da Matemática .....	171
Quadro 18 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade no Domínio da Linguagem Oral e a Abordagem à Escrita .....	174
Quadro 19 – Grelha de avaliação da atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	175
Quadro 20 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade na Área de Estudo do Meio .....	178
Quadro 21 – Grelha de avaliação da atividade na Área de Estudo do Meio .....	179
Quadro 22 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade na Área de Português .....	182
Quadro 23 – Grelha de avaliação da atividade na Área de Português .....	183

## Índice de Figuras

<i>Figura 1 – Escada por ordem crescente, com as peças do material manipulável estruturado Cuisenaire .....</i>	52
<i>Figura 2 – Resultados da avaliação da atividade no Domínio da Matemática ....</i>	172
<i>Figura 3 – Resultados da avaliação da atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....</i>	176
<i>Figura 4 – Resultados da avaliação da atividade na Área de Estudo do Meio ...</i>	180
<i>Figura 5 – Resultados da avaliação da atividade na Área de Português .....</i>	184



# Introdução



No âmbito da Unidade Curricular Estágio Profissional I, II e III, foi solicitada a elaboração de um Relatório de Estágio Profissional, para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Realizei o meu estágio numa escola na zona de Lisboa, começando no grupo dos 3 anos, passando para o grupo dos 4 anos e, finalmente, para o grupo dos 5 anos. No que diz respeito ao 1.º Ciclo do Ensino Básico comecei na sala do 4.º ano de escolaridade, passei para a sala do 3.º ano de escolaridade, finalizei o estágio, no último semestre, na sala do 2.º ano de escolaridade, e por fim, estive a estagiar na sala do 1.º ano de escolaridade.

Neste relatório, omito os verdadeiros nomes dos intervenientes. Assim, os nomes das crianças, das educadoras, das professoras, bem como os nomes das minhas colegas serão referidos apenas com a inicial do primeiro nome.

## **1. Identificação do local de estágio**

A escola onde realizei o meu estágio profissional faz parte de uma instituição com uma rede escolar de Norte a Sul de Portugal, incluindo as ilhas da Madeira e dos Açores, com sede em Lisboa, onde fica também a escola de formação onde estagiei.

Esta escola contempla as duas valências de ensino: a do Pré-Escolar e a do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ou seja, dos 3 anos aos 9 anos de idade.

Nesta rede de escolas, existe uma nomenclatura específica para designar os diferentes anos de escolaridade. A sua identificação é feita através do reconhecimento da cor do bibe.

O uso do bibe foi implementado por João de Deus Ramos, para que não houvesse discriminação social na escola. De acordo com o diretor desta rede de escolas (s.d.):

a escola é para todos, ricos ou pobres, de todas as raças, de todas as crenças religiosas ou políticas. (...) Criou, assim, o conceito “bibe”. Um bibe aos quadrados com cores diferenciadas para cada idade esbatia as diferenças de traje que, à época, eram por vezes muito acentuadas.<sup>1</sup>

Assim, ao contrário de outras escolas, as classes infantis estão organizadas por idades, sendo homogéneas, pois não misturam na mesma sala/turma crianças de diferentes faixas etárias.

---

<sup>1</sup> <http://jdeusolivais.blogspot.pt/2010/09/associacao-de-jardins-escola-joao-de.html>

Assim, no que diz respeito à valência da Educação Pré-Escolar a escola tem, para cada faixa etária, duas turmas. Há duas turmas com crianças de 3 anos, duas turmas com crianças de 4 anos e duas turmas com crianças de 5 anos.

Na valência do 1.º Ciclo do Ensino Básico a escola também tem duas turmas de cada ano de escolaridade: duas turmas de 1.º ano (1.º A e 1.º B), duas turmas de 2.º ano (2.º A e 2.º B), duas turmas de 3.º ano (3.º A e 3.º B) e duas turmas de 4.º ano (4.º A e 4.º B).

Esta escola é composta por doze salas de aula e um salão polivalente, dividido em duas salas de aula. Tem ainda uma sala de informática, uma sala para as estagiárias, uma sala de professores, uma sala de cerâmica, um ginásio, uma cozinha, dois refeitórios, dois recreios amplos com material didático, um coreto, quatro casas de banho para alunos, divididas em rapazes e raparigas, uma casa de banho para o pessoal docente e uma secretaria.

A escola localiza-se em Lisboa, numa zona dormitória, muito sossegada.

Existe à volta desta espaços verdes, uma escola primária pública, uma igreja e alguns cafés.

## **2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional**

Este Relatório de Estágio Profissional é composto pela introdução, em que se refere o local onde foi realizado o estágio, as turmas/grupos em que estagiei e as datas dos diferentes momentos de estágio.

A introdução está dividida em seis itens, que integram a referência ao local de estágio, a descrição da estrutura do relatório de estágio, a importância da elaboração do relatório de estágio, a identificação do grupo de estágio, a metodologia utilizada, a pertinência do estágio e o cronograma, com as diversas atividades implícitas à sua conceção.

O Relatório apresenta-se dividido em três capítulos.

O primeiro capítulo é destinado aos *Relatos Diários*, com as respetivas inferências e fundamentação teórica.

O segundo capítulo refere-se às *Planificações* feitas e à devida fundamentação teórica. Este capítulo é composto por quatro planificações, duas referentes à Educação Pré-Escolar e as outras duas referentes ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Do terceiro capítulo fazem parte os *Dispositivos de Avaliação* e respetiva fundamentação teórica. Neste capítulo estão contemplados quatro dispositivos de avaliação, dois dizem respeito à Educação Pré-Escolar e os outros dois ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Por último, a *Reflexão Final*, com as considerações finais, as limitações do estágio e as novas pesquisas.

### **3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional**

A elaboração deste Relatório de Estágio Profissional é importante, pois sem ele não poderei obter o grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico e, posteriormente, exercer a profissão.

Para redigir este relatório, foi necessário consultar diversos autores, de variados livros, nos quais adquiri muitos conhecimentos teóricos, que serão importantes para o meu futuro profissional.

### **4. Identificação do grupo de estágio**

O meu grupo de estágio é constituído pela minha colega A, pela C e por mim, todas pertencentes ao Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

### **5. Metodologia utilizada**

Um dos instrumentos, utilizados para a elaboração deste relatório foi a observação, a conseqüente recolha de dados e a análise documental.

A capacidade de observação ocupa um lugar-chave na possibilidade de aperfeiçoamento da prática pedagógica. A sua principal fonte é a recolha de informação.

Esta observação é muito importante, pois é através desta que relatamos, de uma forma direta, aquilo que observamos, enquanto estamos no estágio. Para Bogdan e Biklen (1994), “na investigação qualitativa a fonte direta é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.” (p.47) Quivy e Campenhoudt (1998) afirmam que “os métodos de observação direta constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a medição de um documento ou testemunho.” (p.196)

Bogdan e Biklen (1994) defendem ainda que “os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência.” (p.48)

Foi através da observação direta que consegui retirar a maior parte da informação indispensável à elaboração deste relatório.

Este tipo de observação fornece informações necessárias, que levam à reflexão da prática pedagógica, de modo a melhorar o nosso desempenho como estagiárias e, para além disso, é um bom instrumento de trabalho como futura educadora/professora pois permite-nos conhecer bem os nossos alunos.

Para a caracterização da turma, recorri à análise documental, através das informações fornecidas pelas educadoras e professoras cooperantes.

Segundo Afonso (2005), a análise documental “consiste na utilização de informação existente em documentos anteriores elaborados, com o objetivo de obter dados relevantes (...). Assim, para este autor “o investigador não precisa de recolher informação original. Limita-se a consultar a informação.” (p.89)

Este relatório foi redigido segundo o Novo Acordo Ortográfico e segundo as Regras da APA (American Psychological Association) adaptadas por esta escola de formação.

## **6. Pertinência do Estágio Profissional**

O estágio profissional pretende possibilitar em prática tudo o que é ensinado na teoria. Pessoalmente, vou fazer parte do processo ensino-aprendizagem dos alunos, como observadora participante.

O estágio é muito importante, pois tal como afirma Alarcão e Tavares (1987, citado por Casanova, s.d.), “ensinar os professores a ensinar deve ser o objetivo principal de toda a supervisão pedagógica.”, ou seja, nós, estagiários, aprendemos com as educadoras e professoras cooperantes, assim como com as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica, que nos alertam para um conjunto de fatores que a nossa inexperiência nunca nos deixaria ver/detetar.

Este estágio é orientado pelas professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica da Escola Superior de Educação João de Deus (ESEJD) e pelas educadoras/professoras cooperantes dos diferentes Centros Educativos, onde estagiámos.

Ao longo de todo o estágio (3 semestres), quer observando, quer participando ativamente nas atividades da sala de aula, fui tomando notas e registrando tudo o que observava, para posteriormente refletir sobre eles e fundamentar com autores.

## **7. Cronograma**

No cronograma, apresentado a seguir, (Quadro 1), é observável que, no ano letivo de 2011/2012, de setembro de 2011 a fevereiro de 2012 (1.º semestre), estive a estagiar com os grupos de Educação Pré-Escolar, ou seja, no grupo dos 3 anos, no grupo dos 4 anos e, por último, no grupo dos 5 anos.

O 2.º e 3.º semestres correspondem ao ano letivo 2011/2012 e 2012/2013, respetivamente. No 2.º semestre estive a estagiar nas salas do 4.º e 3.º anos e no 3.º semestre nas salas do 2.º e 1.º anos.

Ao longo do Estágio Profissional tive oito aulas programadas, uma em cada grupo, à exceção dos 5 anos, onde lecionei uma segunda aula supervisionada por uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica.

No que diz respeito às aulas surpresa, tive um total de sete aulas, tendo sido duas delas assistidas por uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica.

Quanto à pesquisa bibliográfica e à elaboração deste relatório, foram elaboradas paralelamente aos períodos de estágio.

As reuniões de prática pedagógica foram cinco e as reuniões de acompanhamento, com a minha orientadora, foram seis.



# **CAPÍTULO 1**

## **Relatos Diários**



## **1.1. Descrição do capítulo**

Este presente capítulo destina-se aos relatos diários observados e vivenciados ao longo do período de estágio. Está dividido em oito secções. Cada secção é constituída por vários pontos: i) período de estágio; ii) caracterização da turma (informação fornecida pelas educadoras e professoras cooperantes); iii) caracterização do espaço; iv) horário da turma (também fornecido pelas educadoras e professoras cooperantes); v) rotinas; vi) relatos diários apoiados em fundamentação teórica dos mais diversos autores.

A primeira secção diz respeito ao primeiro momento de estágio, realizado no grupo dos 3 anos, entre o dia 27 de setembro e 4 de novembro de 2011.

A segunda secção incide sobre o período de estágio, realizado no grupo dos 4 anos, entre o dia 7 de novembro e o dia 16 de dezembro de 2011.

O terceiro momento de estágio foi realizado no grupo dos 5 anos, que decorreu entre o dia 2 de janeiro e o dia 10 de fevereiro de 2012, correspondendo ao último momento de estágio na Educação Pré-Escolar.

Na quarta secção estão contemplados os relatos diários da Semana de Contacto com a Realidade Educativa, realizada numa escola de Tomar, entre os dias 27 de fevereiro e 2 de março de 2012.

A quinta secção incide sobre o período de estágio, realizado na turma do 4.º ano de escolaridade, entre o dia 5 de março e o dia 27 de abril de 2012.

A sexta secção diz respeito ao estágio realizado na turma do 3.º ano de escolaridade, entre o dia 30 de abril e o dia 22 de junho de 2012.

A sétima secção incide sobre o período de estágio, realizado na turma do 2.º ano de escolaridade, desde o dia 25 de setembro ao dia 16 de novembro de 2012.

O último momento de estágio coincide com a oitava e última secção, que diz respeito ao período de estágio realizado na turma do 1.º ano de escolaridade, entre o dia 19 de novembro de 2012 a 25 de janeiro de 2013, correspondendo ao último momento de estágio no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

## **1.2. Enquadramento Teórico – Educação Pré-Escolar**

A Educação Pré-Escolar é a primeira etapa da Educação Básica, no processo da educação, ao longo da vida. A família exerce um papel muito importante e de cooperação com a escola, favorecendo, deste modo, o desenvolvimento equilibrado

da criança, tendo em vista a sua inserção na sociedade como um ser autónomo, livre e solidário.

Em Portugal, o ensino Pré-Escolar abrange crianças com idades compreendidas entre os quatro e os seis anos de idade. Ao espaço, que acolhe esta valência, denomina-se Jardim-de-Infância e os profissionais responsáveis são os educadores de infância.

1997 foi um ano de grandes mudanças na Educação Pré-Escolar, pois nesse ano criou-se uma rede nacional de escolas, denominadas Jardim-de-Infância.

A escola João de Deus foi a primeira a fundar uma escola de formação de professores, em 1952. João de Deus abriu o primeiro Jardim-Escola do país, onde acolheu crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos de idade em 1911, na cidade de Coimbra.

Segundo Dionísio e Pereira (2006), “a educação pré-escolar foi oficialmente definida como o lugar de desenvolvimento de atitudes e de aprendizagens da linguagem, de expressão artística e de um conhecimento geral do mundo.” (p.2)

Em 1997 também surgiram as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, onde estão contempladas todas as atividades educativas, bem como as competências a serem trabalhadas e desenvolvidas nas crianças, pelos educadores de infância.

Jean Piaget foi um psicólogo e filósofo suíço, que ficou conhecido pelo seu trabalho pioneiro no campo da inteligência infantil. As crianças em idade Pré-Escolar encontram-se, segundo Piaget, no estágio pré-operatório, conhecido também por pensamento intuitivo.

De acordo com Sprinthall e Sprinthall (1993), neste estágio “o pensamento sofre uma transformação qualitativa” e a capacidade de armazenamento de “imagens (palavras e estruturas gramaticais da língua, por exemplo) aumenta tremendamente.” (p.106)

Os autores acima citados afirmam que “a criança média de dois anos de idade compreende entre duzentas e trezentas palavras, enquanto que a de cinco anos de idade compreende duas mil.” (p.106), ou seja, a compreensão de palavras varia consoante a idade em questão.

Segundo o Ministério da Educação e das Universidades (1992):

aos três anos a frase pode ter dez sílabas; utiliza o artigo, o plural, o gênero, a forma negativa corretamente. (...) aos quatro-cinco anos (...) a criança desenvolveu e organizou já a sua oralidade de modo a poder, por este meio, expressar mais ou menos corretamente o seu pensamento. (p.25)

Para Araújo (2012), as crianças com idades compreendidas entre os dois e os três anos de idade possuem:

melhor coordenação motora, tanto para flexão como para extensão; controle do polegar; maior progresso na linguagem; interdependência das atividades mentais e motoras; aprende, ainda, principalmente por imitação; maior desenvolvimento da inteligência e poder de dedução; memória mais desenvolvida; negativismo acentuado; habilidade maior para expressar emoções; capaz de dramatizar (3 anos) e observação de detalhes e atenção mais desenvolvida.

A mesma autora defende que as crianças, com idades compreendidas entre os quatro e os cinco anos de idade, têm uma:

capacidade para concentrar a atenção durante 15-20 minutos, aos 4 anos e 20-40 minutos, a partir dos 5 anos; imaginação muito fértil; tem senso de iniciativa; percebe que pode planejar, ter e executar ideias; é mais seguro de si mesma e tem capacidade de autocrítica.

Em cada faixa etária existem características comportamentais e objetivos definidos, que fazem parte do seu desenvolvimento e os quais devem ser atingidos e desenvolvidos nas crianças, consoante a faixa etária.

Os primeiros anos de escolaridade são de uma importância fulcral, uma vez que constituem os alicerces para as aprendizagens futuras.

### **1.3. 1.ª Secção: Grupo dos 3 anos**

Período de estágio decorrido entre 27 de setembro e 4 de novembro de 2011.

#### **1.3.1. Caracterização da turma**

De acordo com as informações fornecidas pela educadora cooperante, esta turma de três anos é composta por vinte e nove crianças, sendo onze do sexo feminino e dezoito do sexo masculino. Todas as crianças completam três anos de idade até 31 de dezembro de 2012.

O grupo está bem integrado na dinâmica da escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens e experiências.

### 1.3.2. Caracterização do espaço

Temos acesso a esta sala por duas portas: uma, permite a entrada através do salão, e outra permite a entrada pelo exterior/recreio. Esta é utilizada pelas crianças que chegam atrasadas e para as entradas e saídas do recreio.

É uma sala acolhedora e muito organizada. Tem um espaço destinado à leitura de histórias, um tapete multiuso e um cantinho da magia, onde está uma arca com brinquedos e outra com legos.

A sala, numa das paredes, tem um *placard* onde são colocados os trabalhos das crianças e, na parede oposta, existem dois armários de arrumação de material. Na parede onde se encontra o *placard*, por baixo deste, existem os cabides das crianças com a fotografia e o nome de cada uma, de modo a tornar as crianças autónomas e responsáveis pelos seus pertences. Ao lado dos armários existe o mapa das presenças.

No que diz respeito à autonomia, ainda existe na sala um móvel com gavetas de arrumação e organização do material escolar de cada criança. Esta é responsável pela sua gaveta, que está identificada com a sua fotografia.

Neste espaço existem cinco mesas retangulares, cada uma com seis cadeiras e uma mesa de trabalho e de apoio para a educadora.

Tal como afirma Alliprandi (s.d., citado por Zabalza, 1998a), “a sala deve conter, quer armários, cadeiras e mesas, quer tudo aquilo que o educador entende, que possa ser útil face a uma mais completa realização e expressão da criança.” (p.134)

A sala de aula é um fator determinante no modo como as crianças se desenvolvem, tal como afirma Zabalza (1998a):

a sala é, antes de mais nada, e sobretudo na escola infantil, um *ambiente de vida*. E, não apenas pelo tempo que os professores e alunos nela passam, como também pelo seu sentido totalizante, de construção geral do que serão os recursos vitais de cada aluno. (p.132),

ou seja, este é o local de partilha de vivências entre o educador e a criança. É o local onde se formam futuros cidadãos.

### 1.3.3. Horário da turma

O Quadro 2 apresenta o horário das atividades desenvolvidas semanalmente, pelas crianças da sala dos 3 anos. O horário foi facultado pela educadora cooperante e, segundo ela, este pode sofrer alterações, consoante as necessidades/interesses das crianças.

Quadro 2 – Horário do grupo dos 3 anos

Horas	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h00-9h30	Partilha de saberes	Acolhimento/Canções de roda	Acolhimento/Canções de roda	Música	Acolhimento/Canções de roda
9h30-10h00	Área de Projeto: estimulação à leitura	Área de Projeto: estimulação à leitura	Área de Projeto: estimulação à leitura	Área de Projeto: estimulação à leitura	Área de Projeto: estimulação à leitura
10h00-10h30	Partilha de saberes	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Educação pelo Movimento
10h30-11h00	Educação pelo Movimento	Proposta de trabalho	Proposta de trabalho	Proposta de trabalho	Iniciação à Matemática
11h00-11h30	Recreio				
11h30-12h00	Higiene Preparação para o almoço				
12h00-12h30	Almoço				
12h30-14h30	Recreio (livre e orientado) Hora da sesta				
14h30-15h00	Higiene Preparação da sala				
15h00-16h00	Atividades de arte plástica; desenvolvimento da motricidade fina; jogos orientados; estimulação à leitura; aulas de descoberta				
16h00-16h20	Higiene				
16h20-17h00	Lanche/Saída				

**Nota:** De três em três semanas, esta turma tem aula de cerâmica às sextas-feiras das 9h00 às 10h00.

### 1.3.4. Rotinas

As rotinas são um assunto muito importante da Educação Pré-Escolar sobre o qual vários autores se debruçam, por proporcionarem à criança sentimentos de estabilidade e segurança. Também proporciona à criança maior facilidade de organização espaço-temporal e liberta-a do sentimento de *stress* que uma rotina desestruturada pode causar.

Rotinas são momentos que se repetem com alguma periodicidade e frequência, sendo planeadas pelo docente. Assim, as crianças sabem o que devem fazer nos vários momentos do dia e prever a sua duração, o que lhes transmite muita tranquilidade.

As rotinas nesta escola são semelhantes, dos 3 aos 5 anos, passando pelo acolhimento na roda até às refeições. As exceções são o facto das crianças de três anos dormirem a sesta e as de cinco anos não. Estas também não fazem o acolhimento na roda.

Tal como afirma Zabalza (1998b, p.195):

a rotina diária, (...), é um instrumento com utilidade educativa em vários níveis. Não podemos deixar de apontar agora que uma rotina é, principalmente, uma estrutura organizacional pedagógica que permite que o educador(a) promova atividades educativas diferenciadas e sistemáticas de acordo com as experiências que quiser colocar em prática.

Em suma, a rotina deve ser rica, alegre e prazerosa, proporcionando um espaço para a construção diária do projeto-pedagógico. Este momento é revestido de muitos afetos, pois ao chegar, a criança é acolhida com um beijo da educadora e o calor dos amigos ao som das músicas que ela conhece.

### **Acolhimento na Roda**

Às nove horas da manhã é realizada, no salão da escola, uma roda, onde as crianças se reúnem e cantam canções variadas com as educadoras e com as estagiárias. Esta roda é formada por círculos concêntricos, em que cada um deles diz respeito a uma idade. No centro da roda encontram-se as crianças de três anos, por serem as mais novas e, logo depois, encontram-se as crianças de quatro anos.

A roda tem uma duração de tempo entre os vinte e os trinta minutos. Neste acolhimento são cantadas músicas sugeridas pelas educadoras ou pelas crianças, não havendo deste modo um “guião” a seguir.

Segundo Cordeiro (2010):

as crianças gostam da escola, mas preferiam escapar no momento do “ir”, do corte da separação física dos pais. Para que este momento seja mais aliviado, mesmo nas crianças que já estão habituadas ao meio, é fundamental que o ambiente seja calmo, tranquilo, seguro e alegre, para que a criança se sinta sempre desejada pelas suas educadoras e pela escola. (p.371)

Este acolhimento na roda, a cantar, é também um momento de descontração e de convívio antes das crianças se dirigirem para as respetivas salas, para iniciarem as

suas atividades. Também é um momento que estimula a socialização entre a comunidade educativa (educadoras), estagiárias e crianças.

## **Higiene**

Os momentos de higiene são também muito importantes e têm lugar antes das crianças se dirigirem para a sala, antes e depois dos recreios e antes do almoço. Nas crianças de 3 anos acontece também, antes de irem para a sesta. As idas à casa de banho são sempre supervisionadas por um adulto.

De acordo com Cordeiro (2010), a higiene é considerada um “momento deveras importante.” O autor acrescenta que esta importância varia “muito de criança para criança (e de idade para idade), [havendo] um elo comum: o desenvolvimento da autonomia.” (p.373)

É de extrema importância que se incuta nas crianças, desde pequenas, os hábitos de higiene, para que estas, quando cresçam, se tornem seres autónomos nestas tarefas.

## **Recreios**

O recreio da manhã tem lugar às dez horas e trinta minutos, no recinto exterior da escola, que só se altera se as condições climatéricas assim o exigirem. Neste período de tempo, as crianças podem brincar e socializar-se de forma espontânea e livre. O recreio é sempre vigiado pelas educadoras titulares de turma.

Cordeiro (2010) afirma que:

o recreio é um espaço da maior importância (...). Nesta idade, o recreio representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em atividades lúdicas vigorosas e barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos. (p.377)

Durante o recreio, as crianças tomam um pequeno lanche, comendo duas ou três bolachas. Depois do almoço, algumas crianças de 3 anos, que não dormem a sesta, brincam juntamente com as crianças de 4 e de 5 anos.

## **Refeição**

As refeições (o almoço e o lanche) são momentos também importantes pois para além de alimentar, servem também para criar alguma autonomia, estimulando assim a criança a comer sozinha e a saber comportar-se à mesa.

Sobre este assunto Cordeiro (2010) refere que:

o almoço (e mais tarde o lanche) servem para alimentar, mas, do ponto de vista de socialização, também para criar uma maior autonomia (...). Há também um controlo das exigências pessoais, aprendendo a aceitar o menu do dia sem reclamar, como é por vezes hábito em casa. (p.373)

A refeição é um marco importante, pois coloca de parte as exigências das crianças, no que diz respeito ao menu apresentado, treinando a sua resiliência a este nível, o que, em casa, dificilmente acontece pois os pais têm tendência a ceder à vontade das crianças.

### **Sesta**

Todos os dias, após o almoço, as crianças de três anos fazem a sesta, estando sempre presente uma das educadoras. Este momento serve para descansar de uma manhã de atividades curriculares.

Em relação à sesta, Cordeiro (2010) afirma que “o que nas escolas (ou em casa) se deve fazer é proporcionar ambientes onde a sesta possa ser feita (luz velada, uma caminha, silêncio).” (p.306)

O mesmo autor afirma ainda que este momento é um direito da criança e:

deve ser feita num ambiente calmo (contrastando com o ambiente de “converseta” da hora de almoço), e estimulada a autonomia (as crianças devem tirar elas próprias os sapatos, deitar-se e tapar-se sozinhas, mesmo que as educadoras deem o toque final). (pp.373-374)

O ambiente, em que se desenrola o dormir das crianças, deve tentar ser um ambiente calmo e sereno. Tal como a higiene, a sesta também é um bom veículo para desenvolver a autonomia, pois o tirar os sapatos, o deitar-se sozinho e o tapar-se são ótimos para desenvolver esta capacidade.

### **1.3.5. Relatos Diários**

#### **Terça-feira, 27 de setembro de 2011**

Hoje fomos recebidas pela diretora da escola, que nos falou sobre o regulamento do estágio e informando, a seguir, quais as salas por onde íamos estagiar. Após a reunião, as minhas colegas de estágio e eu fomos para a sala. Quando lá chegámos, a educadora estava a fazer a chamada, marcando as presenças e as ausências das crianças.

Com as crianças sentadas em “U”, no tapete, a educadora leu a história *Matilde – vai-te embora ó Medo*, de Mary Katherine Martins e Silva, que uma criança trouxe de casa. De seguida, fez uma pequena conversa com os alunos sobre a mesma.

A estagiária S., aluna do 4.º ano do Curso de Educadores de Infância, lecionou uma aula com o material manipulável estruturado 1.º Dom de Froebel, abordando as noções espaço-temporais e a cor encarnada. Para finalizar a aula, entregou uma proposta de trabalho a cada uma, para pintarem um morango de encarnado.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Nestas idades, as crianças, quando **ouvem ler histórias** pela educadora ou por qualquer pessoa, estão a desenvolver capacidades como o imaginário e a familiarizar-se com a escrita. Tal como afirmam Martins e Niza (1998), “quando ouvem ler histórias, as crianças estão a familiarizar-se com a organização da linguagem escrita e estão a aprender a prestar atenção à mensagem linguística enquanto fonte principal de significado.” (p.88)

Relativamente ao **1.º Dom de Froebel**, este não apresenta só um interesse pedagógico; antes pelo contrário, é capaz de desenvolver capacidades e destrezas múltiplas como identificação das cores, lateralidade, associação e orientação espacial. (Caldeira, 2009)

### **Sexta-feira, 30 de setembro de 2011**

Neste dia, a turma foi dividida em dois grupos, pois era dia dos professores da aula de cerâmica irem à escola.

A minha colega de estágio A e eu acompanhámos o primeiro grupo.

Após a aula de cerâmica, a educadora levou as crianças a conhecer o ginásio e a biblioteca da escola, fazendo uma pequena conversa sobre cada um destes espaços. Na biblioteca, a educadora leu a história *Óscar – O pequeno Urso Polar*, com as crianças sentadas no chão, à sua frente.

Já na sala, a educadora entregou uma folha para as crianças desenharem a escola.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Na **biblioteca**, as crianças estiveram sentadas a ouvir uma história.

Cordeiro (2010) afirma que “a existência de bibliotecas e de troca de livros poderá ser uma solução exequível e relativamente barata, de forma a aumentar o interesse e a acessibilidade, mesmo antes de as crianças saberem descodificar o alfabeto.” (p.429), ou seja, a biblioteca é um local onde existem livros, de modo a suscitar interesse nas crianças, onde o ambiente é calmo criando assim um ambiente favorável para contar e ouvir histórias.

No que diz respeito à última atividade da manhã, a criança, por meio do **desenho**, cria e recria individualmente formas expressivas, integrando perceções, imaginação, reflexão e sensibilidade. Segundo Luquet (1979), “a princípio, para a criança, o desenho não é um traçado executado para fazer uma imagem mas um traçado executado simplesmente para fazer linhas.” (p.145), ou seja, o desenho é um conjunto de traços, cuja execução foi determinada e precedida pela intenção de representar um objeto real.

## **Segunda-feira, 3 de outubro de 2011**

Após estarem equipados para a aula de Educação pelo Movimento, as crianças sentaram-se à volta do tapete e a educadora fez um jogo apelando a dois dos cinco sentidos – a audição e a visão.

De seguida, a educadora montou o *datashow*, com a minha ajuda. Recorreu a este recurso para ler a história *A Lagartinha Comilona*, de Eric Carle, adaptada para *powerpoint* por Isabel Aquino. As crianças estavam sentadas, dispostas em filas, no tapete da sala.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Neste dia assisti a um **jogo** que a educadora realizou com as crianças, apelando aos sentidos. Formosinho (1996) afirma que “a finalidade educacional do jogo é a aprendizagem ativa.” (p.59), ou seja, os jogos, nestas idades, são um bom veículo para as aprendizagens.

A mesma autora defende:

porque o jogo é um aspeto de tal modo dominante nos anos pré-escolares e porque a interação social é um aspeto do jogo tão importante, é razoável partir do princípio de que os anos pré-escolares constituem um período em que as crianças são particularmente sensíveis ao desenvolvimento da competência social. (p.46)

Quando terminou o jogo, as crianças fizeram uma **roda** com as minhas colegas de estágio, onde cantaram e dialogaram com elas. A roda “é um excelente momento para proporcionar à criança oportunidades de realizar experiências-chave de desenvolvimento sócio emocional, representação, música, movimento, etc.” (Zabalza, 1998b, p.194). A roda, tal como o jogo, são indispensáveis nestas idades, pois permitem uma interação facilitadora da socialização.

### **Terça-feira, 4 de outubro de 2011**

A manhã começou com as crianças sentadas à volta do tapete, em “U” e a educadora a ler a história *Matilde - Vasco este é o bacio*, de Mary Katherine Martins e Silva.

Já sentadas nos respetivos lugares e cada estagiária responsável por uma mesa, as crianças desenharam a figura humana, enquanto a educadora estava com um pequeno grupo a preencher a grelha de avaliação referente à contagem.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Para esta manhã estava programado as crianças desenharem a figura humana. Para desenharem a figura humana, as crianças desenharam de forma natural a **garatuja**. Segundo Leite e Malpique (1984), “a garatuja é uma parte natural do desenvolvimento total das crianças, que reflete o seu crescimento fisiológico e psicológico.” (p.75). Este tipo de desenho é muito importante ser explorado nestas idades, para que as crianças tomem conhecimento das partes constituintes do seu corpo.

### **Sexta-feira, 7 de outubro de 2011**

Após a rotina matinal, as crianças dirigiram-se para a sala e sentaram-se nas cadeiras dispostas em “U”.

A educadora abordou a constituição do corpo humano, através da construção de um boneco, pedindo a colaboração das crianças para a montagem do mesmo.

Para finalizar a manhã, as crianças dirigiram-se para o ginásio para terem aula de Educação pelo Movimento.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A **atividade física** proporciona às crianças um desenvolvimento, não só a nível motor como, também a nível das suas expressões.

De acordo com Cordeiro (2008):

a prática de desporto em grupo prepara a criança para uma maior aceitação da diferença e para o ideal altruísta de “construir algo em comum”, para saber “dirigir” as derrotas sem agressividades ou desânimo e, desde que bem orientado, para uma competitividade sadia e estimulante, com o absoluto respeito pelas regras do jogo e pelo adversário. (p.434)

Para Hohmann (s.d., citado por Zabalza, 1998b), “as atividades de Educação Física permitem que a criança aprenda a movimentar-se de diversas formas, desenvolvendo a coordenação motora e o conhecimento do seu corpo. Estas aprendizagens assentam, igualmente, no desenvolvimento cognitivo e social da criança.” (p.203). Através de diferentes atividades, a criança aprende a conhecer melhor o seu corpo, a interiorizar a sua imagem, a relacionar-se com os outros e, acima de tudo, cria hábitos de vida saudáveis.

### **Segunda-feira, 10 de outubro de 2011**

A manhã começou com a educadora a ler a história *O Gonçalo é desastrado*, de Mymi Doinet.

No Domínio da Matemática, a educadora trabalhou as noções espaço-temporais, o conceito de cheio/vazio e transparente/opaco, recorrendo ao material manipulável estruturado 1.º Dom de Froebel. Com este material, lembrou as cores que já tinha ensinado e deu a conhecer a cor laranja.

Para finalizar a manhã, as crianças pintaram uma cenoura com a cor aprendida neste dia.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Os conceitos referidos na aula não são fáceis de assimilar para crianças com três anos de idade. No entanto, numa primeira abordagem ao 1.º Dom de Froebel, a educadora criou algum mistério à volta do material e tentou que fosse a criança a identificar as diferentes noções que pretendia.

Segundo Caldeira (2009), o material manipulável estruturado **1.º Dom de Froebel** desenvolve nas crianças uma série de capacidades/destrezas como “distinguir cores, diferenciar formas, desenvolver os sentidos do tato, visão, audição, lateralidade, equilíbrio, sequenciação, relacionar, desenvolver a memória, orientação espacial e desenvolver a criatividade.” (p.244). Os Dons de Froebel são um material que contribuem positivamente para o desenvolvimento da criança. Segundo a autora acima citada, “os “Dons” são fantásticos veículos para enaltecer o desenvolvimento

total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias.” (p.241)

### **Terça-feira, 11 de outubro de 2011**

A manhã começou com a abordagem do material manipulável estruturado 1.º Dom de Froebel, no que respeita ao Domínio da Matemática. Com este material, a educadora explorou as cores e as noções espaço-temporais, fazendo alguns exercícios, como por exemplo: “vai colocar a bola amarela debaixo da mesa da mesma cor”, “coloca a bola encarnada em cima da cadeira da mesma cor”.

Enquanto esperávamos pela hora de almoço, a educadora sentou-se no salão com as crianças e disse algumas lengalengas, que as crianças repetiam.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

O facto de os alunos repetirem **lengalengas** é muito importante, pois como afirma Sim-Sim (1998), estas “desempenham um papel importante no processo de sintonização, quando o interlocutor é uma criança.” (p.63). A educadora recorre a esta estratégia com alguma frequência. Segundo Agüera (2008), “as lengalengas repetitivas, pelas suas características, pela sua simplicidade, pelo seu ritmo e musicalidade, são uma boa estratégia para as crianças.” (p.29)

Considero importante a atitude do educador na sala de aula e a sua influência nas crianças porque, como diz Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999), “o professor é o elemento chave na criação do ambiente que se vive na sala de aula.” (p.28). Cabe à educadora a responsabilidade de propor e **organizar as tarefas** e de coordenar o desenvolvimento das atividades das crianças, mesmo quando surgem de imprevisto.

### **Sexta-feira, 14 de outubro de 2011**

Após a rotina matinal, no que respeita ao Domínio da Matemática, a educadora abordou pela primeira vez o material manipulável estruturado Blocos Lógicos, falando de um dos atributos – a cor.

De seguida, as crianças foram para a aula de Educação pelo Movimento e, no final da manhã, foram andar de escorrega, num dos recreios da escola.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Esta foi a primeira vez que assisti a uma aula com o material manipulável estruturado **Blocos Lógicos**. Este material é descrito por Alsina (2004, citado por

Caldeira, 2009), como sendo “um “material lógico” estruturado que tem quatro qualidades: a forma, a cor, o tamanho e a espessura.” (p.365). Segundo Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010), “a utilização de Materiais Manipuláveis Estruturados (M.M.E.) coloca as crianças em situações cada vez mais complexas envolvendo-as, progressivamente, numa linguagem matemática.” (p.5). As crianças, ao trabalharem com os materiais matemáticos, desenvolvem a capacidade de raciocinar matematicamente.

### **Segunda-feira, 17 de outubro de 2011**

Esta foi a minha primeira manhã de aulas.

Comecei por sentar as crianças, no tapete, em semicírculo, para ouvirem a história *Pequeno Azul e Pequeno Amarelo*, de Leo Lionni, explorada através de um *powerpoint*. Quando terminei a história, dirigi as crianças para o coreto, que se localiza no pátio da escola, de forma ordenada, onde as sentei à volta do jogo da memória que tinha para realizar, abordando os temas relativos ao Domínio da Matemática (as cores) e à Área de Conhecimento do Mundo (a visão).

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Neste dia, optei por lecionar duas áreas de conhecimento no **espaço exterior**, mais precisamente no coreto da escola, que se encontra num dos recreios por considerar também importante o uso dos pátios da escola para as aprendizagens.

De acordo com as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997), “o espaço exterior do estabelecimento de educação pré-escolar é igualmente um espaço educativo. Pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merece a mesma atenção do educador que o espaço interior.” (pp.38-39). A aula pôde decorrer neste espaço, pois as condições climatéricas estavam favoráveis.

Visto ser a minha primeira aula, e ter sido também a primeira do meu grupo de estágio, a lecionar a aula, neste grupo de crianças encontrava-me um pouco receosa com esta mudança de espaço, pois as crianças eram pequenas e estavam no início do ano letivo. Por fim pude constatar que a aula correu bem e que as crianças tinham gostado, exatamente por ter decorrido num espaço diferente.

### **Terça-feira, 18 de outubro de 2011**

A educadora solicitou-me que fizesse uma atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Para tal, li a história *Adivinha Quanto Eu Gosto de Ti*, de Sam Mc Bratney e, no final, cantei uma canção.

De seguida, a educadora trabalhou com o material manipulável estruturado 1.º Dom de Froebel, fazendo associação à quantidade. Para esta atividade, a educadora tinha ao pé de si o referido material e ainda escovas de dentes, em tamanho grande, com as mesmas cores do material manipulável estruturado. O jogo consistia em associar a cor da escova à cor da bola.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Foi a minha primeira aula surpresa e decidi **ler uma história**. Segundo Veloso (2009), “o contacto precoce com o livro infantil e com a literatura é por todos, reconhecido como fundamental no processo de ensino-aprendizagem.” (p.110). O contacto com livros estimula não só o gosto pela leitura como também desenvolve a capacidade de aprendizagem das letras, mais tarde.

### **Sexta-feira, 21 de outubro de 2011**

Depois das canções de roda, as crianças dirigiram-se para a sala. As minhas colegas e eu fomos chamadas para irmos assistir a uma aula surpresa, na sala dos quatro anos, solicitada por uma das professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica. A estagiária pediu às crianças que se sentassem em “U”, em cima das almofadinhas e contou a história *O Ratinho Torto*, de Ana Beatriz Afonso.

Após as aulas houve uma reunião, com as Supervisoras, a educadora e os professores cooperantes. Estiveram presentes todas as estagiárias, que assistiram às aulas.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

As aulas assistidas são um momento de grande tensão pois, sem estarmos à espera, é-nos solicitado que lecionemos um conteúdo. Estas aulas e, posteriormente, as **reuniões** com as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica, educadoras e professores cooperantes, servem para nos prepararem para a vida ativa, como afirma Zeichner (1993), “preparar os futuros professores para serem agentes ativos do seu próprio desenvolvimento profissional.” (p.14)

O objetivo deste tipo de avaliação é proporcionar momentos de aprendizagem e de grande produção para os alunos e professores, servindo de instrumento e de aprendizagem para todos.

### **Segunda-feira, 24 de outubro de 2011**

O dia começou com a aula, de manhã inteira, da minha colega de estágio.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a minha colega leu a história *Todos no Sofá*, de Luísa Ducla Soares. Colocou as crianças sentadas em “U”, no tapete. À medida que ia lendo a história, pediu a colaboração das crianças para irem buscar a imagem do animal que ela tinha acabado de ler/referir.

No Domínio da Matemática, fez associação à quantidade, envolvendo as operações soma e subtração, utilizando material manipulável não estruturado.

Por último, na Área de Conhecimento do Mundo, a minha colega de estágio começou por fazer uma pequena revisão de dois dos sentidos abordados em aulas anteriores (visão e audição) e introduziu o sentido do olfato. Para abordar o sentido do olfato, trouxe seis alimentos com cheiros diferentes, que fez circular pelas crianças, de modo a que descobrissem de que alimento se tratava, através do cheiro.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

No Domínio da Matemática, trabalhar operações recorrendo a **materiais manipuláveis** torna-se muito mais fácil.

Segundo Abrantes, *et al.* (1999):

materiais manipuláveis e modelos de representação contribuem para a integração dos processos na rede conceptual, isto é, para uma compreensão consistente. Além disso, facilitam a comunicação, ao permitir que os alunos falem de objetos concretos quando explicam os seus raciocínios. (p.47)

O material manipulável é essencial nestas idades, pois facilita a compreensão e a aprendizagem.

Na Área de **Conhecimento do Mundo** através de um jogo, utilizando o olfato, as crianças foram descobrindo os cheiros. Para Martins, Veiga, Teixeira, Tenreiro-Vieira, Rodrigues, Couceiro e Pereira (2009), é importante que as crianças tenham contacto com as ciências desde muito cedo “inicialmente, através do seu brincar e, posteriormente, de forma mais sistematizada quando acompanhada pelo adulto, a criança vai estruturando a sua curiosidade e o desejo de saber mais sobre o mundo que a rodeia.” (p.12), para que mais tarde ganhem o gosto pela Ciência.

### **Terça-feira, 25 de outubro de 2011**

Esta manhã foi destinada à aula da minha outra colega de estágio.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, leu a história *O Ovo do Ivo*, de David Bedford e Karen Sapp, com as crianças sentadas em “U”, no tapete.

Após uma pequena conversa com as crianças sobre a história, passou para o Domínio da Matemática, onde abordou as noções de lateralidade, utilizando material manipulável não estruturado.

Na Área de Conhecimento do Mundo, a minha colega entregou um saco a cada criança, onde, dentro deste, estavam diversos materiais que as crianças tinham que descobrir através do toque (sentido do tato).

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

No Domínio da Matemática, a minha colega abordou as **noções de lateralidade**. Sobre esta temática, Lorenzato (2006, p.24, citado por Caldeira, 2009), refere que as crianças, em sala de aula, devem trabalhar noções de “perto/longe, dentro/fora, em cima/em baixo, direita/esquerda, frente/trás.” (p.71), por serem noções deveras cruciais para a vida da criança. Ao manipularem os materiais propostos para a Área de Conhecimento do Mundo, as crianças fizeram-no, recorrendo ao **sentido do tato**. Catita (2007) afirma que o tema “dos sentidos” é trabalhado no Pré-Escolar pois nesta altura “existe um despertar para a tomada de consciência e de atenção das nossas capacidades sensoriais.” (p.226). Spodek e Saracho (1998) confirmam isso, quando referem que “os períodos sensíveis são períodos do desenvolvimento nos quais há uma maior receptividade da criança a um determinado tipo de aprendizado.” (p.51)

Em suma, é através do tato que a criança comunica com o mundo que a rodeia.

### **Sexta-feira, 28 de outubro de 2011**

A educadora solicitou à minha colega de estágio que fizesse uma atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Para esse efeito, a minha colega resolveu ler a história *Caracóis de Ouro e os Três Ursos*, de Ana Oom e dialogar com as crianças sobre a mesma. Quando terminou a leitura, as crianças dirigiram-se, com os professores de cerâmica (iniciação ao barro), para a sala destinada a essa atividade.

A manhã continuou com as habituais rotinas.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Na aula de cerâmica (**iniciação ao barro**) as crianças trabalham individualmente, moldando o barro.

O moldar o barro ou a plasticina, o rasgar, o cortar, o pintar, entre outros, fomentam o desenvolvimento infantil e a criatividade, melhorando consideravelmente a motricidade fina. De acordo com as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997), “os contactos com a pintura, a escultura, etc. constituem momentos privilegiados de acesso à arte e à cultura que se traduzem por um enriquecimento da criança, ampliando o seu Conhecimento do Mundo e desenvolvendo o sentido estético.” (p. 63)

Em suma, a motricidade fina é uma das capacidades fundamentais a ser desenvolvida nas crianças em idade pré-escolar, pois possibilita-lhes terem resultados gratificantes a vários níveis, desde a expressão plástica ao manuseamento dos materiais matemáticos, como os 3.º e 4.º Dons de Froebel, Cuisenaire e Calculadores Multibásicos.

### **Segunda-feira, 31 de outubro de 2011**

Neste dia, o corpo docente da escola encontrava-se em *roulement*.

As minhas colegas de estágio, as colegas da outra sala dos três anos e eu ficámos com a educadora da outra sala.

Uma das colegas leu a história *O Gonçalo é Desastrado*, de Mymi Doinet, que uma criança escolheu da estante da biblioteca, da sala. No final da história, a colega ensinou-lhes uma lengalenga.

Depois disto, as crianças sentaram-se nos lugares e brincaram com plasticina e legos, que esta lhes entregou.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Como se tratava de um dia de *roulement*, as rotinas, bem como as atividades curriculares e não curriculares, foram alteradas.

Neste dia, e ao contrário dos outros observados e relatados, as crianças puderam brincar com plasticina. Ao brincarem com a plasticina, as mesmas estão a desenvolver a **motricidade**, o que é muito importante nesta idade. Segundo

Rabinovich (2007), “a motricidade (...) não pode ser entendida como algo isolado, pois é pelo movimento que a criança entra em contato com o ambiente que a cerca, explora objetos e se comunica com o outro.” (p.28). A motricidade é uma das competências chave a ser desenvolvida desde tenra idade. O desenvolvimento desta competência possibilita, *a posteriori*, bons resultados na matemática e na escrita.

#### **Sexta-feira, 4 de novembro de 2011**

A manhã começou com a solicitação de uma aula surpresa, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, à minha colega C, por parte da educadora cooperante.

Esta leu a história *Partilhar*, de Anthea Simmons e Georgie Birkett, com as crianças sentadas no tapete da sala. Depois da leitura da história, dialogou com as crianças, sobre a mesma.

De seguida, a educadora abordou o material manipulável estruturado Blocos Lógicos. Relembrou dois dos atributos dados – a cor e o tamanho – e lecionou um novo atributo – a espessura. Com este material realizou alguns exercícios, de forma lúdica. As crianças continuaram com as rotinas normais.

#### **Inferências e Fundamentação Teórica**

No Domínio da Matemática a educadora trabalhou com o material manipulável estruturado **Blocos Lógicos**. Para Simons (2007, citado por Caldeira, 2009), os blocos lógicos são “um instrumento muito rico para aqueles que desejam mediar o desenvolvimento do sujeito e estão em busca de estratégias que lhes permitam o seu enriquecimento.” (p.365). Caldeira (2009, pp.368-369) reforça a ideia de que “os blocos lógicos não ensinam a fazer contas, mas exercitam a lógica. A sua função principal é dar às crianças a oportunidade de realizarem as primeiras operações lógicas, como sejam a correspondência e a classificação.” Para a mesma autora “o jogo constitui uma ferramenta pedagógica, promotora do desenvolvimento cognitivo e do desenvolvimento social.” (p.49)

De um modo geral, tive a oportunidade de assistir a uma atividade bastante completa e interessante, pois desenvolveu nas crianças diversas capacidades.

#### **1.4. 2.ª Secção: Grupo dos 4 anos**

Período de estágio decorrido entre 7 de novembro e 16 de dezembro de 2011.

##### **1.4.1. Caracterização da turma**

De acordo com as informações fornecidas pela educadora cooperante, a turma dos quatro anos desta escola é composta por vinte e oito crianças, sendo quinze do sexo feminino e treze do sexo masculino. Todas as crianças completam quatro anos de idade até 31 de dezembro de 2012. O grupo está bem integrado na dinâmica da escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens e experiências.

##### **1.4.2. Caracterização do espaço**

A sala dos quatro anos está, em quase todas as escolas da Associação João de Deus, inserida no salão. Salão, porque é uma sala muito grande e polivalente. Este salão tem como característica principal o facto de se encontrar localizado no centro da escola e é dele que saem todas as outras salas e é por ele que quase tudo e todos passam. A porta principal da escola, regra geral, tem acesso direto e privilegiado para o salão.

Nomeadamente na escola onde estagiei, este espaço destinado à sala dos quatro anos, é o mais afastado da porta do salão, ficando próximo das salas das crianças dos três anos e das de cinco anos, bem como da entrada do refeitório/cantina.

Neste espaço, encontram-se quatro mesas octogonais, numeradas de um a quatro, de modo a que as crianças identifiquem, não só o algarismo, como também o lugar onde se sentam, pois todas têm o seu lugar marcado.

Também se encontra neste espaço um móvel com gavetas coloridas, onde cada criança guarda o seu material, identificadas com a sua fotografia. Junto deste, existe o Cantinho da Leitura.

Existe um *placard*, onde a educadora coloca alguns trabalhos das crianças e existe ainda um mapa das presenças, um mapa com os chefes da semana e uma estante com livros.

Segundo Zabalza (1998b), “uma sala de aula de Educação Infantil deve ser, antes de mais nada, um cenário muito estimulante, capaz de facilitar e sugerir múltiplas possibilidades de ação.” (p.53)

Junto da outra sala dos quatro anos está um espaço reservado aos cabides de todas as crianças de quatro anos.

### 1.4.3. Horário da turma

O Quadro 3 apresenta o horário das atividades desenvolvidas semanalmente, pelas crianças da sala dos 4 anos. O horário facultado pela educadora cooperante poderá sofrer alterações, no decorrer das atividades.

Quadro 3 – Horário do grupo dos 4 anos

Horas	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h00-9h30	Canções de Roda/Acolhimento				
9h30-10h00	Iniciação à Matemática (Dons de Froebel)	Iniciação à Matemática (Contagem/material alternativo)	Iniciação à Matemática (Geoplano/Tangram/Calculadores Multibásicos)	Iniciação à Matemática (Cuisenaire)	Iniciação à Matemática (Blocos Lógicos/Diagramas/Conjuntos/Sequências)
10h00-10h30	Descobrir o que se sabe	Formação Cívica	Grafismos	Formação Cívica	Trabalhos de Grupo
10h30-11h00	Recreio	Partilha de saberes	Recreio	Ginástica	Recreio
11h00-11h30	Conhecimento do Mundo	Ginástica	Conhecimento do Mundo	Música	Conhecimento do Mundo
11h30-12h00	Jogos de Roda				
12h00-12h30	Preparação para o almoço				
12h30-14h30	Almoço				
14h30-15h00	Recreio Orientado e Recreio Livre				
14h30-15h00	Expressão Dramática	Estimulação à Leitura	Expressão Plástica (pinturas/digitinta/carimbos)	Atividades Gráficas (ditados/desenhos de série)	Descobertas dos Pequenos Cientistas
15h00-15h30	Área de Projeto	Expressão Plástica (desenho livre/ilustrações)	Jogos de Mesa e Plasticina Modelagem	Atividades Gráficas (ditados/desenhos de série)	Estimulação à Leitura
15h30-16h00	Dobragens Entrelaçamentos Enfiamentos Harmónios	Atividades nos Cantinhos Jogos de Tapete	Picotagem Contorno Rasgagem Recorte Colagem	Jogos Tradicionais	Expressão Corporal
16h00-16h25	Lengalengas Destrava Línguas Adivinhas	Expressão Dramática/Biblioteca	Rimas/Poesias	Rimas/Poesias	Reflexão Semanal
16h25-16h45	Lanche				
16h45-17h00	Despedidas				

#### 1.4.4. Rotinas

Em relação às rotinas das crianças de quatro anos, estas pouco diferem das rotinas das crianças de três anos.

As crianças de quatro anos não têm presente, no seu horário, a hora da sesta, realizada depois do almoço, ficando assim a brincar no recreio com as crianças de cinco anos.

Em relação ao acolhimento na roda, este bibe é sempre o último a abandonar a roda, ficando por vezes a fazer jogos com a educadora.

#### 1.4.5. Relatos Diários

##### Segunda-feira, 7 de novembro de 2011

Neste dia, houve aulas surpresa por parte das professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica. Assisti às aulas surpresa da colega M, na sala dos quatro anos, e à da colega D, na sala dos cinco anos. A primeira colega sentou as crianças nas almofadinhas e contou a história *Que Grande Barulheira!*, de Ana Beatriz Afonso.

A colega D contou a história *O Ratinho Torto*, de Ana Beatriz Afonso e, de seguida, levou um grupo de três crianças à Cartilha Maternal, onde ensinou a regra da sílaba forte, enquanto o resto da turma fazia um desenho mas, ao contrário, ou seja, “de pernas para o ar”, pois o ratinho da história fazia tudo ao contrário.

Por último houve uma reunião com as Supervisoras e com as educadoras cooperantes. Todas as colegas de estágio assistiram a esta reunião, onde foi dado o *feedback* das aulas.

#### Inferências e Fundamentação Teórica

Todas as **reuniões** com as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica e com as educadoras cooperantes são importantes, não só para esclarecer todas as dúvidas como também para refletir sobre aquilo que correu bem ou menos bem. Este é um aspeto formativo que nos ajuda a crescer enquanto alunos estagiários.

Segundo Alarcão (1982, citada por Severino, 2007):

é necessário ajudar o aluno/supervisando a tomar as suas próprias decisões a respeito da sua atuação, o que exige um esforço conjunto do supervisor e do supervisando. Para haver progressão do formando, este necessita de ter consciência dos pontos menos bons da sua ação, carecendo, para tal, de observar, de diagnosticar e de tomar posições, num movimento dialético de ação-reflexão. (p.42)

Ao ouvirmos a avaliação das educadoras cooperantes e das professoras da Equipa da Supervisão Pedagógica podemos aferir quais as atitudes que devemos continuar a ter e aquelas que devemos melhorar.

### **Terça-feira, 8 de novembro de 2011**

Hoje a educadora iniciou o dia com uma atividade, no Domínio da Matemática, com o material manipulável estruturado Blocos Lógicos.

Começou por fazer uma pequena revisão dos atributos deste material estruturado e, em seguida, construiu, no quadro, duas tabelas de dupla entrada. A primeira tabela consistia em atribuir a cor à forma e, na segunda, a quantidade à cor. Esta preencheu-as com a colaboração das crianças.

Quando terminaram de comer a bolacha e de se equiparem para a aula de Educação pelo Movimento, a educadora dirigiu as crianças para a biblioteca da escola. Aí relembrou os nomes dos planetas do Sistema Solar, bem como o que existe no Universo. Em seguida, a turma continuou com as rotinas habituais.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Através do preenchimento da tabela de dupla entrada, em que eram distinguidos e categorizados os atributos das peças, a educadora conseguiu deste modo desenvolver nas crianças destrezas e capacidades importantes, como o **raciocínio lógico-matemático**. Caldeira (2009) afirma que “muitas relações lógicas são constituídas pelas próprias crianças quando lidam com critérios e atributos. As noções de critério envolvem a coordenação de relações lógicas entre atributos, na medida em que estas podem ser combinadas.” (p.364). Segundo Canals (1992, citado por Caldeira, 2009), “o raciocínio lógico-matemático inclui as capacidades de identificar, relacionar e operar e fornece as bases necessárias para se poder adquirir os conhecimentos matemáticos.” (p.364)

Ao assistir a esta aula, tive a oportunidade de adquirir mais conhecimentos sobre este material e a forma como o abordar junto das crianças.

### **Sexta-feira, 11 de novembro de 2011**

A manhã começou com a educadora a lecionar, no Domínio da Matemática, a teoria de conjuntos, em que falou sobre o conjunto vazio, o conjunto singular e a cardinalidade de um conjunto.

Depois, as minhas colegas e eu fomos assistir à aula surpresa de uma colega do Curso de Educadores de Infância. Esta aula foi assistida pela diretora da escola e pela educadora da sala dos três anos de idade. A estagiária contou a história *O Ratinho Torto*, de Ana Beatriz Afonso e, para terminar, cantou uma canção.

Terminada esta aula, fomos para a nossa sala e acompanhámos um dos grupos à aula de cerâmica.

A manhã terminou com uma reunião, onde estavam presentes as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica, os professores e as educadoras cooperantes.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Nunca tinha assistido a uma aula sobre teoria de **conjuntos** e achei interessante o modo como se abordou o tema. Considero que este conteúdo é importante ser trabalhado aos quatro anos para introduzir o conceito de número através da contagem dos elementos de um conjunto, assim como aprenderem a agrupar por associação. Para Caldeira (2009), “a um qualquer número de elementos de uma determinada espécie dá-se o nome de conjunto.” (p.382). As *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997) também referem este tema definindo conjunto como o “agrupar os objetos, ou seja, formar conjuntos de acordo com um critério previamente estabelecido (...), reconhecendo as semelhanças e diferenças.” (p.74)

### **Segunda-feira, 14 de novembro de 2011**

Com as crianças sentadas nos respetivos lugares, a educadora lecionou, no Domínio da Matemática, as linhas horizontal e vertical e as figuras geométricas – quadrado, retângulo e triângulo, recorrendo ao material manipulável estruturado Geoplano.

Após o recreio, fomos para a biblioteca, onde a educadora fez uma pequena dramatização com as crianças. Aí, explicou a sucessão do dia e da noite, conteúdo da Área de Conhecimento do Mundo.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

O **Geoplano** é um material estruturado de fácil mobilidade e muito dinâmico. Tal como afirmam Serrazina e Matos (1988):

uma das grandes vantagens do geoplano é a sua mobilidade, o que faz com que os alunos se habituem a ver figuras em diversas posições. Outra das vantagens específicas do geoplano é que, ao contrário da folha de papel é um

aparelho dinâmico, permitindo “desenhar” e “apagar” facilmente e possibilitando a aferição rápida de conjeturas. (p.14)

Para os autores acima referidos, “os geoplanos são um excelente meio para as crianças explorarem problemas geométricos, registando o seu trabalho no papel ponteados.” (p.13). A educadora, ao trabalhar as figuras geométricas, ia questionando os alunos sobre o porquê da classificação daquela figura.

Depois do recreio, a educadora fez uma pequena **dramatização** com as crianças. Borges (1987) menciona que “a representação teatral é a brincadeira mais importante nesta idade.” (p.24). A dramatização, envolvendo as crianças, é muito importante, pois, através desta, vão assimilando e acomodando os conhecimentos científicos.

### **Terça-feira, 15 de novembro de 2011**

Neste dia as turmas da Educação Pré-Escolar foram ao Teatro Tivoli, assistir à peça *Ovos, Canela e Verdade – A Receita da Amizade*, acompanhadas pelas educadoras titulares de turma e pelas estagiárias.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Esta manhã de estágio foi diferente e interessante, pois tive a oportunidade de sair da escola, diversificando assim o meu papel enquanto aluna estagiária, deslocando-me, com as educadoras e crianças ao **teatro**, para assistir a uma peça.

Para Koudela (s.d.):

a ida ao teatro é extra quotidiana em relação à rotina escolar. Mas ela pode ser transformada em oportunidade para criar uma situação de ensino/aprendizagem, na qual a descoberta e a construção de conhecimento estejam presentes, através da preparação antes da ida ao teatro e na volta à escola. (p.3)

Apesar de a rotina ter sido alterada, esta peça conseguiu transmitir o valor da amizade na formação de um indivíduo.

### **Sexta-feira, 18 de novembro de 2011**

A manhã começou com o ensaio para a festa de Natal (dramatização de uma peça de teatro intitulada *Vamos à Lua*).

A seguir ao recreio, fomos para a sala de Informática onde a educadora leu o livro *Avós*, de Chema Heras e Rosa Osuna.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Este foi o primeiro dia em que assisti à preparação para a festa de Natal, ou seja, o primeiro dia em que vi a **dramatização** feita pelas crianças. Para Reis (2003), na expressão dramática a criança “(...) interage com uma ou mais crianças, em situações de comunicação verbal e não verbal.” (p.130). De acordo com as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997), a expressão dramática é:

um meio de descoberta de si e do outro (...). Na interação com outra ou outras crianças, em atividades de jogo simbólico, os diferentes parceiros tomam consciência das suas reações, do seu poder sobre a realidade, criando situações de comunicação verbal e não-verbal. (p.59)

Foi muito importante assistir a este ensaio, pois pude perceber a dificuldade que é ensaiar crianças tão pequenas, quando existem falas, entradas e saídas do palco. Mas, quando se assiste ao trabalho final, será muito gratificante.

## **Segunda-feira, 21 de novembro de 2011**

Este dia foi dedicado à aula, de manhã inteira, da minha colega de estágio A.

Esta começou por lecionar, no Domínio da Matemática, a identificação do algarismo. Para isso, entregou a cada criança um saco com algarismos móveis e uma caixa por mesa, que tinha imagens de luas e de sóis.

De seguida, passou para o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, onde leu a história *A que sabe a Lua*, de Michael Grejneic, acendendo uma vela e apelando aos sabores que as crianças mais gostam.

Após o recreio, fomos para a biblioteca, onde abordou, na Área de Conhecimento do Mundo, o tema Universo (Sol e Lua). Nesta área apelou ao conhecimento que as crianças já tinham adquirido e explicou as fases da Lua, através de uma pequena dramatização com as mesmas.

Após o almoço, a educadora falou connosco com o intuito de avaliar a aula.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

A aula da minha colega que mais me cativou foi a do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Foi sem dúvida muito estimulante, pois esta levou as crianças para o imaginário ao acender a vela, ou seja, criou um ambiente propício para a **leitura de histórias**.

As *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997) referem que:

o contacto com a escrita tem como instrumento fundamental o livro (...). As histórias lidas ou contadas pelo educador, recontadas e inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler. (p.70)

Para Veloso (2009), “a hora do conto continua a ser uma prática recomendada (...), dado que o ato mágico de contar não perdeu atualidade.” (p.112)

Como estagiária dedicada e empenhada, a colega elaborou todos os materiais para esta aula, de forma criteriosa e cuidada.

### **Terça-feira, 22 de novembro de 2011**

Após a rotina, a educadora lembrou os quatro atributos do material manipulável estruturado Blocos Lógicos e procedeu ao preenchimento das grelhas de avaliação, sobre o mesmo material, passando de mesa em mesa, enquanto as restantes crianças faziam construções planas com o mesmo.

A manhã continuou com as rotinas diárias.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Neste dia achei interessante a educadora mostrar uma **grelha de avaliação**, referente ao material manipulável estruturado Blocos Lógicos. Para Pereira (2002), as grelhas de avaliação são “uma ajuda valiosa, de forma a não incidirem sempre sobre as mesmas crianças ou a diversificar os pontos que pretendem focar.” (p.117)

As grelhas de avaliação, para além de serem um objeto regulador da aprendizagem dos alunos, são entendidas por Barlow (2006, citado por Castro, 2012), como “uma comparação entre o que se constata e o que se esperava; entre o real e um ideal.” (p.18). Perante estas grelhas, o educador pode concluir em que patamar é que as crianças se encontram e onde é urgente intervir.

### **Sexta-feira, 25 de novembro de 2011**

A manhã foi reservada para a aula de manhã inteira da minha colega de estágio C.

Esta começou pelo Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, lendo a história *Caracolinhas de Ouro*, de Marion Billet.

De seguida, lecionou, no Domínio da Matemática, a ordem crescente e decrescente, com o auxílio de material manipulável não estruturado.

Após o recreio, a meio da manhã, a minha colega lecionou, na Área de Conhecimento do Mundo, a temática - divisões da casa. Para abordar este tema, levou uma Casa de Bonecas, onde pediu a colaboração das crianças para que colocassem os acessórios de cada divisão da casa, de modo a que ficasse completa.

Depois do almoço, a educadora cooperante falou connosco, com o intuito de avaliar a aula lecionada pela minha colega de estágio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

No Domínio da Matemática achei importante a minha colega ter trazido para todas as crianças, **material manipulável**, pois este é um ótimo veículo para a compreensão da matéria. Segundo Caldeira (2009), “o material manipulativo, através de diferentes atividades, constitui um instrumento para o desenvolvimento da Matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem.” (p.15). Para Bezerra (1962, citado por Caldeira, 2009), o material didático é “todo e qualquer acessório usado pelo professor para realizar a aprendizagem.” (p.15)

Os materiais utilizados na aula da minha colega foram ótimos promotores da atenção e interesse das crianças.

### **Segunda-feira, 28 de novembro de 2011**

Este dia começou como todos os outros. Após a rotina, lecionei a minha manhã de aulas, solicitada e marcada previamente, pela educadora cooperante.

Com as crianças sentadas nos seus lugares, comecei pelo Domínio da Matemática, onde efetuei cálculo com o auxílio de material manipulável não estruturado. Distribuí, por cada criança, um saquinho com imagens.

Após o recreio, dirigi-me com as crianças para a biblioteca da escola. Já sentadas nos bancos, abordei, recorrendo à apresentação de um *powerpoint* na Área do Conhecimento do Mundo, a temática – tipos de habitação.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita li a história *Os Três Porquinhos*, de Ana Oom, recorrendo à mesma tecnologia.

Após o almoço, a educadora deu-me o *feedback* da aula.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Considerei construtivas as críticas apresentadas, tanto pela educadora cooperante como pelas minhas colegas de estágio, no que diz respeito aos aspetos positivos e aos aspetos a melhorar. Enquanto aluna estagiária e futura profissional de educação, considero pertinente que haja **reflexão** sobre as práticas lecionadas. Arends (1995) considera que “os professores tornam-se progressivamente mais competentes mediante a atenção prestada ao seu próprio processo de aprendizagem e ao desenvolvimento das suas características e competências específicas.” (p.19)

Ouvi as apreciações e interiorizei-as, de modo a aperfeiçoar a minha futura prestação.

### **Terça-feira, 29 de novembro de 2011**

As crianças foram para o ginásio, após as suas rotinas matinais, para ensaiarem para a festa de Natal.

Após o ensaio para a festa, fomos assistir a uma peça de Teatro Circense que foi à escola, intitulada *Sonhando Acordado*.

A manhã continuou com as crianças a brincarem livremente no recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A Companhia de Teatro Circense atuou no salão, o que fez com que as rotinas das crianças de quatro anos fossem alteradas, ficando estas a **brincar**, durante a parte da manhã, no recreio. Segundo Hohmann e Weikart (1997), “o tempo no exterior permite às crianças brincarem juntas, inventar os seus próprios jogos e regras e familiarizarem-se com os ambientes naturais. Permite também aos adultos observar e interagir com as crianças num contexto que as faz sentirem-se confortáveis.” (p.231). As crianças gostaram do teatro, pois envolvia alguns momentos de magia.

### **Sexta-feira, 2 de dezembro de 2011**

Neste dia o corpo docente da escola encontrava-se em *roulement*.

As minhas colegas de estágio, as colegas da outra turma dos quatro anos e eu ficámos com a educadora cooperante S.

As crianças fizeram figuras natalícias, trabalhando com pasta de modelar.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Tinha sido solicitado pela educadora que preparássemos uma atividade para fazer com as crianças. Surgiu a ideia de fazer figuras com pasta de modelar e, como estávamos perto do Natal, decidimos fazer com cada criança figuras natalícias, para que, depois, cada uma levasse para sua casa e pendurasse na árvore de Natal.

Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997), “o desenvolvimento da motricidade fina insere-se no quotidiano do jardim-de-infância, onde as crianças aprendem a manipular diversos objetos.” (p.59). As crianças gostaram de fazer esta atividade. A brincar estavam a desenvolver a **motricidade fina** ao amassar e moldar a pasta, para fazerem a figura pretendida.

## **Segunda-feira, 5 de dezembro de 2011**

Com as crianças sentadas no chão em roda, a educadora conversou com as mesmas sobre o fim-de-semana.

Em seguida dirigimo-nos para o ginásio, onde ensaiámos para a festa de Natal.

Após o recreio, a educadora solicitou uma aula surpresa à minha colega de estágio A, referente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Ela leu a história *Tanto, tanto!*, de Trish Cooke.

Após a hora de almoço, conversámos sobre a aula observada.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Neste dia, a minha colega de estágio foi surpreendida pela educadora para **ler** uma **história** e, mais uma vez, levou as crianças para o mundo mágico das histórias. Para Martins e Niza (1998) “quando as crianças ouvem ler histórias, estão a lidar com o potencial simbólico da linguagem.” (p.88). As crianças desta turma gostam muito de ouvir histórias. Para elas, este é um momento mágico e único, mantendo-se assim sempre com bastante atenção.

## **Terça-feira, 6 de dezembro de 2011**

A manhã começou com os ensaios para a festa de Natal, no ginásio.

Quando este terminou, a educadora dirigiu-se para a sala e trabalhou sequências, explorando as linhas horizontal e vertical, recorrendo ao material manipulável estruturado Geoplano.

Após o recreio, a educadora cooperante solicitou à minha colega de estágio que fizesse uma atividade no âmbito do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Esta contou a história *Um Dia Mal Humorado*, de M. Christina Butler e terminou a cantando uma canção.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

No Domínio da Matemática, a educadora trabalhou com o material manipulável estruturado **Geoplano**. Este material é, segundo Caldeira (2009), “um recurso manipulativo, para observação e análise de figuras geométricas.” e de linhas. (p.409) Para a mesma autora “é importante que o professor desenvolva aulas com lógica e sequência tendo em consideração os programas, a idade dos alunos e o seu ritmo de trabalho.” (p.409). Segundo Damas, *et al.* (2010), trabalhar com o material geoplano favorece “o conhecimento do material e o desenvolvimento da coordenação psicomotora.” (p.87)

Em suma, a aula com o material geoplano foi motivadora e teve uma sequência lógica.

### **Sexta-feira, 9 de dezembro de 2011**

Neste dia o corpo docente da escola encontrava-se em *roulement*.

As minhas colegas de estágio, as colegas da outra turma dos quatro anos e eu ficámos com a educadora cooperante M.

As crianças começaram a manhã, fazendo um desenho.

De seguida, a educadora trabalhou com as crianças o material manipulável estruturado 3.º Dom de Froebel. Fizeram as construções da cama, da mesa e das cadeiras e da coluna com base.

As crianças da turma da educadora S foram para a aula de cerâmica.

Depois da aula de cerâmica, as crianças realizaram uma atividade, proposta por nós, que consistia em enfeitar uma árvore de Natal e adornar uma cartolina. O objetivo era fazer um postal de Natal, para oferecer às educadoras titulares das turmas de quatro anos.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Obtive importantes e boas aprendizagens, ao observar a educadora manipulando o **3.º Dom de Froebel**. Segundo Caldeira (2009), o 3.º Dom de Froebel

“é composto por 8 cubos guardados dentro de uma caixa de madeira, também em forma de cubo.” (p.248)

Para a autora supracitada, com este material “pretende-se que as crianças realizem construções que permitam atividades com variedade de raciocínios matemáticos.” (p.255). Este material, para além das características mencionadas anteriormente, também é um ótimo meio para trabalhar e desenvolver a motricidade fina.

### **Segunda-feira, 12 de dezembro de 2011**

Com as crianças sentadas em “U”, a educadora conversou com estas sobre o que tinham feito no fim-de-semana. Em seguida, dirigimo-nos para o ginásio, a fim de ensaiar para a festa de Natal.

Ao regressarem à sala, após o recreio da manhã, a educadora distribuiu um saco a cada criança, que continha o material manipulável estruturado Tangram. Com ele trabalharam a construção do quadrado.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

O facto de a educadora se ter sentado no chão na roda com as crianças e conversar sobre o fim-de-semana, proporcionou, um ótimo momento de socialização e de desenvolvimento da linguagem oral.

No que diz respeito à aula de **Tangram**, este material é considerado um jogo, ou quebra-cabeças de origem chinesa.

Segundo Damas, *et al.* (2010), “o Tangram é um M.M.E. constituído por sete peças (figuras geométricas): um quadrado, um paralelogramo, dois triângulos pequenos geometricamente iguais, um triângulo médio e dois triângulos grandes geometricamente iguais.” (p.137). Segundo Santos (2008, citado por Caldeira, 2009), “o Tangram, como jogo ou como arte, possui um forte apelo lúdico e oferece àquele que brinca um envolvente desafio.” (p.391). Ainda para Damas, *et al.* (2010), “este material permite realizar uma enorme variedade de atividades que implicam o desenvolvimento do sentido espacial e criativo dos alunos.” (p.137)

Achei vantajoso o facto de a educadora trabalhar com este material manipulável estruturado, pois até aqui ainda não o tinha visionado em nenhuma aula.

### **Terça-feira, 13 de dezembro de 2011**

Após a rotina matinal, as crianças dirigiram-se para os seus lugares e, já sentadas, a educadora realizou uma sequência numérica de cores e de figuras geométricas com material manipulável não estruturado. Em seguida, a educadora procedeu ao preenchimento das grelhas de avaliação sobre a identificação de algarismos.

Após o preenchimento das grelhas de avaliação, fomos ensaiar para a festa de Natal e, em seguida, foi-me solicitada pela educadora uma aula surpresa. Nesta li a história *O Ganso Tanso e O Pato Pateta Brincam às Escondidas*, de Sally Grindley.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Para finalizar a manhã foi-me comunicado o **feedback** sobre a minha aula.

Bengtsson (1995, citado por Quintas, 1998) defende que é “através da prática da reflexão que o professor consegue identificar em que aspetos se traduz a sua competência, melhorá-la, tomar decisões sobre as formas como ensina e pode, inclusivamente, utilizar esse conhecimento para ensinar outros professores.” (p.10)

A partir do *feedback* dado pela educadora cooperante, posso pensar criticamente sobre as minhas práticas, melhorando o que corre menos bem.

### **Sexta-feira, 16 de dezembro de 2011**

Por nos encontrarmos no último dia de estágio, antes das interrupções letivas do Natal, foi proposto pelas educadoras do Pré-Escolar a realização de uma atividade lúdica para ser apresentada às crianças.

Após a apresentação, as crianças brincaram livremente.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

As crianças brincaram durante toda a manhã. O brincar é tão importante como as rotinas, pois é através do brincar que as crianças socializam umas com as outras. Para as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997) “a educação pré-escolar é um contexto de socialização em que muitas aprendizagens decorrem de vivências (...).” (p.34). Alves, Arêdes e Carvalho (2007) entendem **socialização** como “o processo de integração de uma criança numa determinada sociedade (...).” (p.47), ou seja, a socialização é fundamental na vida de qualquer criança. Para Cortez (1995), o termo socialização é a “transformação de um

ser associar em social, isto é, um processo pelo qual o indivíduo apreende e interioriza os valores, as normas e os códigos simbólicos do meio onde se integra.” (p.1)

A socialização deve ser fomentada desde tenra idade e o crescimento social irá influenciar a personalidade da criança.

### **1.5. 3.ª Secção: Grupo dos 5 anos**

Período de estágio decorrido entre 2 de janeiro e 10 de fevereiro de 2012.

#### **1.5.1. Caracterização da turma**

De acordo com a informação fornecida pela educadora cooperante, a turma dos cinco anos desta escola é composta por trinta crianças, dezanove do sexo feminino e onze do sexo masculino. Quase todas as crianças têm cinco anos de idade, exceto duas, que já têm seis anos de idade.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica da escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

#### **1.5.2. Caracterização do espaço**

A sala dos cinco anos encontra-se ao lado do refeitório/cantina, junto do salão. Esta tem como acesso duas portas, uma que comunica com o exterior (local por onde entram as crianças que chegam atrasadas) e outra que comunica com o salão da escola.

É uma sala com bastante luminosidade, pois possui duas grandes janelas.

Nesta sala as mesas encontram-se por filas horizontais, sentando-se as crianças umas ao lado das outras. Ao canto da sala e à frente encontra-se a secretária da educadora, que tem em cima um grande livro – *Cartilha Maternal*, onde as crianças vão ler a lição, em pequenos grupos (3-4 crianças).

Para além disto, esta sala ainda tem um móvel com gavetas (que serve para cada criança guardar o seu material), dois quadros magnéticos, um móvel de arrumos para os dossiês e capas de cada criança e, ainda, pendurados nas paredes, três *placards*, onde a educadora coloca alguns trabalhos das crianças.

### 1.5.3. Horário da turma

O Quadro 4 apresenta o horário das atividades desenvolvidas semanalmente, pelas crianças da sala dos 5 anos. O horário facultado pela educadora cooperante poderá sofrer alterações no decorrer das atividades, consoante o interesse ou a necessidade da turma.

Quadro 4 - Horário do grupo dos 5 anos

Horas	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h00-10h15	Iniciação à Matemática Material Escrita	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática Material Escrita	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática Material Escrita
10h15-10h45	Recreio + W.C.				
10h45-11h50	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática Material Escrita	Educação pelo Movimento (11h00-11h30) Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática Material Escrita Música (10h50-11h40)	Iniciação à Leitura e Escrita
12h00-13h00	Almoço				
13h00-14h00	Recreio orientado e livre				
14h00-15h00	Escrita e letras	Inglês	Jogos Matemáticos Cidadania Área de Projeto	Escrita e letras	Educação pelo Movimento (15h00-15h30)
15h00-16h30	Ditados Gráficos Desenho Série Dobragens Entrelaçamentos	Conhecimento do Mundo (Dinamização do tema)		Conhecimento do Mundo (Dinamização do tema)	Computadores (15h30-16h10)
16h30	Lanche e Saída				

### 1.5.4. Rotinas

As rotinas diárias das crianças dos cinco anos são um pouco diferentes das mencionadas nas secções anteriores, pois estas não fazem o acolhimento na roda. A educadora, quando chega, leva as crianças à casa de banho e, de seguida, dirige-se para a sala, onde começa a fazer a revisão das letras da *Cartilha Maternal*. Quanto às crianças que chegam atrasadas, entram pela porta da sala que dá acesso direto ao exterior.

Este bibe tem a particularidade de aprender a ler pelo Método de Leitura João de Deus, cujo suporte físico das lições é a *Cartilha Maternal*.

## **Cartilha Maternal**

A metodologia João de Deus insere-se no Modelo Interacionista ou Interativo de Leitura, que ultrapassa a visão dicotômica e utiliza em simultâneo estratégias do tipo *bottom-up* e *top-down*, tendo como unidade principal de leitura – a palavra. (*Guia Prático da Cartilha Maternal, 1997*)

Tal como afirma Stanovich (1980, citado por Ruivo, 2009), “este modelo ultrapassa uma visão dicotômica dos processos implicados no ato de ler, dizendo que o leitor utiliza, simultaneamente e em interação, capacidades de ordem superior e capacidades de ordem inferior, estratégias ascendentes e descendentes.” (p.92)

Este método de leitura estimula as capacidades metacognitivas e respeita o ritmo de cada criança.

No que diz respeito à estimulação das capacidades metacognitivas, Ruivo (2009) afirma que “a criança é levada a participar num jogo, do qual vai aprendendo regras e vai evoluindo de uma forma construtivista.” (p.131)

Já no que respeita ao ritmo de cada criança, a mesma autora refere:

a lição curta e diária que a criança vivencia em pequenos grupos e em espaço de tempo reduzido, mas o suficiente para a aprendizagem da regra, da letra, do som, permite-lhe ir crescendo em conhecimento, que associado a outros anteriores a fazem consolidar a aprendizagem da lição. (p.119)

Para o educador assinalar a evolução de cada aluno, utiliza-se um gráfico de leitura. (Ruivo, 2009)

O Método de Leitura João de Deus é um método que se encontra bastante atual, pois proporciona à criança a descoberta do fonema, relacionando-o de imediato ao grafema, aplicando os diferentes casos de leitura em palavras simples e do vocabulário ativo da criança que facilmente a contextualiza numa frase isolada ou num diálogo vivo com a educadora.

### **1.5.5. Relatos Diários**

#### **Segunda-feira, 2 de janeiro de 2012**

Neste dia o corpo docente da escola encontrava-se em *roulement*, por esta razão foi-nos proposto fazer atividades com as crianças da Educação Pré-Escolar. Conversámos e decidimos fazer jogos orientados e pintar um mural.

Após estas atividades, as crianças brincaram livremente.

## Inferências e Fundamentação Teórica

Neste dia as rotinas das crianças foram alteradas.

No que diz respeito aos **jogos** orientados, estes foram realizados no exterior, pois as condições climatéricas assim o permitiram. Segundo Spodek e Saracho (1998), “os jogos devem ser simples, com regras não muito complexas.” (p.223). Ainda segundo os mesmos autores, “os jogos são um tipo diferente de brincadeira. Eles são altamente estruturados e incluem regras específicas a serem seguidas.” (p.217)

Os jogos são ótimos para a aceitação de regras.

## Terça-feira, 3 de janeiro de 2012

O dia teve início com as lições de *Cartilha Maternal*, orientadas pela educadora, para pequenos grupos de crianças. Enquanto o pequeno grupo de crianças estava na *Cartilha Maternal*, o resto da turma realizava cópia de palavras e de frases escritas com *letra bicuda*.

Após o recreio, a educadora explorou o material manipulável estruturado Calculadores Multibásicos, com o qual efetuou operações de adição.

## Inferências e Fundamentação Teórica

A base do Método de Leitura João de Deus é a análise da língua que se baseia no raciocínio lógico. (Deus, 1997)

A educadora, ao chamar pequenos grupos de crianças à ***Cartilha Maternal*** apresenta-lhes uma letra por dia e explica-lhes as regras e os valores a aplicar. As crianças, ao entrarem nesta atividade de leitura vão ganhando curiosidade em aprender mais, a fim de conseguirem ler os diversos suportes visuais que encontram, aliando à leitura global a leitura fonética.

Uma característica fundamental do Método de Leitura João de Deus prende-se com o tipo de caligrafia a ele inerente, refiro-me, à ***letra bicuda***. João de Deus deu indicações caligráficas aos professores para os ajudar a desenhar estes grafismos. No segundo Caderno de Escrita <sup>2</sup> podemos ler: “o aspeto geral da escrita adotada resulta da sua forma angulosa. Assim, cada traço – reto ou levemente curvo – permite que o aluno veja a letra por partes, proporcionando-lhe uma caligrafia consciente e equilibrada.”

---

<sup>2</sup> Os cadernos de escrita, intitulados por João de Deus *Arte de Escrita* foram publicados em 1896, “usando uma caligrafia particular e de influência inglesa”. Tal como fez com a *Cartilha Maternal* os cadernos de escrita também “eram acompanhados com indicações caligráficas para sua aplicação.” (Ruivo, 2009, p.128)

Este tipo de letra (grafismo) é o ponto de partida para outra letra mais variada e perfeita (a letra cursiva). Este grafismo é pois uma fase de transição que pretende desenvolver a motricidade fina, a noção espaço-temporal entre outras competências. (Ruivo, 2012)

### **Sexta-feira, 6 de janeiro de 2012**

Neste dia à tarde houve um lanche de confraternização entre as crianças e os pais e, por isso, as crianças, durante toda a manhã, estiveram a realizar propostas de trabalho no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e no Domínio da Matemática para colocarem nos dossiês.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Apesar da ida dos pais à escola ser só no período da tarde, não posso deixar de inferir sobre este aspeto tão importante. Os **pais ao irem à escola** conhecem o trabalho realizado pela educadora e pelo filho. Para Durão (2001), “a participação dos pais na escola é crucial, pois através desta os pais compreenderão melhor os educadores, o porquê das suas atitudes e os métodos de ensino/aprendizagem, bem como as necessidades reais da escola.” (p.21). Também Gervilla (2001, citada por Reis, 2008) diz que “a família é o pilar fundamental para o crescimento da criança.” (p.38).

Reis (2008) acrescenta que “não é possível uma educação adequada e completa sem a existência da Família.” (p.37). Em suma, a família é a instituição privilegiada da educação, pois é nela que começa a existência do Homem, ou seja, a família é a base do bem-estar e crescimento adequado da criança.

### **Segunda-feira, 9 de janeiro de 2012**

Este dia foi dedicado à aula da estagiária A, do 4.º Ano do Curso de Educadores de Infância. A colega iniciou a manhã pela Área de Conhecimento do Mundo, com o tema das plantas. Começou por explicar o crescimento de uma semente, com o auxílio de sequências de imagens, e as partes constituintes de uma planta completa, através da exploração de uma imagem.

No Domínio da Matemática, distribuiu uma caixa a cada duas crianças do material manipulável estruturado Cuisenaire, com o qual realizou um itinerário.

De seguida, a estagiária levou as crianças para o recreio e realizou com estas um jogo. Terminado o jogo, dirigimo-nos para a sala e esta contou a *História da Sementinha*, autor desconhecido, com o apoio de imagens.

Enquanto foi à *Cartilha Maternal*, com um grupo de crianças, ensinar o primeiro valor do <g> ([3] gente, gelado, girafa), revendo primeiro a lição anterior, o restante grupo ficou a fazer um desenho relativo à história que tinham ouvido.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Os alunos hoje construíram um **itinerário** seguindo as instruções da colega. Segundo Moreira e Oliveira (2003, citados por Caldeira, 2009), “as situações problemáticas que envolvem a escolha de caminhos são suscetíveis de serem trabalhadas (...), desde que devidamente inseridas em contextos quotidianos e com níveis de complexidade adaptados.” (...) “a descoberta de caminhos, integrados na formação matemática e nas várias áreas de aprendizagem, desenvolve a compreensão.” (p.173)

Sobre a resolução de problemas envolvendo caminhos, os autores Serrazina e Matos (1988) defendem que estes constituem “um meio privilegiado de desenvolver a capacidade visual-motora.” (p.28). As crianças, ao realizarem tarefas, como o de encontrarem caminhos, estão a treinar a capacidade de visualização espacial, importante para interpretar e compreender o mundo que as rodeia. (Caldeira, 2009)

### **Terça-feira, 10 de janeiro de 2012**

Após a rotina, a educadora dirigiu-se para a sala e, já na sala, começou por chamar pequenos grupos de crianças à *Cartilha Maternal*, enquanto as restantes estavam no lugar a praticar a escrita de letras e palavras.

Enquanto isso, as crianças iam, em grupos de duas, ter com os médicos para fazerem o rastreio auditivo e visual.

Terminado o recreio, as crianças dirigiram-se para a sala, levando consigo os materiais manipuláveis estruturados 3.º e 4.º Dons de Froebel. Com estes materiais; fizeram a construção da mobília de sala e aprenderam a construir a camioneta. Aproveitando as construções, a educadora realizou situações problemáticas envolvendo cálculo mental.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

As crianças desta rede de escolas aprendem a **ler e a escrever** com cinco anos de idade.

Para Ruivo (2009), “a aplicação desta metodologia aos alunos com 5 anos de idade permite-lhes adquirir, atempadamente, a competência de leitura.” (p.42)

Segundo a mesma autora:

nas salas do pré-escolar, onde estão crianças com cinco anos de idade, é feita a iniciação formal da leitura e da escrita, através do Método de Leitura João de Deus. Estas crianças têm a oportunidade de desenvolver o domínio da competência da leitura e da escrita numa fase precoce e atempada. (p.43)

Durante esta manhã foram desenvolvidas, nas crianças, a motricidade fina e a concentração da atenção.

### **Sexta-feira, 13 de janeiro de 2012**

Esta manhã foi reservada à Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP) de uma aluna do 4.º ano do Curso de Educadores de Infância. A sua prova foi realizada na outra turma dos cinco anos, assistida por duas professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica e pela educadora cooperante.

A aluna começou pelo Domínio da Matemática, onde solicitou que fizessem a construção da camioneta e da mobília de quarto, recorrendo aos materiais manipuláveis estruturados 3.º e 4.º Dons de Froebel. A par deste elaborou, com a ajuda das crianças, um pictograma referente à quantidade de pão transportado por dia pela camioneta.

Em seguida, as crianças foram para o refeitório da escola e a estagiária lecionou a temática do fabrico do pão (Área do Conhecimento do Mundo). Nesta área, as crianças puderam visualizar e contactar com os diferentes tipos de cereais e, para finalizar, fizeram pão.

De regresso à sala, e com as crianças sentadas nos seus lugares, a estagiária levou um grupo de três crianças à *Cartilha Maternal* e deu o primeiro valor do <g>, revendo a lição anterior, enquanto a restante turma picotava uma letra.

Para terminar a aula, a estagiária levou a turma para o recreio e procedeu à realização de um jogo.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Spodek e Saracho (1998) afirmam que “os jogos são brincadeiras estruturadas organizadas em torno de regras específicas.” (p.217). A educação pré-escolar deve “proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar o seu próprio corpo.” (*Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, Ministério da Educação, 1997, p.58). As crianças gostaram de fazer o **jogo**, não só porque se realizou no exterior, mas porque, para elas, este é um momento de grande descontração.

## **Segunda-feira, 16 de janeiro de 2012**

Neste dia dei a minha aula programada, assistida por uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica e pela educadora cooperante.

A minha aula começou com todas as crianças sentadas nos respetivos lugares, e com todo o material necessário para a aula distribuído e colocado em cima da mesa de cada uma.

Comecei com a Área de Conhecimento do Mundo onde, para iniciar o tema, procedi à realização de uma atividade experimental intitulada “Plantar um Feijão”. De seguida pedi a colaboração das crianças para a montagem de um *puzzle* referente ao tema.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, fiz a dinamização da *Cartilha Maternal* com as palavras que legendavam a imagem do *puzzle* (raiz, tronco, folhas, fruto e flor) e fui com um grupo de três crianças à *Cartilha Maternal* ensinar/rever o primeiro valor da letra <r>.

Para finalizar a minha aula, trabalhei com os materiais manipuláveis estruturados 3.º e 4.º Dons de Froebel, em que solicitei às crianças que construíssem a mobília de quarto e ensinei a fazer o poço. Com estas construções fiz situações problemáticas, apoiada por material manipulável não estruturado.

Após as aulas, houve uma reunião de reflexão e *feedback* do meu desempenho.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Na Área de **Conhecimento do Mundo** as crianças realizaram uma atividade experimental que lhes causou grande fascínio e entusiasmo. A prática de dialogar e de abordar temas de Conhecimento do Mundo suscita muita curiosidade nas crianças.

As *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997) encara esta área como:

uma sensibilização às ciências, que poderá estar mais ou menos relacionada com o meio próximo, mas que aponta para a introdução a aspetos relativos a diferentes domínios do conhecimento humano. Mesmo [que] elementares e adequados a crianças destas idades, deverão corresponder sempre a um grande rigor científico. (pp.80-81)

No final da aula, sucedeu-se a **reunião de reflexão** das práticas observadas. Estas são muito importantes, pois têm um papel fulcral na prática profissional, tal como afirma Jesus (1999): “não há receitas, devendo cada um procurar aprender com a experiência profissional, numa perspetiva de autodescoberta do estilo e das qualidades pessoais que podem ser aproveitadas na prática profissional.” (p.17)

### **Terça-feira, 17 de janeiro de 2012**

Após terem ido à casa de banho, as crianças dirigiram-se para o ginásio, acompanhadas pela educadora, a fim de assistirem a uma peça de teatro sobre *Higiene Oral*.

Terminado o teatro foram para a sala e a educadora esteve a dar lições de *Cartilha Maternal* a pequenos grupos de crianças, enquanto as restantes eram auxiliadas pelas estagiárias na escrita de letra e de palavras.

Depois do recreio a educadora trabalhou com o material manipulável estruturado Cuisenaire no âmbito do Domínio da Matemática.



*Figura 1 – Escada por ordem crescente, com as peças do material manipulável estruturado Cuisenaire*

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

As atividades no Domínio da Matemática permitem, a nível pedagógico, o progresso de muitas competências de iniciação à matemática. Vale (2000, citado por Caldeira, 2009) refere que o material **Cuisenaire** potencia uma aprendizagem “mais eficaz, significativa e duradoura quando os alunos utilizam estas ferramentas, pois permite interagirem uns com os outros, refletindo e comunicando entre si as suas experiências.” (p.127). Por sua vez, Alsina (2004) diz que este material é “um material manipulativo especialmente adequado para a aquisição progressiva das competências numéricas. (...) e um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental (...) para introduzir e praticar operações aritméticas.” (p.34)

As crianças mostram grande entusiasmo ao trabalhar com este material, devido à sua cor e forma, ser muito apelativo.

### **Sexta-feira, 20 de janeiro de 2012**

A manhã começou pelo Domínio da Matemática. No âmbito deste domínio, a educadora abordou o tema das frações. Para realizar esta aula, a educadora utilizou material manipulativo não estruturado, composto por vários círculos (um inteiro, um dividido em duas partes iguais, um dividido em três partes iguais, um dividido em quatro partes iguais e um dividido em oito partes iguais). A educadora colocou o material no quadro e questionou as crianças, de modo a conduzir o seu raciocínio.

Antes de irem para aula de cerâmica, as crianças realizaram uma proposta de trabalho referente a este domínio.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

No Domínio da Matemática, a educadora abordou, pela primeira vez, a temática das **frações**, pois só depois das crianças adquirirem o sentido do número é que faz sentido falar em frações, como nos afirmam Spodek e Saracho (1998), “após terem compreendido os números, as crianças podem ser ajudadas a entender as frações simples como partes iguais de uma unidade.” (p.316). Contudo, as crianças estão, desde muito cedo, em contacto direto com partes da unidade quando, por exemplo, comem uma fatia de bolo de aniversário ou quando comem um pedaço de chocolate, que anteriormente foi dividido em partes iguais. As crianças mostraram-se interessadas nesta aula, pois queriam estar sempre a participar.

## **Segunda-feira, 23 de janeiro de 2012**

A manhã começou com a rotina matinal.

Com as crianças já na sala e sentadas nos respetivos lugares, a educadora escreveu no quadro as letras, por ordem, da *Cartilha Maternal* até à letra <x>. À medida que as ia escrevendo, relembra com as crianças as diversas regras de leitura, assim como as integrava em palavras.

Depois, enquanto as crianças escreviam palavras e frases no lugar, a educadora ia chamando pequenos grupos à *Cartilha Maternal* para aprenderem a respetiva lição do dia.

Depois do recreio, as crianças trabalharam itinerários com o material manipulável estruturado Cuisenaire.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

As crianças desta rede de escolas estão em contacto precoce com a **leitura e a escrita**. As autoras Teberosky e Colomer (2003) mencionam que “a escrita, a leitura e a linguagem oral não se desenvolvem separadamente, mas que atuam de maneira interdependente desde a mais tenra idade.” (p.17)

Paulo (2000) afirma que:

o movimento dos Jardins-Escola João de Deus, inspirado pelos trabalhos de Froebel, Montessori e Decroly, estabelece um modelo de desenvolvimento preceptivo e de estimulação do gosto de observar e de criar, caracterizado pela aprendizagem da leitura e da escrita que João de Deus considerava como um todo. (p.34)

No que diz respeito à leitura, Viana (2002, citado por Ruivo, 2009) refere que esta “é uma atividade criativa e formativa que favorece o desenvolvimento integral da criança.” (p.60)

As crianças desta rede de escolas aprendem a ler segundo o Método de Leitura João de Deus, que tem como *linhas de força*, entre outras, apresentar a leitura das letras e não os nomes, respeitando essencialmente o aspeto fonológico.

## **Terça-feira, 24 de janeiro de 2012**

A manhã foi dedicada às aulas dadas pela minha colega de estágio A. Através da exploração de um *powerpoint*, esta começou pela Área de Conhecimento do Mundo em que abordou o tema da classe das aves.

De seguida, fez a dinamização da leitura com palavras relacionadas com o tema e levou um grupo de três crianças à *Cartilha Maternal*, enquanto a restante turma ficou a resolver uma proposta de trabalho da área lecionada.

Após o recreio, a minha colega fez uma atividade no Domínio da Matemática. Recorrendo ao material manipulável estruturado Geoplano fez um itinerário.

A manhã terminou com a reflexão da aula.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A minha colega de estágio, ao começar a manhã de aulas pela Área de **Conhecimento do Mundo**, conseguiu, desde início, captar a atenção das crianças pois, para além de levar um canário, dialogou com elas para que dissessem tudo o que sabiam sobre a classe das aves. Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997), “a curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação (...) de compreender e dar sentido ao mundo.” (p.79). Ainda segundo a mesma fonte “a Área de Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê.” (p.79)

Segundo Faria (1991, citado por Paulo, 2000), “aprender ciência consiste em desenvolver ou reestruturar conceitos que as crianças já possuem.” (p.18). Os seres humanos desenvolvem e aprendem, interagindo com o mundo que os rodeia.

### **Sexta-feira, 27 de janeiro de 2012**

Após a ida à casa de banho as crianças dirigiram-se para a sala e sentaram-se nos seus lugares. A minha colega começou as suas aulas por apresentar um *powerpoint*, sobre os animais mamíferos domésticos.

Em seguida fez dinamização da leitura de palavras relacionadas com o tema. Levou um grupo de três crianças à *Cartilha Maternal*, enquanto os restantes realizaram uma proposta de trabalho.

De regresso à sala, a minha colega de estágio trabalhou com os materiais manipuláveis estruturados 3.º e 4.º Dons de Froebel e com material manipulável não estruturado, utilizando este último para a resolução de situações problemáticas. No final da aula, mostrou uma chinchila, como exemplo de um animal mamífero doméstico. A manhã terminou com a reflexão da aula.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

A utilização de material manipulável estruturado permite uma aprendizagem sólida e gradual das bases matemáticas.

A minha colega teve o cuidado de trabalhar **situações problemáticas** com os materiais manipuláveis estruturados 3.º e 4.º Dons de Froebel. Este trabalho é importante ser desenvolvido nas crianças, para que criem estruturas mentais, permitindo-lhes uma maior capacidade de resolução de problemas. As *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997) realçam que “importa que o educador proponha situações problemáticas e permita que as crianças encontrem as suas próprias soluções.” (p.78). Para Ponte e Serrazina (2000), “a resolução de problemas ajuda a desenvolver a compreensão das ideias Matemáticas e a consolidar as capacidades já aprendidas e, por outro lado, constitui um importante meio de desenvolver novas ideias Matemáticas.” (p.56). No processo de resolução de problemas, o importante é que se desenvolve nas crianças o raciocínio lógico-matemático e o espírito crítico.

## **Segunda-feira, 30 de janeiro de 2012**

Esta manhã foi dedicada a aulas programadas assistidas pelas professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica.

As minhas colegas de estágio e eu fomos assistir a uma aula, na sala dos três anos.

Começou pelo Domínio da Matemática, em que fez o jogo do Quim Visual, recorrendo ao material manipulável estruturado 1.º Dom de Froebel.

Na Área de Conhecimento do Mundo, abordou as estações do ano, tendo como suporte de apoio, imagens em papel.

A manhã terminou com uma reunião onde estavam presentes as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica, as educadoras cooperantes, assim como as minhas colegas de estágio.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Ao assistir à aula da minha colega D, tive a noção de que esta não fez uma boa **gestão de tempo** e, por isso, teve dificuldade em as concluir. Em relação à distribuição do tempo pelas diversas áreas do saber podemos ler, nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997), que o

tempo educativo “contempla de forma equilibrada diversos ritmos e tipos de atividades em diferentes situações (...) permite oportunidades de aprendizagem diversificadas, tendo em conta as diferentes áreas de conteúdo.” (p.40)

Em suma, uma boa gestão de tempo proporciona à criança uma boa aprendizagem.

### **Terça-feira, 31 de janeiro de 2012**

Este dia, foi dedicado à minha aula de manhã inteira.

Comecei por abordar o tema dos animais mamíferos selvagens, na Área do Conhecimento do Mundo. Explorei este conteúdo através de imagens apresentadas em *powerpoint*.

Em seguida entreguei uma proposta de trabalho a cada criança, a qual realizámos em conjunto, fazendo assim a dinamização de *Cartilha Maternal*. A proposta consistia em ligar a imagem de um animal à sua legenda.

Na Cartilha Maternal ensinei o segundo valor do <z> ([j] rapaz, arroz, faz) a um grupo de três crianças. Simultaneamente, a restante turma procedia à realização de uma proposta de trabalho referente à Área de Conhecimento do Mundo.

Depois do recreio, as crianças trabalharam a operação da adição na base 10 com o material manipulativo estruturado Calculadores Multibásicos.

A manhã terminou com a reflexão da aula.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Como era a primeira vez que lecionava uma aula com o material manipulativo estruturado **Calculadores Multibásicos**, estive um pouco nervosa, mas com o decorrer da aula fui descontraído. Os Calculadores Multibásicos são um material criado por João António Nabais. Este material é constituído por um conjunto de três placas de plástico com cinco orifícios cada uma, e um conjunto de cinquenta peças em seis cores diferentes: dez peças amarelas, treze verdes, treze encarnadas, dez azuis, duas cor-de-rosa e duas de cor lilás. (Caldeira, 2009)

Senti-me realizada ao lecionar a aula neste grupo de crianças, pois é um dos que mais gosto na valência da Educação Pré-Escolar. As crianças manifestaram interesse nas diversas áreas de conhecimento, o que me deixou bastante satisfeita.

### **Sexta-feira, 3 de fevereiro de 2012**

Neste dia, a minha colega de estágio A lecionou a aula programada, assistida por uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica e pela educadora cooperante.

A aula começou pela Área de Conhecimento do Mundo, onde, para iniciar o tema, a colega procedeu à realização de um *puzzle*. Em seguida explorou, através de imagens, a metamorfose da borboleta.

Depois partiu para o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Fez a dinamização da *Cartilha Maternal*, com as palavras que legendavam a imagem, e foi com um grupo de duas crianças à lição rever o segundo valor do < z >.

Para finalizar a aula, fez um itinerário recorrendo ao material manipulável estruturado Cuisenaire.

Após as aulas houve uma reunião para falar sobre as mesmas. Nesta reunião estavam presentes algumas professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica, bem como as educadoras cooperantes e todas as colegas de estágio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A aula da minha colega iniciou-se com a construção de um *puzzle* simples (dividido em oito partes), de modo a que as crianças descobrissem o tema da aula.

Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997), “os “puzzles” simples divididos em 2, 4 ou 8 partes são uma forma de divisão e distribuição que permite a reconstituição do todo.” (p.76). De acordo com a mesma fonte, “todos estes jogos são um recurso para a criança se relacionar com o espaço e que poderão fundamentar aprendizagens Matemáticas.” (p.76). Com a construção do *puzzle*, como descoberta do tema da aula, a minha colega conseguiu captar a atenção das crianças, o que fez com que a aprendizagem se tornasse mais aliciante.

### **Segunda-feira, 6 de fevereiro de 2012**

A educadora entregou uma proposta de trabalho a cada criança, que consistia na leitura e escrita de palavras.

Enquanto as crianças resolviam a proposta, orientada por nós, a educadora chamava pequenos grupos de crianças à *Cartilha Maternal*.

Após o recreio, as crianças dirigiram-se para a sala e realizaram algumas construções com os materiais manipuláveis estruturados 3.º e 4.º Dons de Froebel, para avaliação.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A ida das crianças à **Cartilha Maternal** ler a lição, faz parte da rotina dos cinco anos. Enquanto umas estão a ler na *Cartilha Maternal*, a restante turma está ocupada com trabalho. Trabalho este, que se resume à escrita de letras e palavras (penso que poderiam recorrer mais ao uso de letras móveis).

Cada criança escreve letras e palavras diferentes, dependendo da lição onde vai, do seu ritmo de trabalho e da aprendizagem que já fez até ao momento. Segundo Meirieu (1998, citado por Santos, s.d.), “a diferenciação é simultânea quando, num dado momento, grupo de alunos estão a realizar tarefas distintas.” (p.4). Por sua vez, Tomlinson (2002, citada por CAP, 2008) refere que “a diferenciação pedagógica [se] resume simplesmente à prestação de atenção [dada à criança e] às necessidades de aprendizagem de cada [criança] em particular (...), em vez (...), de ensinar uma turma como se todos os indivíduos tivessem características semelhantes.” (p.10)

Para Abreu (2005):

o crescimento global dos alunos também depende do empenho e persistência do professor em aplicar as estratégias que melhor possa contribuir para a sua progressão e, neste momento, considero que a diferenciação é a opção mais adequada face à heterogeneidade dos alunos que temos nas turmas. Não vale a pena continuar a ensinar para um aluno médio que não existe, tentando que todos aprendam o mesmo, ao mesmo tempo, pois estaremos a contribuir para o insucesso da maioria dos alunos. (p.92)

O facto de existir **diferenciação pedagógica**, dentro da sala de aula, é bastante positivo, pois responde de forma adequada às necessidades individuais de cada criança.

### **Terça-feira, 7 de fevereiro de 2012**

Neste dia realizou-se uma visita de estudo ao Aquário Vasco da Gama, com as duas turmas dos cinco anos.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Os dias em que se realizam **visitas de estudo** são vividos pelas crianças de forma diferente, pois estas chegam à escola com a ideia de que vão passear. O que não deixa de ser verdade, mas muito mais do que isso vão estar a aprender.

De acordo com Almeida (1998):

as visitas de estudo são entendidas como qualquer deslocação efetuada pelos alunos fora do recinto escolar com objetivos educacionais, e inseridas no conjunto de atividades prática possíveis de realizar, podem revelar-se uma importante atividade, facilitadora da compreensão dos conhecimentos científicos e do desenvolvimento de competências. (p.25)

Com esta visita de estudo, as crianças tiveram oportunidade de aprender de forma lúdica, conceitos científicos, visualizando e contactando com os diferentes seres vivos.

### **Sexta-feira, 10 de fevereiro de 2012**

A manhã foi dedicada a aulas surpresa, solicitadas pela educadora cooperante.

A minha colega de estágio A trabalhou com os materiais manipuláveis estruturados 3.º e 4.º Dons de Froebel, onde fez a construção do poço e da mobília de quarto, criando situações problemáticas com cálculo mental.

A minha colega de estágio C e eu fizemos dinamização de *Cartilha Maternal*. A estratégia utilizada pela minha colega passou por associar imagens à sua respetiva legenda. Eu utilizei palavras móveis e pedi a colaboração das crianças para ilustrarem a palavra que tinham lido.

A manhã terminou com a reflexão das aulas, em reunião com a educadora cooperante.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Esta manhã foi um pouco diferente das outras, tanto para nós, estagiárias como para as crianças. A rotina das aulas foi alterada, devido ao facto de nos ter sido solicitada uma aula surpresa por parte da educadora cooperante.

No final da manhã ouvimos o **feedback** por parte da educadora, tanto das aulas surpresa como do momento de estágio, nesta sala.

Segundo Severino (2007):

a formação deverá, pois, estruturar-se numa interação permanente entre a prática e a reflexão individual e coletiva, na procura de soluções para a resolução dos problemas que vão surgindo e para a recolha de elementos que permitam repensar crítica, reflexiva e construtivamente a formação dos formandos/supervisandos e dos próprios supervisores. (p.42)

Pensar criticamente sobre a prática realizada é um grande passo para melhorarmos o nosso desempenho, bem como tornarmo-nos cada vez melhores profissionais.

### **1.6. Enquadramento Teórico – Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

Com a entrada no 1.º Ciclo do Ensino Básico, a criança assume um novo estatuto, uma vez que, além de “criança” passa a ser também “aluno”.

O Ensino Básico compreende três ciclos sequenciais, sendo o 1.º Ciclo de quatro anos, o 2.º Ciclo de dois anos e o 3.º Ciclo de três anos.

No que diz respeito ao 1.º Ciclo do Ensino Básico este é definido, segundo a *Lei de Bases do Sistema Educativo*, (Ministério da Educação, 1986) como “globalizante, da responsabilidade de um professor único.” (Artigo 8.º - 1a)

O 1.º Ciclo proporciona a muitos alunos o primeiro contacto com um modelo formal, constituindo uma etapa determinante de todo o processo escolar.

Este ciclo privilegia um desenvolvimento integrado de atividades e áreas do saber, visa facultar aos alunos a apropriação de procedimentos e instrumentos de acesso à informação e de construção do conhecimento, bem como aprendizagens significativas, essenciais ao seu crescimento pessoal e social.

A *Lei de Bases do Sistema Educativo* (Ministério da Educação, 1986) define como objetivos gerais do 1.º Ciclo o “desenvolvimento da linguagem oral e a iniciação e progressivo domínio da leitura e da escrita, das noções essenciais da aritmética e do cálculo, do meio físico e social e das expressões plástica, dramática, musical e motora.” (Artigo 8.º - 3a)

Embora o 1.º Ciclo do Ensino Básico se constitua como um único ciclo, entende-se que este compreenda dois momentos distintos. O primeiro momento é composto pelos dois anos iniciais. Aí, as aprendizagens devem desenvolver nos alunos comportamentos verbais e não-verbais, adequados a situações de comunicação com diferentes graus de formalidade. É também neste momento que os alunos tomam consciência das relações entre a língua falada e a língua escrita. (*Programa de Português do Ensino Básico*, Ministério da Educação, 2009). Esta tomada de consciência, para alguns, é iniciada na Educação Pré-Escolar, num ambiente rico em experiências de leitura e de escrita, como pude observar nesta rede de escolas, na sala das crianças dos cinco anos.

No segundo momento é fundamental:

a aprendizagem de novas convenções sobre o modo como o texto escrito se organiza, o uso correto da pontuação, o alargamento do repertório lexical e o domínio de uma sintaxe mais elaborada. Em simultâneo, deve processar-se a aprendizagem gradual de procedimentos de compreensão e de interpretação textual, associados à promoção do desenvolvimento linguístico dos alunos, à sua formação como leitores e à ampliação do conhecimento experiencial sobre a vida e sobre o mundo. (*Programa de Português do Ensino Básico*, Ministério da Educação, 2009, p.22)

Os alunos do 1.º Ciclo têm idades compreendidas entre os seis e os nove anos de idade.

#### **1.7. 4.ª Secção: Estágio Intensivo – 1.º ano de escolaridade**

Período de estágio decorrido entre 27 de fevereiro e 2 de março de 2012.

##### **1.7.1. Caracterização da turma**

De acordo com a informação fornecida pela professora, a turma de 1.º ano desta escola é composta por dezoito alunos, dez do sexo feminino e oito do sexo masculino. Sete destes dezoitos alunos têm ensino diferenciado.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica da escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

##### **1.7.2. Caracterização do espaço**

A sala do 1.º ano encontra-se no piso inferior da escola, junto às salas do 2.º, 3.º e 4.º anos de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

É uma sala com bastante luminosidade, pois possui umas grandes janelas, que têm visão para a entrada principal da escola. Nesta sala as mesas encontram-se de frente para o quadro, dispostas em filas horizontais. Para além disto, esta sala ainda tem ainda uma estante com livros, dois móveis para arrumar material, uma secretária para a professora e ainda dois *placards*, para expor os trabalhos dos alunos.

##### **1.7.3. Horário da turma**

De seguida, no Quadro 5, é apresentado o horário das atividades desenvolvidas semanalmente pela turma do 1.º ano. Este foi cedido pela professora cooperante e segundo informação dada, pode ser alterado se a necessidade e interesse dos alunos assim o exigir.

Quadro 5 – Horário da turma do 1.º ano de escolaridade (Estágio Intensivo)

Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9h00-9h15	Ler/Contar/Mostrar	Ler+	Ler+ (leitura autónoma)	Ler+	Ler+ (leitura autónoma)
9h15-10h10	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
10h10-11h00	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
11h00-11h20	Intervalo				
11h20-12h10	Matemática	Português	Matemática	Português (Área de Projeto)	Matemática (Estudo Acompanhado)
12h10-13h00	Matemática	Português	Matemática	Português (Área de Projeto)	Matemática (Estudo Acompanhado)
13h00-14h30	Almoço + Recreio + Higiene				
14h30-15h00	Expressão Plástica	Estudo do Meio	Formação Cívica	Inglês	Expressão Físico Motora
15h00-15h30	Expressão Plástica	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Inglês	Expressão Físico Motora
15h30-16h00	Estudo Acompanhado	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Formação Cívica Assembleia de Turma
16h00-16h30	Estudo Acompanhado	Expressão Musical	Estudo Acompanhado	Estudo do Meio	Estudo do Meio
16h30-17h00	Área de Projeto	Expressão Musical	Estudo Acompanhado	Estudo do Meio	Estudo do Meio
17h00	Lanche e Saída				

#### 1.7.4. Rotinas

Por se tratar de uma escola diferente, daquela em que estagiei anteriormente, as rotinas destes alunos são também diferentes das relatadas nas secções anteriores.

No início da manhã os alunos do 1.º e do 2.º anos vão juntos para a sala, com a professora que estiver presente. Aí leem livros, até a professora titular de turma chegar e levar os seus alunos para a sua respetiva sala.

A meio da manhã e depois do almoço tem lugar o recreio, onde os alunos brincam livremente.

Antes da entrada para as salas, depois do almoço, os alunos do 1.º Ciclo dirigem-se em pequenos grupos, acompanhados por uma professora, à casa de banho para realizarem a higiene oral.

#### 1.7.5. Relatos Diários

##### De segunda-feira, 27 de fevereiro a sexta-feira, 2 de março de 2012

No primeiro dia de estágio a minha colega e eu fomos recebidas pela professora e diretora da escola A, que nos colocou desde logo à vontade. Neste dia, a

professora cooperante não esteve presente tendo ficado a turma a cargo da professora e diretora A.

No início da manhã a professora entregou uma ficha de Português com o texto *O Circo* (autor desconhecido) e com perguntas de interpretação e de gramática, a qual os alunos resolveram até à hora do intervalo. Depois do intervalo e até à hora do almoço, os alunos praticaram exercícios de Matemática, incluindo as operações aritméticas. Após o recreio da hora do almoço, os alunos tiveram aula de Expressão Plástica com a professora J. Terminada esta aula, os alunos preencheram um crucigrama com as palavras que legendavam as imagens.

Entre terça e sexta-feira estivemos com a professora cooperante D.

A manhã de terça-feira começou pela Área de Português, na qual os alunos resolveram diversos exercícios, como classificar palavras quanto ao género e ao número, divisão silábica de palavras e preenchimento de espaços com as letras que faltavam nas palavras. Depois do recreio, a professora escreveu exercícios de Matemática no quadro, para os alunos passarem para uma folha quadriculada, distribuída antecipadamente. Os exercícios de Matemática consistiam na leitura de números, identificação do algarismo de maior e menor valor absoluto e relativo e resolução de diversas situações problemáticas. Ainda nesta Área, os alunos estiveram a praticar as tabuadas do 2 ao 5.

De tarde, os alunos começaram por terminar os trabalhos que tinham iniciado da parte da manhã. De seguida, a professora dirigiu-se com os alunos para o exterior da sala. Lá, sentaram-se no chão do recreio e a professora começou por abordar o tema das plantas, dialogando com os alunos sobre o tema. Depois do diálogo, os alunos foram plantar um feijão, dirigindo-se de seguida para a sala.

Na quarta-feira, vésperas do Feriado Municipal de Tomar, os alunos iniciaram a manhã a ler o texto *Ladainha da aranha*, de Matilde Rosa Araújo. Cada aluno leu de forma ordenada um parágrafo do texto. De seguida, a professora passou perguntas de interpretação do texto e exercícios de gramática no quadro que, os alunos passaram para uma folha pautada, distribuída por um colega. Até à hora do almoço, os alunos trabalharam com o material manipulável estruturado Calculadores Multibásicos. Após o relembrar das regras do material e da cor das peças, a professora ditou duas situações problemáticas envolvendo a operação aritmética da adição, aproveitando o total para fazer leitura de números por ordens e por classes, questionando os alunos sobre o algarismo de maior e menor valor relativo e absoluto.

Após o almoço, os alunos foram para o recreio e de seguida para a sala. Chegados à sala, a professora projetou, com o auxílio do *datashow*, um *powerpoint* sobre o tema de Estudo do Meio abordado no dia anterior. Depois da explicação, os alunos construíram uma planta completa, recorrendo a diversos materiais: pedaços de lã para fazer a raiz, pedaços de papel verde para fazer a copa da árvore, plasticina para fazer as flores e os frutos e lápis de cor para pintar o tronco.

No último dia de estágio, os alunos trabalharam da parte da manhã com o material manipulável estruturado 5.º Dom de Froebel. A professora começou por relembrar as regras de utilização do material e depois questionou os alunos sobre o mesmo, colocando questões do tipo: “quantos cubos inteiros há?”, “quantos cubos partidos em 4 partes iguais há?”, “quantos cubos partidos em 2 partes iguais temos?”, “quantos cubos existem no total?”. De seguida os alunos fizeram a construção da casa e a professora ditou duas situações problemáticas, em torno da mesma. Quando acabaram de arrumar o material a professora distribuiu pelos alunos uma ficha de exercícios sobre o 5.º Dom de Froebel. Os alunos, após o intervalo a meio da manhã, dirigiram-se com o professor de Educação Física para o ginásio da escola, onde fizeram uma aula de circuitos. Antes da hora do almoço, os alunos procederam à composição coletiva. Para isso, a professora distribuiu pelos alunos uma folha com várias opções. Os alunos em unanimidade escolhiam uma das opções, e assim escreveram um texto a que deram o título de *O castelo*.

Depois do recreio da hora do almoço, os alunos terminaram trabalhos em atraso e terminaram de copiar, para a folha, a composição coletiva que estava escrita no quadro. Como a semana estava a chegar ao fim, a professora procedeu à entrega de prémios da tabuada e de comportamentos da semana e solicitou aos alunos que fizessem a autoavaliação do seu comportamento durante a semana. A professora ainda elegeu os chefes da cantina, da casa de banho, da sala e do comboio para a próxima semana.

Nesta turma existiam sete alunos com ensino diferenciado, pelo que faziam trabalho diferente dos colegas nas Áreas de Matemática e de Português, à exceção da utilização dos materiais manipuláveis estruturados. Na Área de Português, faziam exercícios de identificação de letras, completaram palavras, faziam associação de palavras à imagem e leitura e interpretação de pequenos textos. Na Área de Matemática, os alunos resolviam operações aritméticas, situações problemáticas e leitura de números.

## Inferências e Fundamentação Teórica

Durante esta semana pude extrair muitos aspetos que considero positivos, um deles foi o facto de os alunos fazerem a autoavaliação do comportamento, no final da semana. O facto de os alunos se autoavaliarem implica por parte destes, fazerem juízos sobre as próprias competências e conhecimentos o que desenvolve uma responsabilidade relativamente aos seus comportamentos e atitudes. O processo de autoavaliação é fundamental para que os alunos possam assumir a responsabilidade pela sua aprendizagem e desenvolvimento, proporcionando uma oportunidade de refletir sobre os seus atos.

Acerca da relação com os alunos, a professora era uma pessoa bastante prestável, sensível e atenciosa com os mesmos. Sabia manter a disciplina na sala de aula, valorizando a importância do **reforço positivo**. Sanches (2001) sustenta que “introduzir reforços positivos, oportunamente, é meio caminho andado para obter o sucesso dos alunos [e que] o elogio tem de ser oportuno, adequado, no momento exato.” (p.58). Cabe ao professor valorizar os pequenos feitos dos alunos, para que estes se sintam motivados para aprender e, assim, superar as suas dificuldades. O reforço positivo é essencial existir no mundo da Educação, especialmente nesta turma, pelo facto de esta ter sete alunos com ensino diferenciado, para estes alunos é deveras fulcral existir o reforço positivo, pois todos os pequenos progressos devem ser reconhecidos e recompensados.

A experiência desta semana de estágio foi muito gratificante, pois pude estar ativa em sala de aula ajudando três alunos com ensino diferenciado, apercebendo-me assim da dinâmica de sala de aula e do trabalho desenvolvido por estes. Pude também aperceber-me o quão difícil é, gerir uma sala de aula com tantos alunos com este tipo de ensino. Mesmo assim gostei imenso de estagiar nesta escola, onde, tanto a diretora como a restante comunidade educativa, me recebeu tão bem, foram excecionais! No que diz respeito aos alunos desta escola foram muito queridos e conseguem ser mais “crianças”, no sentido em que aproveitam muito mais a fase da infância.

## **1.8. 5.<sup>a</sup> Secção: 4.º ano de escolaridade**

Período de estágio decorrido entre 5 de março a 27 de abril de 2012.

### **1.8.1. Caracterização da turma**

De acordo com a informação fornecida pela professora, a turma do 4.º ano desta escola é composta por vinte e dois alunos, sete do sexo feminino e dezasseis do sexo masculino. Existem dois alunos merecedores de especial atenção, um por apresentar um diagnóstico de hiperatividade e problemas relacionados com dislexia e disgrafia, e outro com Síndrome de *Asperger*. Segundo a professora titular, estas patologias não afetam o desempenho escolar dos alunos.

A turma tem vindo a demonstrar alguns problemas de comportamento, consequência do elevado número de rapazes.

Este grupo de alunos está bem integrado na dinâmica da escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

### **1.8.2. Caracterização do espaço**

A sala do 4.º ano situa-se no primeiro piso da escola. É uma sala pequena e que não tem muitos motivos de decoração. Esta é composta por um quadro interativo e um quadro de giz e ainda por um armário onde estão dispostos os dossiês dos alunos, bem como o arrumo de material.

As cadeiras e as mesas dos alunos estão de frente para o quadro interativo e para a secretária da professora. A sala ainda contempla três *placards*, onde estão dispostos os trabalhos dos alunos das Áreas de Português, Matemática, História de Portugal e Estudo do Meio.

### **1.8.3. Horário da turma**

No Quadro 6 é apresentado o horário das atividades desenvolvidas semanalmente pela turma do 4.º ano. O horário facultado pela professora cooperante é flexível pois pode ser alterado, se necessário.

Quadro 6 – Horário da turma do 4.º ano de escolaridade

Horas	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h00-10h00	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
10h00-11h00	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
11h00-11h30	Recreio				
11h30-12h00	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
12h00-12h50	Matemática	Português	Matemática	Português	Experiências
13h00-14h30	Almoço e Recreio				
14h30-15h20	Educação Física	Estudo do Meio	Estudo do Meio/Música	Música/Orquestra	Estudo do Meio
15h20-16h10	Expressão Plástica	História	Inglês	Biblioteca: no âmbito de Português	História
16h10-17h00	Expressão Plástica	Estudo do Meio	História	Área de Projeto	Assembleia de Turma
17h00	Saída				

#### 1.8.4. Rotinas

As rotinas dos alunos de 4.º ano são um pouco diferentes das rotinas mencionadas anteriormente, visto que estes pertencem ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

No início da manhã, e antes de começarem as aulas, os alunos do 1.º Ciclo dirigem-se ao ginásio. Fazem jogos e podem brincar, enquanto esperam pela chegada da professora para irem para a respetiva sala.

Ferreira e Santos (1994) mencionam que os jogos promovem “a convivalidade e a coesão de grupo” e que “são formas agradáveis de receber os alunos.” (p.42)

Quando chegam à sala, trabalham as diferentes áreas de conhecimento, apresentadas no horário (Quadro 6).

A meio da manhã, e depois do almoço, os alunos vão até ao recreio, onde brincam livremente.

### 1.8.5. Relatos Diários

#### Segunda-feira, 5 de março de 2012

Os alunos dirigiram-se para a sala de aula e, já sentados nos seus lugares, abriram o cabeçalho da folha de português e escreveram o sumário.

Após todos terem escrito o sumário, a professora procedeu à leitura do texto *Momento alto da Humanidade*, de Regina Coelho. De seguida, passou à explicação do significado de algumas palavras e expressões.

Depois os alunos realizaram exercícios de gramática acerca do texto trabalhado. Assim que toda a turma terminou a realização dos exercícios propostos, a professora pediu que, ordenadamente, fizessem a leitura do texto em voz alta.

De regresso à sala, os alunos realizaram uma ficha de exercícios, individualmente, de preparação para a prova de aferição.

#### Inferências e Fundamentação Teórica

Todos os alunos **leram em voz alta** dois parágrafos do texto, tendo este sido lido mais do que uma vez.

Segundo Antão (1997):

a leitura em voz alta pode tomar várias diretrizes, as quais estão dependentes do texto a ler, da capacidade de leitura a testar, da idade cronológica e intelectual do leitor, etc. assim poderá fazer-se uma leitura dirigida se o objetivo for corrigir as imperfeições. (p.46)

Para Purcell-Gates (1996, citado por Teberosky e Colomer, 2003):

as leituras em voz alta também têm efeitos positivos sobre o desenvolvimento de aspetos não linguísticos. Assim, (...), facilitam o conhecimento das funções da escrita, ao mesmo tempo em que favorecem a aprendizagem das convenções e dos conceitos relativos ao material impresso. (p.21)

Os alunos, ao fazerem a leitura em voz alta, permitiram à professora corrigir os erros que estes dão para que, quando escrevam textos, minimizem esses erros. A leitura de texto em voz alta é uma atividade social que permite dar voz e significado a um texto.

### **Terça-feira, 6 de março de 2012**

A manhã começou com os alunos sentados nos seus respectivos lugares e folhas distribuída uma caixa do material Cuisenaire, com o qual a professora abordou a área, o volume e as potências.

Antes de irem para o intervalo, a meio da manhã, a professora disse as notas da prova de português e de matemática.

Após virem do intervalo, entraram na sala, abriram o cabeçalho e escreveram o sumário. De seguida, procederam à realização de uma cópia para avaliação do texto *Isabel*, de Sophia de Mello Breyner Andresen.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Os materiais manipuláveis estruturados são essenciais para a assimilação e posterior acomodação de diversos conteúdos programáticos ao nível da Área de Matemática.

No período da manhã os alunos trabalharam com o material manipulável estruturado **Cuisenaire**. Sobre este material Damas, *et al.* (2010) referem que “o manuseamento das barras dá, aos alunos, a possibilidade de descobrirem, eles próprios, os números e as suas relações podendo observar, manipular, calcular e compreender.” (p.65)

Palhares e Gomes (2006, citados por Caldeira, 2009) nomeiam que:

a utilização do material Cuisenaire estende-se a vários conteúdos entre os quais se destacam: fazer e desfazer construções, fazer construções a partir de representações no plano, (...), medir áreas e volumes, trabalhar simetrias, (...), estudar frações e decimais, estudar as propriedades das operações, (...). (p.129)

A manipulação de materiais permite não só a construção de conceitos, como também serve para a representação de modelos abstratos, permitindo, assim, uma melhor estruturação de determinados conceitos, como é o caso da área e do volume.

### **Sexta-feira, 9 de março de 2012**

A professora chegou à sala e, com os alunos sentados, distribuiu fichas de trabalho realizadas anteriormente, para correção.

De seguida, entregou uma folha pautada para os alunos abrirem o cabeçalho e escreverem o sumário. Depois a professora procedeu à leitura, interpretação e

funcionamento da língua oral do texto *Isabel*, de Sophia de Mello Breyner Andresen e, de seguida, os alunos realizaram um ditado do mesmo texto.

Após o intervalo, os alunos resolveram exercícios, cuja finalidade era de revisão para a prova de matemática.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A professora, neste dia, realizou com a turma um exercício caligráfico, denominado **ditado**. Para Condemarán e Chadwick (1987), “o ditado desenvolve a capacidade para escutar de forma concentrada e incrementa a qualidade de atenção da criança.” (p.184). Segundo Jean (1999), “o ditado continua a ser um exercício útil de verificação, (...), desde que seja concebido, de facto, como um jogo pelo qual a leitura em voz alta a encontrar a sua forma gráfica.” (p.109)

Através da correção dos erros deste exercício caligráfico, os alunos tomam consciência dos erros que dão. A professora ao realizar este exercício desenvolve nos alunos a concentração da atenção e sendo assim, os alunos são “obrigados” a estar em silêncio.

### **Segunda-feira, 12 de março de 2012**

A professora cooperante levou os alunos para a sala de aula e a professora M (professora de apoio ao estudo) foi lá sala buscar três alunos para irem trabalhar com ela.

A restante turma ficou a elaborar uma composição para avaliação, através do exercício “Mapa de Histórias”.

Após o intervalo, a meio da manhã, a professora abordou o tema Expressões Numéricas em que explicou as regras e, em seguida, os alunos procederam à resolução de algumas expressões numéricas.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Neste dia, os alunos realizaram um exercício de escrita diferente, denominado “Mapa de Histórias”, integrado na temática **escrita criativa**. Este exercício consistia em seguir as pistas dadas, de maneira a formar uma história/texto. Condemarán e Chadwick (1987) entendem escrita criativa como “o termo (...) aplicado com maior propriedade às composições espontâneas imaginativas que são elaboradas como produto da fantasia.” (p.159). O lexema criatividade é entendido por Nascimento e

Pinto (2003), como sendo a “capacidade dos falantes/escreventes de uma língua para produzirem e interpretarem enunciados novos.” (p.23)

Os alunos, ao realizarem este exercício, estão não só a desenvolver a capacidade de escrita, como também os processos de imaginação, pensamento e divergência, ou seja, o engendrar de novas ideias e novas questões.

### **Terça-feira, 13 de março de 2012**

Este dia foi dedicado à prova de avaliação do 2.º período de Português.

Após o intervalo, alguns alunos já tinham terminado a prova e começaram a ler um livro. Quando todos tinham terminado a prova, a professora procedeu às revisões para a prova de avaliação do 2.º período de Matemática.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Nesta manhã, não observei aulas lecionadas nem pela professora, nem pelas minhas colegas de estágio, pois a manhã foi destinada à realização da **prova de avaliação** de Português. Sobre esta temática, Estanqueiro (2010) refere que “os professores podem recorrer a diversos instrumentos para avaliar as aprendizagens e o progresso dos alunos: testes, trabalhos de pesquisa, portefólios, registos de participação oral e relatórios de autoavaliação.” (p.83)

Ainda sobre os testes/provas Gronlund e Linn (s.d., citados por Pais e Monteiro, 1996) mencionam que:

os testes e os outros procedimentos para medir a aprendizagem dos alunos não se destina a substituir as observações e juízos informais dos professores. Antes pelo contrário visam complementar e suplementar os métodos informais de obtenção de informação acerca dos alunos. (pp.63-64)

As atividades de avaliação devem ser sempre desenvolvidas num sentido construtivo e encorajador. Desta forma, a avaliação do aluno engloba não só a realização de testes/provas como também todas as atitudes/comportamentos e trabalhos desenvolvidos em sala de aula, ao longo do período.

### **Sexta-feira, 16 de março de 2012**

Com os alunos sentados nos respetivos lugares, a professora entregou uma folha, na qual estes elaboraram um poema e, em seguida, fizeram a ilustração do mesmo.

Quando todos tinham terminado, a professora fez o ditado *A Cidade dos Cães*, de Luísa Ducla Soares. Esta procedeu à correção do mesmo, enquanto os alunos faziam a ilustração do texto.

Após o intervalo os alunos fizeram avaliação de operações e revisões para a prova de avaliação do 2.º período de Estudo do Meio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Os alunos iniciaram a manhã, começando por fazer um exercício caligráfico. Este exercício tinha como objetivo a elaboração de um **poema**, através da técnica “Palavra puxa Palavra”. Esta técnica de escrita consiste em formar um poema, onde a última palavra de cada verso é a primeira do verso seguinte.

Para Bastos (1999):

a realização específica do material linguístico no discurso poético, a fuga a uma norma e a criação de uma instância de liberdade criativa que, sendo aspetos comuns a todo o fenómeno literário, se manifesta de forma mais evidente na poesia. (p.188)

Os alunos, ao procederem a este exercício caligráfico, desenvolvem a criatividade e o vocabulário.

### **Segunda-feira, 19 de março de 2012**

A manhã começou com revisões para a prova de avaliação do 2.º período de Estudo do Meio e História de Portugal, em que foram abordados os seguintes temas: fases da Lua, aspetos da costa, estados físicos da água, Universo e conteúdos de História de Portugal. Em seguida os alunos realizaram-na.

Após o intervalo, a professora entregou as provas de avaliação do 2.º período de Português e, em seguida, procedeu à correção da mesma oralmente.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Depois das revisões feitas em aula e do estudo realizado em casa, é dia dos alunos testarem os seus conhecimentos ao nível dos conteúdos da Área de **Estudo do Meio** e de História de Portugal.

Entendem-se por Estudo do Meio, o entendimento do meio que nos rodeia e, neste sentido, estudar o meio implica vivenciar situações que desenvolvam nos alunos o gosto pela ciência. De acordo com a *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo* (Ministério da Educação, 2004) “todas as crianças possuem um

conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da sua vida, no contacto como o meio que as rodeia.” (p.101). Segundo a mesma fonte, os conteúdos a serem lecionados estão “relacionados com os elementos básicos do meio físico (o ar, a água, as rochas, o solo), os seres vivos que nele vivem, o clima, o relevo e os astros.” (p.115)

Depois do intervalo a professora procedeu à **correção oral da Prova de Português**. Sobre este assunto, Estanqueiro (2010) refere que “corrigir testes (...) ajuda o aluno a identificar os seus progressos e as suas dificuldades, a verificar o que fez bem e o que fez mal.” (p.95)

Na minha opinião, a manhã foi pouco motivante/dinâmica no sentido em que, depois dos alunos terem realizado uma prova, a professora corrigiu outra.

### **Terça-feira, 20 de março de 2012**

Neste dia, os alunos do 4.º ano e as crianças da sala dos 3 anos foram ao Teatro Politeama assistir à peça *O Pinóquio*, de Filipe La Féria.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Neste dia, os alunos dirigiram-se até ao **teatro**, a fim de assistirem a uma história dramatizada. O facto de a escola promover a deslocação dos alunos ao teatro é, segundo as palavras de Bastos (1999), “um conjunto de atitudes (...), mais do que um ritual a cumprir (...), constituir uma verdadeira sensibilização à linguagem teatral.” (p.235). Os alunos desta escola assistem com alguma regularidade a peças de teatro, o que faz crescer nestes o gosto pelo teatro, tornando-os cidadãos conscientes de uma prática cultural.

### **Sexta-feira, 23 de março de 2012**

A manhã começou com a leitura modelo, feita pela professora, do texto *O gigante*, de Óscar Wilde. De seguida pediu aos alunos que o lessem e depois procedeu à interpretação e à análise gramatical do mesmo.

Antes de irem para o intervalo, a meio da manhã, os alunos acabaram os trabalhos em atraso e fizeram leitura recreativa.

Depois do intervalo, a turma esteve a ter Experiências<sup>3</sup>, onde realizou a experiência “Condutores da corrente elétrica”.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Por ser sexta-feira, último dia útil da semana, a professora programou a manhã para a conclusão de trabalhos em atraso e para a correção de outras tarefas.

À medida que os alunos iam terminando os trabalhos, entregavam-nos à professora e esta sugeria que fossem à biblioteca da sala buscar um livro para lerem (livro seu ou da escola).

Sobre esta **prática de leitura**, Antão (1997) refere que “a leitura recreativa é fundamental. Na verdade, ler pode constituir uma das maneiras mais agradáveis, enriquecedoras e duradouras.” (p.12). Bastos (1999) sustenta que “se realmente acreditamos no papel importante que o livro e a leitura desempenham na formação das crianças, então devemos começar exatamente por abrir o espaço da aula a momentos de leitura livre de questionários e outros constrangimentos avaliativos.” (p.287). Esta estratégia da professora, a meu ver, é de grande importância e foi bastante positiva, pois fez com que os alunos permanecessem em silêncio, enquanto os colegas terminavam os trabalhos. Para além disso, esta atitude/estratégia, se for recorrente, suscita nos alunos o interesse e o gosto pela prática da leitura.

### **Terça-feira, 10 de abril de 2012**

Neste dia, encontravam-se a estagiar, na mesma sala que eu, duas estagiárias do Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico.

A professora passou exercícios de revisão de Matemática no quadro e os alunos passaram para uma folha quadriculada, distribuída antecipadamente, e resolveram-nos.

Após o intervalo, a professora procedeu à entrega e correção oral da prova de aferição de Português, de treino.

---

<sup>3</sup> Ciências Experimentais, Clube de Ciências e Experiências são a mesma disciplina, lecionada pelos professores D e F da ESEJD

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Sobre as **provas de aferição** (Ministério da Educação, 2012a) menciona que estas “visam recolher informações relevantes sobre os desempenhos dos alunos nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática.”

Antes dos alunos fazerem uma prova, seja ela de aferição ou não, a professora prepara-os da melhor forma e, para isso, entrega-lhes provas de anos anteriores, ou seja, as chamadas provas-treino.

Depois de corrigidas pela docente, esta entrega-as aos alunos, fazendo a posterior correção para que estes tomem consciência dos erros dados. Deste modo estão a treinar o melhor possível para a realização das mesmas.

## **Sexta-feira, 13 de abril de 2012**

Esta manhã foi dedicada à recolha de dados relativos à condição física dos alunos do 1.º e 4.º anos de escolaridade (6 e 9 anos), com a ajuda do professor de Expressão Físico-Motora.

Os exercícios foram realizados no ginásio da instituição, com a cooperação de quatro estagiárias do Mestrado. Estes dados fazem parte de um Projeto intitulado “Rede: Educação Alimentar em Ação”, desenvolvido pela Escola Superior de Educação João de Deus em parceria com a *Nutrihelp*.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Este foi um dia de estágio diferente para mim, pois saí da rotina habitual de sala de aula.

A escola, enquanto parte integrante da comunidade, permite outro tipo de programações que saem do macro de sala de aula. Assim, neste dia realizaram-se **testes de condição física** aos alunos. Esta é uma unidade social, funcional e organizativa no que diz respeito à programação de atividades. O professor é a sua unidade operativa. (Zabalza, 2000). Por sua vez, Baptista (2006) defende que “as escolas, enquanto espaços educativos e promotores de saúde, devem criar cenários valorizadores de uma alimentação saudável.” (p.9). O autor supracitado defende ainda que “para além dos cuidados a ter em matéria de alimentação, compete ainda aos pais incentivar os seus filhos a serem fisicamente ativos.” (p.28)

As redes escolares devem proporcionar aos alunos uma alimentação equilibrada e oferecer-lhes um espaço destinado à prática de exercício físico.

## **Segunda-feira, 16 de abril de 2012**

A minha colega de estágio C lecionou hoje a sua aula de manhã inteira. Esta começou com a Área de Português, em que entregou aos alunos um texto intitulado *O Grande Hotel*, de António Torrado. Em seguida leu-o e fez a interpretação oral do mesmo. Este texto serviu de base para a construção de um convite escrito pelos alunos.

Na Área de Estudo do Meio, a minha colega deu o tema Agricultura, o qual explorou com a ajuda de um *powerpoint*. De seguida entregou uma ficha de trabalho de consolidação de matéria.

Para finalizar a manhã, esta lecionou, na Área de Matemática, o pictograma. Explicou o que era e como se fazia a sua interpretação. De seguida distribuiu uma ficha de trabalho pelos alunos, que estes realizaram sozinhos e, posteriormente, foi corrigida no quadro.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Nesta manhã de aulas lecionada pela minha colega, a área sobre a qual vou inferir e fundamentar é a Área de Matemática, por ser uma das áreas que mais gosto e na qual os alunos estiveram mais entusiasmados.

Segundo Abrantes, *et al.* (1999):

aprender matemática é um direito básico de todas as pessoas - em particular, de todas as crianças e jovens – e uma resposta a necessidades individuais e sociais. A matemática faz parte dos currículos, ao longo de todos os anos da escolaridade obrigatória, por razões de natureza cultural, prática e cívica que têm a ver ao mesmo tempo com o desenvolvimento dos alunos enquanto indivíduos e membros da sociedade. (p.17)

Na minha opinião, compreender a matemática e aprendê-la deve ser um prazer e deve ser feita de forma lúdica. No que diz respeito ao tema abordado, **pictograma**, os autores Ponte e Serrazina (2000) mencionam que:

usa-se uma representação do nosso objeto, que se repete o número de vezes adequado, para indicar a quantidade de elementos que existe em cada categoria. No fundo, trata-se de uma representação semelhante ao gráfico de barras, onde a barra é substituída por um certo número de figuras. (p.215)

Numa sociedade baseada na tecnologia e na comunicação, selecionar e interpretar dados, tomar decisões ou fazer previsões, com base em informações, são capacidades que permitem ter uma visão alargada da matemática. (Caldeira, 2009)

Essas informações podem estar apresentadas de diversas formas, uma delas é através de um pictograma.

### **Terça-feira, 17 de abril de 2012**

Esta manhã foi destinada à aula de manhã inteira da minha colega de estágio A. Esta começou pela Área de Português, distribuindo pelos alunos uma folha com um excerto adaptado de um texto intitulado *A Árvore*, de Sophia de Mello Breyner Andresen. Fez a leitura modelo do texto e, de seguida, pediu que os alunos lessem cada um deles, um parágrafo e depois fez interpretação e análise gramatical.

Para a Área de Estudo do Meio, esta trouxe alguns materiais de apoio como bolotas, rolhas de cortiça e pinhas, pois o tema era a Silvicultura. Explorou o tema com o auxílio de um *powerpoint*, onde abordou as diferentes árvores desta atividade económica e quais os produtos extraídos das mesmas. Para finalizar a aula desta área de conhecimento, fez um jogo de associação entre as árvores e os produtos que essas mesmas dão.

Já na Área de Matemática, abordou a passagem de um número complexo para um número incompleto, e explicou como se fazia. De seguida fez com eles exercícios escritos de aplicação. Depois de resolvidos todos os exercícios, fez a correção no quadro.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A minha colega de estágio, na manhã de aulas, recorreu ao **powerpoint** para apresentar os conteúdos programáticos pretendidos. Segundo Botelho (2009), “a introdução das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) em ambientes de aprendizagem podem fazer a diferença. As tecnologias educativas, quando eficazmente utilizadas, podem auxiliar a aprendizagem positivamente.” (p.104). Para a mesma autora “o TIC é mais um recurso pedagógico, que o professor deve utilizar, pois vai desenvolver uma nova linguagem (...) e um novo ambiente social.” (p.114)

A minha colega, ao utilizar as TIC, para apresentar os conteúdos, conseguiu captar a atenção de todos, pois a apresentação saiu da rotina, tornando deste modo a aprendizagem mais significativa. Para Estanqueiro (2010), “um professor (...) utiliza recursos variados, incluindo recursos multimédia, para motivar os alunos e reforçar as suas mensagens. Qualquer pessoa aprende melhor aquilo que escuta e vê, ao mesmo tempo.” (p.37). A escola faz parte de uma sociedade que se tem vindo a confrontar com inúmeras mudanças ao nível da tecnologia e os recursos tecnológicos são armas

fundamentais para tornar as aulas mais instigantes e apreciadas, pelos alunos, pelo facto dos alunos se aproximarem do conhecimento, por um meio que não é habitual.

### **Sexta-feira, 20 de abril de 2012**

Neste dia a colega D do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico realizou, nesta turma, a Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP). Esta prova foi assistida pela professora cooperante da sala e por duas professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica.

A colega deu no tempo estipulado as três áreas de conhecimento e um jogo. No que diz respeito à Área de História de Portugal, abordou o Mosteiro dos Jerónimos.

De seguida, passou para a Área de Português, em que pediu aos alunos para construírem em grupo com as palavras móveis, um poema. O referido poema está contemplado nos *Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, no Canto V, estrofe 37. Após a turma ter construído o poema, foi feita a correção, projetando-a no quadro interativo.

Na Área de Matemática, a colega trabalhou com o material manipulável estruturado 5.º Dom de Froebel, com o qual fez a construção da capela, realizando de seguida situações problemáticas em torno da mesma.

Para finalizar a sua aula, dirigiu-se com os alunos para o recreio, onde realizou um jogo.

Após o intervalo, os alunos ficaram na sala connosco (estagiárias). Realizaram um ditado e resolveram exercícios de adição e subtração de números complexos.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Para mim, enquanto aluna estagiária foi muito benéfico assistir a esta **PPACP**, pois futuramente, também irei realizar a minha. Ao assistir a esta prova, pude verificar o quão importante é escolher bem os temas de modo a que se adequem à faixa etária e ao tempo estipulado (1h15m). É necessário também que se teste todos os equipamentos eletrónicos antes de iniciar a aula, para que no decorrer desta tudo esteja operacional. Os alunos estagiários por vezes têm receio de arriscar, com medo de que algo não corra bem, quando estão a ser avaliados por um supervisor. (Alarcão e Tavares, 1987). Na minha opinião, a colega arriscou um pouco na escolha dos temas, principalmente na atividade que realizou na Área de Português, por ser um pouco extensa e morosa e as situações problemáticas de lógica que escolheu, também requereram algum tempo.

## Segunda-feira, 23 de abril de 2012

Esta manhã foi dedicada à aula programada da minha colega de estágio C, assistida pela professora cooperante e por uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica.

A minha colega começou pela Área de Português, em que distribuiu pelos alunos um texto intitulado *O velho, o rapaz e o burro*, de Natércia Rocha. Fez a leitura modelo do mesmo e pediu a quatro alunos que lessem o texto. De seguida fez interpretação oral do mesmo e, com base no texto, explicou a diferença entre frase simples e frase complexa. Usou como material de apoio, frases móveis.

Na Área de Estudo do Meio, abordou o conteúdo da Pecuária. Fez a abordagem oral do tema, interligando-o com o texto lido anteriormente. Depois dialogou com os alunos sobre os diferentes tipos de pecuária, os diferentes tipos de gado e as principais zonas de Portugal onde são criados, tendo como auxílio um *powerpoint*.

Para finalizar a aula lecionou, na Área de Matemática, o volume do cilindro. Dialogou com os alunos sobre o sólido e, em seguida, explicou a fórmula do volume do cilindro. Teve também como material de apoio um *powerpoint*.

Após o intervalo tivemos uma reunião para refletir sobre a aula que tínhamos assistido. Em seguida dirigimo-nos para a sala, onde a professora leu o texto *Um olhar do Espaço*, de Miguel Sousa Tavares e fez a interpretação oral do mesmo.

### Inferências e Fundamentação Teórica

Após a aula da minha colega, houve uma reunião para a **reflexão** da mesma, em que falámos sobre o que a colega lecionou apresentando os aspetos positivos e os aspetos a melhorar.

Jacinto (2003) afirma que “a prática profissional, para ser reflexiva, deve ter por objetivo a desconstrução e a reconstrução de novos saberes e conceções por parte dos professores.” (p. 50) O mesmo autor defende ainda que “a orientação prática na formação inicial de professores pressupõe a ação reflexiva sobre a prática.” (p. 45)

O futuro professor e o docente, que tenham uma mente aberta a novas aprendizagens, podem melhorar a sua prestação, ao longo dos tempos, pois aprendem através da reflexão e dos erros, melhorando sempre, de modo a que haja um bom funcionamento em sala de aula, tendo como objetivo o enriquecimento das aprendizagens dos alunos.

## Terça-feira, 24 de abril de 2012

Hoje apresentei as aulas que tinha preparado, mas desta vez a uma turma de 1.º Ciclo do Ensino Básico, ao contrário das outras que eram turmas de Pré-Escolar.

Iniciei com a Área da Matemática, em que lecionei a passagem de número incompleto para número complexo. Comecei por lembrar a diferença entre número complexo e incompleto, depois procedi à explicação da conversão e em seguida entreguei uma ficha de consolidação de matéria, na qual os alunos tinham de resolver sozinhos diversos exercícios, que depois foram corrigidos no quadro.

Passei depois para a Área de Português, em que, através de um *powerpoint*, expliquei os diferentes tipos de frases coordenativas. Comecei por lembrar a diferença entre frase simples e frase complexa e só depois passei à explicação da coordenação.

Após o intervalo, entreguei uma ficha de trabalho com exercícios de aplicação, a qual fizemos em conjunto.

Para finalizar a manhã de aulas, abordei o conteúdo conceptual Comércio, em que explorei também, através de um *powerpoint*, a diferença entre comércio interno e comércio externo, o termo exportação e importação e quais os principais produtos exportados e importados por Portugal.

Para consolidar o que tinha sido abordado, procedi à realização de um jogo intitulado o “Jogo do Loto”.

## Inferências e Fundamentação Teórica

Na aula de Estudo do Meio primei pela comunicação com os alunos, onde apelei à sua participação e às suas vivências. Apelei às suas vivências, ao questionar os alunos sobre o que entendiam por comércio, comércio interno, comércio externo, importação e exportação, recorrendo às suas **concepções alternativas**.

O **jogo** que apliquei no final da aula para consolidar a matéria da Área de Estudo do Meio, teve como objetivo tornar a aprendizagem motivadora. Duarte (2009) considera o jogo “um auxiliar educativo e uma forma de motivar os alunos para a aprendizagem” não o considerando “apenas como um divertimento ou um prazer.” (p.1)

No final da manhã a professora deu-me o *feedback* da aula. Referiu que não devia ter “perdido” tempo a perguntar aos alunos os conceitos, pois era um tema novo para eles. Sobre este assunto, Cachapuz (1995, citado por Martins, Veiga, Teixeira,

Tenreiro-Vieira, Vieira, Rodrigues, Couceiro e Pereira (2007) entende concepções alternativas como sendo as “ideias que aparecem como alternativas a versões científicas de momento aceites, não podendo ser encaradas como distrações, lapsos de memória ou erros de cálculo, mas sim como potenciais modelos explicativos resultantes de um esforço consciente de teorização.” (pp.28-29)

A identificação de concepções alternativas é um passo fundamental no crescimento e desenvolvimento da visão científica.

### **Sexta-feira, 27 de abril de 2012**

Esta manhã foi diferente de todas as outras, pois os alunos estiveram ocupados a terminar a prenda para o Dia da Mãe, com a professora de Expressão Plástica.

Após o intervalo, as colegas do Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico concluíram uma atividade de grupo com os alunos, relacionada com a ida ao Museu do Traje.

Para finalizar a manhã, os alunos tiveram Experiências, onde realizaram uma atividade experimental intitulada “Maré Negra”.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Esta foi a primeira vez que observei uma aula de **Expressão Plástica**. Segundo Sousa (2003), “a expressão plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades.” (p.160). Ao fazerem a prenda para o Dia da Mãe, os alunos estão ativamente empenhados, manipulando diversos objetos e materiais.

De acordo com a *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo* (Ministério da Educação, 2004), “as crianças precisam de explorar, sensorialmente, diferentes materiais e objetos.”, e ao fazerem “construções permite a exploração da tridimensionalidade, ajuda a desenvolver a destreza manual.” (p.90) e constitui um desafio à capacidade de transformação e criação de novos objetos, como foi o caso desta prenda.

Este foi o último dia de estágio realizado nesta sala e, como tal, não posso deixar de fazer uma breve **reflexão** sobre o mesmo. Enquanto estagiária, este período de estágio teve momentos que eu considero positivos e proveitosos, mas, para mim, a comunicação é o pilar principal de uma boa relação pedagógica.

Sobre este assunto, Vieira (2000) defende que “a relação pedagógica é tanto mais eficaz quanto mais aberta, positiva e construtiva for a comunicação professor/aluno.” (p.9)

## **1.9. 6.ª Secção: 3.º ano de escolaridade**

Período de estágio compreendido entre 30 de abril e 22 de junho de 2012.

### **1.9.1. Caracterização da turma**

De acordo com a informação fornecida pela professora, a turma do 3.º ano, desta escola, é composta por vinte e sete alunos, catorze do sexo feminino e treze do sexo masculino. Dos vinte e sete alunos, existem dois que merecem especial atenção. Um, por apresentar bastantes dificuldades de aprendizagem e outro, por apresentar alguns problemas comportamentais e de postura. Todos os alunos têm de completar oito anos de idade até ao dia 31 de dezembro de 2012.

Este grupo de alunos está bem integrado na dinâmica da escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

### **1.9.2. Caracterização do espaço**

A sala do 3.º ano situa-se no piso inferior da escola e tem duas portas, uma, que dá acesso direto para o exterior e outra, que dá acesso ao interior do edifício. É uma sala grande com três janelas e com bastante luminosidade. Têm vista para um dos recreios da escola. Esta sala é ainda composta por dois quadros (um de giz e outro interativo). Os alunos encontram-se virados de frente para o quadro interativo e para a secretária da professora. Nesta sala ainda existem dois *placards*, onde a professora expõe os trabalhos desenvolvidos pelos alunos.

### **1.9.3. Horário da turma**

No Quadro 7 é apresentado o horário das atividades desenvolvidas semanalmente pela turma do 3.º ano. O horário facultado pela professora cooperante pode sofrer alterações no decorrer da semana, caso a turma assim o exija.

Quadro 7 – Horário da turma do 3.º ano de escolaridade

Horas	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h00-10h00	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
10h00-11h00	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
11h00-11h30	Recreio				
11h30-12h00	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
12h00-12h50	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
13h00-14h30	Almoço e Recreio				
14h30-15h20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	História	Educação Física	Experiências
15h20-16h10	História	Inglês	Estudo do Meio	Música	Expressão Plástica
16h10-17h00	Biblioteca: no âmbito de Português	Formação Cívica	Estudo do Meio	Área de Projeto	Expressão Plástica
17h00	Saída				

#### 1.9.4. Rotinas

As rotinas dos alunos do 3.º ano são idênticas às rotinas mencionadas e descritas na secção anterior.

#### 1.9.5. Relatos Diários

##### Segunda-feira, 30 de abril de 2012

Neste dia houve *roulement* e, por isso, estivemos com a professora titular da outra turma.

Durante a manhã alguns dos alunos terminaram trabalhos em atraso, outros liam livros ou jogavam no computador.

Depois, os alunos foram para o recreio e a professora jogou com eles o jogo da “Barra ao Lenço”. Após o jogo os alunos brincaram livremente até à hora de almoço.

#### Inferências e Fundamentação Teórica

Este foi um dia diferente para os alunos pois as suas rotinas foram alteradas, devido ao *roulement*. A **atividade lúdica** é toda e qualquer animação que tem como intenção causar prazer e entretenimento a quem a pratica. Segundo Carneiro (2012), “as

atividades lúdicas podem ser uma brincadeira, um jogo ou qualquer outra atividade que permita tentar uma situação de interação.” (p.17)

O termo **brincar** é, nas palavras de Ferreira (2001, citado por Carneiro, 2012), “a atividade mais típica da vida humana, por proporcionar alegria, liberdade e contentamento. É a ação que a criança desempenha ao concretizar a fantasia e a imaginação no mundo real.” (p.10)

Kishimoto (1999, citado por Carneiro, 2012) refere brincar como:

a forma mais pura da inserção da criança na sociedade. Do ponto de vista sociológico, os hábitos, os costumes, as regras, as leis a moral, a ética e a linguagem são assimilados pela criança pelo meio da brincadeira e do uso do brinquedo. (p.10)

No que diz respeito ao jogo, Rabinovich (2007) menciona que “é considerado a principal estratégia para efetivação do trabalho corporal, pois os jogos e brincadeiras são considerados como atividades próprias das crianças, pois se mantêm espontâneas e lúdicas.” (p.52). Através do brincar, a criança pode desenvolver capacidades essenciais como a atenção, a memória, a imitação e a imaginação. Os jogos e as brincadeiras proporcionam as aprendizagens sociais, na medida em que o aluno desenvolve o espírito de grupo.

#### **Sexta-feira, 4 de maio de 2012**

Após os alunos terem ido à casa de banho e de se terem dirigido para os seus lugares na sala, a professora solicitou que nos apresentássemos à turma e depois pediu aos alunos também para o fazerem.

De seguida, procedeu à entrega de fichas de trabalho e de folhas com exercícios para os alunos corrigirem, enquanto alguns acabavam trabalhos que tinham em atraso.

Na Área de Matemática, os alunos resolveram exercícios de aplicação de matéria e resolveram situações problemáticas.

Após o intervalo, os alunos realizaram o ditado do texto *O urso com insónias*, de António Torrado e de seguida procederam à elaboração de uma expressão escrita, cujo título era escolhido pelo próprio aluno.

#### **Inferências e Fundamentação Teórica**

O **acolhimento dos alunos estagiários** pelo professor cooperante é deveras crucial no percurso de formação do mesmo. Um dos mais fortes e constantes impulsos

humanos é a necessidade de estabelecer relações com os outros indivíduos, de modo a viver em sociedade. Segundo Guerra (2001, citado por Durão, 2010), “o clima da instituição é um caldo de cultura onde os profissionais realizam a reflexão. Um clima positivo torna aliantes os encontros frutuosos. O diálogo sincero e aberto acaba por se converter numa plataforma de aprendizagens.” (p.18). O bom clima entre professor cooperante e aluno estagiário, na sala de aula, gera sentimentos que são um estímulo para a boa relação no decorrer do estágio.

### **Segunda-feira, 7 de maio de 2012**

Depois de a professora trazer os alunos do ginásio para a sala, esta entregou-lhes uma folha com o texto adaptado *Traça*, de Álvaro Magalhães e pediu-lhes que fizessem a leitura silenciosa do mesmo. Depois de ter dado algum tempo aos alunos para lerem, a professora procedeu à leitura modelo do texto e esclareceu algumas dúvidas relativas a algumas palavras/expressões do texto.

Ainda na Área de Português, pediu ordenadamente aos alunos para lerem um parágrafo do texto e, de seguida, fez interpretação oral do mesmo. Depois fizeram a cópia do texto com o respetivo alfabeto maiúsculo e minúsculo, realizaram alguns exercícios gramaticais, como classificar palavras quanto ao número de sílabas, quanto à sílaba tónica e quanto à sua formação. Antes de irem para o intervalo, ainda realizaram um ditado de palavras.

Após o intervalo, na Área de Matemática, enquanto os alunos realizavam exercícios, entrou na sala a diretora da escola e a inspetora da instituição para fazerem inspeção.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A **inspeção escolar** faz parte da administração da escola.

A inspeção em educação teve sempre, como núcleo central da sua missão, a verificação da conformidade entre as práticas escolares e educativas e as normas que as regulam, designadamente as normas técnico-pedagógicas. (Carreiro, 2011)

Segundo Lucas (2008):

a atuação do inspetor passa por orientar a gestão educativa para resultados com níveis de qualidade cada vez mais exigentes e para a adequação da ação educacional às necessidades dos diferentes utentes do sistema educativo, contribuindo para que as organizações escolares sejam instituições sociais responsáveis, espaços de aprendizagem da cidadania, caracterizadas por modos de gestão racionalizada, atenta à diversidade e à heterogeneidade social e cultural. (p.21)

No âmbito da inspeção, compete ao inspetor propor e colaborar na preparação de medidas que visem a melhoria do sistema educativo, como apoiar, pedagógica e administrativamente, os membros da comunidade educativa.

### **Terça-feira, 8 de maio de 2012**

Nesta manhã, até irem para o intervalo, os alunos trabalharam com o material manipulável estruturado **Calculadoras Papi**, com as quais realizaram leitura de números e situações problemáticas.

Depois do intervalo, a manhã foi destinada à Área de Português, na qual os alunos procederam à escrita lúdica de um pequeno texto intitulado “Anúncio de si próprio”. Quando terminaram o exercício, os alunos passaram para a folha que tinha sido distribuída, os exercícios gramaticais relacionados com os graus dos adjetivos e com a conjugação do verbo cantar, no pretérito perfeito do modo indicativo.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Foi a primeira vez que assisti a uma aula com o material manipulável estruturado **Calculadoras Papi**. Este material foi inventado por George Papy, um matemático belga, em 1970, juntamente com a sua mulher Frederique Papy, sendo esta professora de matemática. Estas calculadoras são baseadas no Minicomputador Papy. (Caldeira, 2009). Sobre este material, Caldeira (2009) refere que “funcionam como um ábaco, que combina o sistema decimal com o sistema binário e tem como base as cores das peças do material Cuisenaire.” (p.345)

Nesta escola, as Calculadoras Papi sofreram uma pequena alteração nas cores, como nos menciona Caldeira (2009), “as cores escolhidas (diferem das cores do material Cuisenaire) para estas calculadoras foram: branco (1); azul (2); rosa (4) e verde (8).” (p.346). Cada calculadora representa uma ordem e cada conjunto de três calculadoras equivalem a uma classe. Com este material, os alunos desenvolvem o cálculo mental, resolvem situações problemáticas e fazem leitura de números.

### **Sexta-feira, 11 de maio de 2012**

Hoje os alunos do 3.º ano deslocaram-se ao teatro Bocage para assistirem à peça “*A Alegre História de Portugal em 90 minutos*”.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A História de Portugal ensinada através do **teatro** é uma lição, uma aula viva e uma aula de memória.

A ida ao teatro acarreta consigo numerosas vantagens, como nos expõe Cordeiro (2010):

apreciação do teatro como experiência estética; progressiva consciencialização dos valores culturais e sociais; desenvolvimento da ideia de que é possível contar histórias aliciantes com cenários pequenos; tirar a ideia do «pronto a comer» dos efeitos especiais que abundam nos filmes, mostrando que uma pessoa, sem mais nada, tem tudo o que precisa para encantar os outros durante largo tempo; aprendizagem de que a mesma pessoa pode desempenhar várias tarefas e ser várias personagens, bastando para isso encarnar quem está, no momento, a representar; partilha de uma forma de arte comunitária das mais antigas; aprendizagem do exercício de rigor que é decorar um texto, seguir um enredo, não atropelar as falas dos outros e entender o seu lugar no puzzle; aumento dos conhecimentos sobre a história e as suas personagens.” (p.424)

O objetivo desta peça de teatro era desmistificar a história do país, tornando-a acessível, cativante e interessante para os mais novos.

### **Segunda-feira, 14 de maio de 2012**

A manhã começou com a correção dos desafios escolares de Português e de Matemática.

Na Área de Matemática, os alunos resolveram situações problemáticas e fizeram ainda a análise de um pictograma.

Após o intervalo, a professora pediu a colaboração de um aluno para distribuir pelos colegas uma folha com o texto adaptado *A panela de ferro e a panela de barro*, de Maria Alberta Menéres. Depois de todos os alunos terem o texto, a professora procedeu à leitura modelo e, de seguida, pediu aos alunos que lessem um parágrafo, cada um. Após a leitura, a professora pediu a um aluno que fizesse o resumo do mesmo e fez perguntas orais de interpretação que, posteriormente, foram escritas numa folha.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A professora, ao fazer a **leitura modelo** do texto, fez com que os alunos estivessem concentrados no texto, seguindo assim a sua leitura.

Curto, Morillo e Teixidó (2000) afirmam que “se queremos que os nossos alunos aprendam a manejar e a valorizar a linguagem escrita devemos servir-lhes de modelo, mostrando-lhes como nós fazemos.” (p.21)

Para Olson (1994, citado por Teberosky e Colomer, 2003):

escutar a leitura em voz alta ajuda a criança a focalizar sua atenção sobre o que o texto “diz”, e não apenas sobre o que “ele quer dizer”. Ajuda a compreender que o registo escrito “fixa” a palavra e possibilita diferenciar entre o sentido literal e a interpretação. (p.137)

A leitura em voz alta é uma fonte de aprendizagem e enriquecimento do vocabulário, estimula a habilidade leitora e faz ganhar gosto pela literatura, pelos livros e pelas histórias neles contados, estimulando também a imaginação. Todas estas competências são de grande importância no dia-a-dia escolar e não só!

### **Terça-feira, 15 de maio de 2012**

A manhã iniciou-se pela Área de Português, em que os alunos fizeram a cópia do texto *A panela de ferro e a panela de barro*, de Maria Alberta Menéres e exercícios gramaticais, compostos por análise sintática de frases, classificação de verbos em transitivos e intransitivos e identificação de preposições.

Após o intervalo, a professora distribuiu pelos alunos uma caixa com o material manipulável estruturado 5.º Dom de Froebel. Com este material, ela trabalhou os conceitos de área, volume, figuras com a mesma área e sólidos com volumes equivalentes.

Para finalizar a manhã, foi distribuída pelos alunos uma folha quadriculada, na qual realizaram exercícios sobre frações, áreas, perímetros e volumes.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

O exercício caligráfico que os alunos realizaram neste dia, a **cópia**, é um ótimo recurso para que o aluno, através da escrita, treine e memorize a escrita de certas palavras. De acordo com Condemarán e Chadwick (1987), a cópia “permite praticar as destrezas caligráficas das formas específicas de cada letra. (...) favorece a familiaridade da criança com diversas modalidades de estruturação das palavras nas frases e orações.” (p.182). A cópia favorece mecanismos de memorização, importantes para a escrita correta de palavras.

### **Sexta-feira, 18 de maio de 2012**

Esta manhã foi uma manhã diferente, pois foi uma manhã destinada a aulas surpresa, por parte das professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica. A supervisora entrou na sala e solicitou à minha colega A que trabalhasse o conceito de perímetro, com o material manipulável estruturado Cuisenaire.

Depois foi a minha vez de lecionar a aula surpresa, solicitada também pela mesma supervisora. A mim, foi-me pedido que lesse o texto *Zé Painho*, de António Mota e que o trabalhasse, fazendo interpretação textual e exercícios gramaticais.

Após as aulas houve uma reunião de reflexão sobre as aulas, onde estavam presentes as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica e as professoras cooperantes, assim como todas as minhas colegas de estágio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

As reuniões que sucedem às aulas são um fator importante na nossa formação, pois a partir do **feedback**, dado tanto pelas professoras cooperantes como pelas supervisoras de estágio, tomamos consciência das nossas capacidades, bem como das nossas dificuldades. Como refere Alarcão e Roldão (2008), “o *feedback* está presente como elemento orientador, estimulador e regulador.” (p.31)

Segundo Severino (2007):

a supervisão da prática pedagógica deverá, assim, constituir-se como um contributo para o percurso de desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos-formandos recorrendo, para o efeito, a estratégias de formação de carácter dinâmico, verdadeiramente construtivo e formativo, no sentido da promoção, entre todos os intervenientes, de uma comunicação efetiva e problematizante, de modo a que os mesmos se tornem não só mais flexíveis, mais seguros e preparados para autodirigirem as suas aprendizagens. (p.44)

É através dos comentários construtivos que as supervisoras e as professoras cooperantes nos fazem nestas reuniões, e ao longo de todo o estágio, que ajustamos as nossas estratégias e crescemos como futuros profissionais ao serviço da educação.

### **Segunda-feira, 21 de maio de 2012**

Depois das habituais rotinas, a professora conversou com os alunos sobre o fim de semana. Logo depois, distribuiu por eles uma ficha de trabalho de Português, que tinha um texto intitulado *Tê, dois, três*, de António Torrado. Era suposto os alunos corrigirem o que tinham tido errado. Ainda na Área de Português, a professora lecionou o conteúdo tipos de sujeito. De seguida, os alunos realizaram exercícios gramaticais para aplicação da matéria dada.

Após o intervalo e, no âmbito da Matemática, os alunos realizaram exercícios sobre o perímetro, a área e o volume.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Neste momento do estágio, considero pertinente fazer uma breve reflexão sobre a **relação pedagógica** que a professora estabelece com as minhas colegas de estágio e comigo. O clima que se gera em sala de aula é bastante bom e propício à aprendizagem e bem-estar enquanto aluno estagiário. Como refere Barbosa (2012), o professor cooperante “deve deixar de ser visto como uma única autoridade (...) e um único modelo a seguir, para passar a criar um contexto favorável ao desenvolvimento do futuro professor, nomeadamente através de um clima de confiança e apoio.” (p.32)

Com esta professora cooperante, senti, para com a minha pessoa, que a professora estava sempre pronta a ajudar e a apoiar naquilo que eu mais precisasse. No âmbito da supervisão, tanto o professor cooperante como o aluno estagiário são responsáveis pela construção do conhecimento profissional, uma vez que o processo ensino-aprendizagem só se efetua estando as pessoas em interação umas com as outras.

### **Terça-feira, 22 de maio de 2012**

A manhã foi dedicada à aula de manhã inteira da minha colega de estágio C. Esta começou pela Área de Matemática, onde abordou o conteúdo concetual passagem de número complexo para número incompleto. Começou por explicar como se fazia a passagem e, de seguida, entregou uma ficha de trabalho, de modo a que os alunos aplicassem e consolidassem a matéria dada.

Na Área de Estudo do Meio, a colega explorou os setores de atividade, em que recorreu aos conhecimentos dos alunos e à exploração de um *powerpoint*.

Para concluir a sua manhã de aula abordou, na Área de Português, o texto dramático, dando a conhecer as características do mesmo. De seguida, entregou uma folha com o texto dramático *A Carochinha e o João Ratão*, de Luísa Ducla Soares. Com base neste texto, distribuiu as personagens pelos alunos e fez a leitura modelo do mesmo. Para finalizar, dirigiu-se com os alunos para o coreto da escola, onde fez a dramatização do texto lido.

No final da manhã houve a reflexão da aula da minha colega.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

A **reflexão das aulas** permite tomar consciência dos nossos erros, bem como das nossas capacidades. Zeichner (1993) considera que “expondo e examinando as

suas teorias práticas, para si próprio e para os seus colegas, o professor tem mais hipóteses de se aperceber das suas falhas.” (p.21)

Para Alarcão e Tavares (1987):

a prática pedagógica incide diretamente sobre o processo de ensino-aprendizagem que, por sua vez, pressupõe e facilita o desenvolvimento do aluno e do professor em formação. Mas também o supervisor ou orientador da prática pedagógica se encontra, ele próprio, num processo de desenvolvimento e aprendizagem. (p.47)

Deste modo, a atitude de reflexão sobre a prática, tem uma função fulcral na nossa formação, pois contribui ativamente para a melhoria da ação, tornando-nos cada vez melhores.

### **Sexta-feira, 25 de maio de 2012**

Nesta manhã foi a vez da minha colega de estágio A lecionar a sua manhã de aulas. Esta começou pela Área de Português, em que procedeu com os alunos a uma composição coletiva, dando as diretrizes de modo a orientar o pensamento dos mesmos para a construção do texto.

Ainda antes do intervalo, começou por abordar, na Área de Estudo do Meio, a temática dos pontos cardeais, fazendo a interdisciplinaridade com a Área de Matemática, na qual realizou situações problemáticas de lógica.

Depois do intervalo concluiu as duas áreas anteriormente referidas. No final da manhã houve a reflexão da aula da minha colega com a professora cooperante.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

É necessário que na sala de aula surjam múltiplas ocasiões de convívio com a escrita e com a leitura e que se criem situações diversificadas, que integram as produções escritas dos alunos.

Na elaboração da **composição coletiva**, depois de a minha colega dialogar com os alunos sobre as diferentes ideias de cada um, seguindo as diretrizes dadas, reuniu as ideias e procedeu à elaboração da composição. Segundo Niza (1998), “a interação entre as crianças, e entre estas e o professor, a propósito da escrita (...), possibilita o diálogo, a troca de impressões clarificadora das ideias e conduz ao progressivo domínio da estruturação da linguagem escrita.” (p.86). Na escrita em grupo, a imaginação e a fantasia são valorizadas e estimuladas, tanto quanto a inteligência e o pensamento objetivo. (André, 1986)

Na aula da minha colega, achei curiosa a forma como esta abordou os temas das Áreas de Matemática e de Estudo do Meio, recorrendo à **interdisciplinaridade**. O termo interdisciplinaridade é entendido por Piaget (1972, citado por Pombo, Guimarães e Levy, 1994), como “um intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias disciplinas.” (p.10), o que contribui para uma melhor aprendizagem.

### **Segunda-feira, 28 de maio de 2012**

Nesta manhã lecionei a minha manhã de aulas. Comecei pela Área de Estudo do Meio, onde abordei a temática dos astros. Para começar a aula, criei o ambiente, baixando os estores da sala e “transportei” os alunos para o Universo, através da imaginação, recorrendo a uma apresentação em *powerpoint*. Para aferir os conhecimentos dos alunos, no final distribuí, pelos mesmos, um crucigrama, que posteriormente foi corrigido com o auxílio do quadro interativo.

De seguida lecionei, na Área da Matemática, o diagrama de caule-e-folhas, em que distribuí pelos alunos material manipulável não estruturado, de modo a resolverem os exercícios propostos.

Para terminar a manhã, abordei o conteúdo concetual: a notícia, em que dei a conhecer as principais características da mesma, com auxílio de um *powerpoint*. De seguida distribuí pelos alunos, uma folha que continha uma notícia intitulada *Sábado foi noite de Superlua*, retirada do jornal *Correio da Manhã* e um saco com as palavras móveis (título, *lead* e corpo da notícia). Com o material entregue, pedi aos alunos que colocassem as palavras móveis no sítio certo, de modo a identificarem as partes constituintes da notícia. Depois solicitei aos alunos que escrevessem uma notícia com o título *Extraterrestre avistado*, respeitando as características dadas. A melhor notícia foi selecionada para ir para o jornal da escola.

No final da manhã, houve a reflexão da minha aula com a professora.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A **escrita** é um meio de representação que permite registar com grande precisão a linguagem falada, por meio de sinais gráficos.

De acordo com Sim-Sim (1998):

a aprendizagem da linguagem escrita (leitura e expressão) integra o currículo escolar de qualquer sistema de ensino. (...), o acesso à linguagem escrita é a porta de entrada num mundo mais vasto (...). A iniciação ao escrito (via descodificação/codificação) não esgota o ensino da leitura e da escrita. Com efeito é necessário ensinar as crianças (...) a escrever com confiança, fluência

e precisão. Para tal é necessário criar situações diversificadas e frequentes de (...) escrita, utilizando recursos e estratégias variadas. (p.36)

A mesma autora define “escrever” como o “traduzir uma mensagem oral em forma gráfica. O acesso à linguagem oral é universal e não carece de ensino; a mestria da escrita, pelo contrário, requer ser ensinada.” (p.222). Ao solicitar aos alunos que escrevessem uma notícia, estava não só a diversificar a estratégia de escrita, como também estava a desenvolver as suas competências linguísticas.

A leitura e a escrita partilham com a matemática, a compreensão e manipulação de símbolos gráficos que pertencem a um conjunto organizado e cujo significado depende da posição que ocupa nas sequências em que aparecem. (*Caderno de aprendizagem da leitura e da escrita (LE)*, Ministério da Educação, 2012b)

### **Terça-feira, 29 de maio de 2012**

A manhã começou pela correção do desafio escolar.

Na Área de Matemática, os alunos estiveram a resolver situações problemáticas de preparação para a Prova Final de Matemática que, posteriormente, foram corrigidas no quadro pelos alunos, com a orientação da professora.

Após o intervalo, a professora pediu aos alunos que abrissem o manual de português, no texto *O peixe*, de Sophia de Mello Breyner Andresen. A professora depois da leitura modelo do texto e dos alunos terem lido fez oralmente a interpretação textual e a exploração gramatical do mesmo. Para terminar a manhã, os alunos fizeram o ditado do texto.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A **resolução de problemas** matemáticos é considerada como uma tentativa de resposta, para a qual não existe uma única técnica, mas sim, pretende-se com estes, que o aluno descubra o caminho que o leve a descobrir a sua solução, através de operações mentais. (Caldeira, 2009). Segundo a Declaração Mundial sobre Educação para Todos da UNESCO (1990, citada por Abrantes, *et al.*, 1999), a resolução de problemas é indicada como sendo “um dos instrumentos de aprendizagem essenciais (ao lado de outros como a leitura, a escrita e o cálculo) e refere que, além dos conhecimentos, também as capacidades, os valores e as atitudes constituem conteúdos básicos de aprendizagem.” (p.18)

A resolução de problemas é vista como uma capacidade matemática fundamental, pois como apoia o *Programa de Matemática do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2007), “os alunos devem adquirir desembaraço a lidar com problemas matemáticos e também problemas relativos a contextos do dia-a-dia e de outros domínios do saber.” (p.8)

Kaplan e Drainville (1991, citados por Canavarro, Pereira e Pascoal, 2001) defendem que:

o treino em resolução de problemas tem as vantagens de ser uma aptidão generalizável a uma série de situações do quotidiano e de ser utilizada ao longo de toda a vida do indivíduo. As crianças a quem foram ensinadas estratégias de resolução de problemas lidam mais eficazmente com o *stress* e a frustração. (p.57)

O resolver problemas não é só um importante objeto de aprendizagem na Área de Matemática, como também constitui uma atividade fundamental da aprendizagem de diversos procedimentos ao longo da vida do Ser Humano.

### **Sexta-feira, 1 de junho de 2012**

Por se assinalar, nesta data o Dia Mundial da Criança, este foi um dia diferente. As crianças brincaram durante toda a manhã nos insufláveis e nas atividades que a escola colocou à disposição.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

O **Dia Mundial da Criança** é oficialmente assinalado a 20 de novembro, data que a ONU reconhece como Dia Universal das Crianças. Nesta data foi aprovada a Declaração dos Direitos da Criança. Porém, a data efetiva da comemoração varia de país para país, sendo que em Portugal se assinala no dia 1 de junho.

A 20 de novembro de 1989 as Nações Unidas adotaram por unanimidade a convenção sobre os Direitos da Criança, documento que enuncia o conjunto de direitos fundamentais de todas as crianças. Portugal ratificou a convenção a 21 de setembro de 1990. A convenção assenta em quatro pilares fundamentais, que estão relacionados com todos os outros direitos das crianças. Os quatro pilares são: a não discriminação; o interesse superior da criança; a sobrevivência e o desenvolvimento e a opinião da criança.

Por sua vez, a convenção é composta por cinquenta e quatro artigos, que podem ser divididos em quatro categorias de direitos: “os direitos à sobrevivência; os

direitos relativos ao desenvolvimento; os direitos relativos à proteção e os direitos relativos à participação.”<sup>4</sup>

A declaração é composta por dez princípios que são:

toda criança será beneficiada por estes direitos, sem nenhuma discriminação de raça, cor, sexo, língua, religião, país de origem, classe social ou situação económica. Toda e qualquer criança do mundo deve ter seus direitos respeitados!;

todas as crianças têm direito a proteção especial e a todas as facilidades e oportunidades para se desenvolver plenamente, com liberdade e dignidade. As leis deverão ter em conta os melhores interesses da criança;

desde o dia em que nasce, toda a criança tem direito a um nome e uma nacionalidade, ou seja, ser cidadão de um país;

as crianças têm direito a crescer e criar-se com saúde. Para isso, as futuras mães também têm direito a cuidados especiais, para que seus filhos possam nascer saudáveis. Todas as crianças têm também direito a alimentação, habitação, recreação e assistência médica;

crianças com deficiência física ou mental devem receber educação e cuidados especiais exigidos pela sua condição particular. Porque elas merecem respeito como qualquer criança;

toda a criança deve crescer num ambiente de amor, segurança e compreensão. As crianças devem ser criadas sob o cuidado dos pais, e as mais pequenas jamais deverão separar-se da mãe, a menos que seja necessário (para bem da criança). O governo e a sociedade têm a obrigação de fornecer cuidados especiais para as crianças que não têm família nem dinheiro para viver decentemente;

toda a criança tem direito a receber educação primária gratuita, e também de qualidade, para que possa ter oportunidades iguais para desenvolver as suas habilidades. E como brincar também é uma boa maneira de aprender, as crianças também têm todo o direito de brincar e de se divertir!;

seja numa emergência ou acidente, ou em qualquer outro caso, a criança deverá ser a primeira a receber proteção e socorro dos adultos;

nenhuma criança deverá sofrer por negligência (maus cuidados ou falta deles) dos responsáveis ou do governo, nem por crueldade e exploração. Não será nunca objeto de tráfico (tirada dos pais e vendida e comprada por outras pessoas). Nenhuma criança deverá trabalhar antes da idade mínima, nem deverá ser obrigada a fazer atividades que prejudiquem sua saúde, educação e desenvolvimento;

a criança deverá ser protegida contra qualquer tipo de preconceito, seja de raça, religião ou posição social. Toda criança deverá crescer num ambiente de compreensão, tolerância e amizade, de paz e de fraternidade universal.<sup>5</sup>

As crianças, para além dos direitos, também têm deveres e responsabilidades. Se as respeitarmos, como seres que são, conseguimos com que estas vivam harmoniosamente na sociedade.

---

<sup>4</sup> <http://www.unicef.pt/artigo.php?mid=18101111&m=2>

<sup>5</sup> <http://www.junior.te.pt/servlets/Rua?P=Sabias&ID=203>

## **Segunda-feira, 4 de junho de 2012**

A primeira parte da manhã foi destinada à prova de avaliação final de Português.

Após o intervalo, foi corrigido o desafio escolar de Matemática e um outro trabalho da mesma área.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A **avaliação das aprendizagens** é o objeto da avaliação contínua.

Segundo Hadji (1994, citado por Ferreira, 2007), “a função sumativa da avaliação realiza-se no final do processo de ensino-aprendizagem (...) normalmente através de testes e exames, e consiste no balanço (...) das aprendizagens dos alunos depois de uma ou várias sequências de ensino-aprendizagem.” (p.30). Os testes sumativos incidem sobre um conjunto vasto de objetivos e informam sobre as aprendizagens mais significativas dos alunos. Com estes testes a professora toma consciência das aprendizagens dos seus alunos, bem como das suas dificuldades

## **Terça-feira, 5 de junho de 2012**

Os alunos iniciaram a manhã, resolvendo uma ficha de exercícios de preparação para a prova de avaliação final de Matemática que, posteriormente, foi corrigida pelos mesmos, no quadro.

Para terminar a manhã, realizaram um ditado musical da música *Circo de Feras*, dos Xutos e Pontapés.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

O exercício caligráfico, ao qual os alunos estiveram dispostos, hoje, foi um ditado musical.

Nunca tinha presenciado esta estratégia em sala de aula, e devo dizer que funciona muitíssimo bem, pois os alunos sentem-se **motivados** para a sua realização.

De acordo com Boruchovitch e Bzuneck (2001):

o ser humano é dotado da capacidade singular de direcionar suas ações e metas definidas mentalmente, que podem ser de diversos tipos. Destacam-se entre elas as metas de realização, particularmente estudadas quando se trata de motivação dos alunos em sala de aula, tendo-se desenvolvido uma teoria específica que leva esse nome. (p.58)

Já não era a primeira vez que a turma realizava este tipo de exercício, pois quando a professora comunicou que ia fazer um ditado musical, os alunos aderiram logo bem, ficando entusiasmados com a ideia. Ao realizarem este exercício, os alunos estão não só a praticar a caligrafia e a escrita de palavras sem erros, como estão também a concentrar a atenção.

### **Sexta-feira, 8 de junho de 2012**

A manhã começou com a manipulação do material manipulável estruturado **Calculadores Multibásicos** para a realização das quatro operações aritméticas efetuando as respetivas provas.

Após o intervalo os alunos resolveram, na Área de Português, exercícios de translineação e de aplicação sobre o modo condicional.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Os alunos hoje trabalharam com o material manipulável estruturado **Calculadores Multibásicos**, com o qual realizaram e praticaram as operações aritméticas.

Segundo Abrantes, *et al.* (1999):

o ensino dos números e das operações na educação básica não deve visar a aquisição de um conjunto de técnicas rotineiras mas sim uma aprendizagem significativa ligada a uma compreensão relacional das propriedades dos números e das operações. Não basta aprender procedimentos; é necessário transformá-los em instrumentos de pensamento. (p.47)

Ao trabalharem, com o material manipulável, as operações, os alunos passam do abstrato da numeração, para o concreto, uma vez que estão em contacto direto com a realidade, observando, deste modo, as transformações. Com estes materiais manipuláveis, o aluno pode criar situações variadas e ricas. Pode manipular estas situações sobre a sua mesa, confrontá-las, relacioná-las e arrancar-lhes a verdade matemática. (Nabais, 1968)

### **Segunda-feira, 11 de junho de 2012**

A parte da manhã foi dedicada à realização da Prova Final de Estudo do Meio e de História de Portugal.

Após o almoço (neste dia, a turma foi almoçar mais cedo, pois as turmas dos 4 anos encontravam-se numa visita de estudo), os alunos dirigiram-se para a sala e foi-lhes entregue, para correção, a prova de avaliação final de Português.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Mais uma vez, os alunos foram postos à prova, no que diz respeito à realização do **teste** de História de Portugal e de Estudo do Meio.

Consoante as palavras de Spodek e Saracho (1998), “um teste é um meio de observação no qual todos são observados da mesma forma em relação à mesma coisa e, por isso, os testes mascaram as diferenças individuais entre o desempenho das crianças.” (p.198)

A avaliação é um processo de produção de informações sobre o processo de aprendizagem.

### **Terça-feira, 12 de junho de 2012**

A manhã começou com a escrita de um texto intitulado *Se eu fosse...*

De seguida, a professora entregou a Prova de Avaliação Final de Estudo do Meio e História de Portugal e corrigiu-a oralmente. Enquanto a corrigia, houve um simulacro de incêndio, na escola, que envolveu a Proteção Civil e os Bombeiros Sapadores dos Olivais.

Após o intervalo, os alunos construíram um gráfico de barras, em papel milimétrico e procederam por escrito à análise do mesmo, na Área da Matemática.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

É de extrema importância a comunidade escolar estar preparada para atuar em caso de emergência, por isso, neste dia houve a realização de um **simulacro**.

Segundo Ferreira (2009):

os simulacros refletem um cenário real de emergência de diferentes situações, nomeadamente, incêndios, acidentes, terremotos, inundações, entre outros. Acima de tudo, estes exercícios servem para que num cenário real se consiga lidar o melhor possível com sentimentos de pânico, evitando que os danos provocados nas instalações sejam agravados. (p.1)

A realização de simulacros é necessária ser feita, de forma a testar os comportamentos e atitudes em situações de pânico, sensibilizando assim a comunidade escolar.

### **Sexta-feira, 15 de junho de 2012**

Durante a manhã, enquanto os alunos trabalhavam, a professora colocou música ambiente. Os alunos começaram por decorar os envelopes onde ia a sua

avaliação, referente ao 3.º período. Posteriormente, estes realizaram a cópia do texto *Os metais*, de Carlos Letra e resolveram exercícios gramaticais sobre o mesmo.

Vindos do intervalo, a professora distribuiu pelos alunos o material manipulável estruturado Poliminós, com o qual resolveu exercícios de perímetro e de área.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Os **Poliminós** são considerados um material manipulável estruturado de grande interesse pedagógico. A sua invenção é atribuída a Solomon Wolf Golomb. No que diz respeito à sua constituição, “os poliminós são figuras geométricas formadas a partir da justaposição de quadrados iguais, ligados entre si, de modo que pelo menos um lado coincida com outro lado do quadrado.” (Caldeira, 2009, p.423). O seu interesse pedagógico prende-se, nas palavras de Caldeira (2009), com o “descobrir as diferentes formas que são os tetraminós, pentaminós e hexaminós; realizar atividades com perímetros e áreas; resolver *puzzles*; (...).” (p.423). Este material permite desenvolver o raciocínio lógico-educativo, através de múltiplas atividades.

Neste dia, gostei da estratégia utilizada pela professora, ao colocar **música na sala de aula**, enquanto os alunos trabalhavam, pois como afirma Cury (2005), a música em sala de aula permite “desacelerar o pensamento; aliviar a ansiedade; melhorar a concentração, desenvolver o prazer de aprender, educar a emoção.” (p.120)

A turma encontrava-se mais concentrada na execução das tarefas propostas.

### **Segunda-feira, 18 de junho de 2012**

Neste dia, começámos pela manhã a ajudar a professora a fazer origamis e a corrigir trabalhos dos alunos.

De seguida, fui à sala do grupo dos 3 anos, aplicar um dispositivo de avaliação para colocar neste relatório (Anexo 1).

Após o intervalo, os alunos procederam à conclusão dos exercícios gramaticais referentes ao texto *Trago o Mar na Minha Pasta*, de António Mota.

Terminada esta atividade, os alunos realizaram um ditado mudo, na Área de Português e, na Área de Matemática, operações aritméticas e as respetivas provas.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

A prática de **operações aritméticas** é um saber indispensável no dia-a-dia dos alunos. (Abrantes, *et al.*, 1999). Segundo o *Programa de Matemática do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2007), “ao longo dos quatro anos devem ser trabalhadas diversas situações que conduzam à compreensão das operações. (...), a aprendizagem dos algoritmos com compreensão valorizando o sentido do número, deverá desenvolver-se gradualmente para as quatro operações.” (p.14). A professora, ao colocar os alunos a resolver operações, está a desenvolver nestes, o raciocínio lógico-matemático.

## **Terça-feira, 19 de junho de 2012**

Durante esta manhã ajudei alguns alunos a acabar trabalhos e fui à sala do grupo dos 5 anos aplicar um dispositivo de avaliação para colocar neste relatório (Anexo 2). Quando regresssei, os alunos encontravam-se a resolver exercícios gramaticais.

Depois do intervalo e até à hora de almoço, os alunos estiveram a resolver situações problemáticas.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

A prática de **exercícios gramaticais** favorece e desenvolve a consciência sintática e morfossintática. Entende-se por consciência sintática a “capacidade para relacionar sobre a sintaxe dos enunciados verbais e controlar, de forma deliberada, o uso das regras da gramática.” (Sim-Sim, Silva e Nunes, 2008, p.63)

Segundo Lopes (2006), a consciência morfossintática diz respeito:

a um tipo específico de conhecimentos acerca das palavras: o seu formato (ou a sua formação) e o papel que desempenham nas frases. Este conhecimento é de fundamental importância para a apreensão do significado das palavras isoladas e do sentido das frases. (p.24)

De acordo com Cassany, *et al.* (2000, citado por Aleixo, 2005):

dominar a morfossintaxe significa muito mais que conhecer as formas das palavras, significa refletir e mobilizar esses conhecimentos para compreender e se expressar melhor (...). Em termos gerais, a finalidade do ensino da gramática deve consistir em ampliar o conhecimento implícito que o aluno possui para explicitar, tornando-o mais funcional e prático como instrumento de comunicação. (p.60)

Ao praticarem exercícios deste tipo, os alunos estão não só a desenvolver as consciências acima referidas, como também a linguagem.

### **Sexta-feira, 22 de junho de 2012**

A manhã começou com os alunos a resolverem exercícios de aplicação de matéria referente à Área de Matemática.

Os alunos fizeram a leitura silenciosa do texto *A semente mágica*, de Daniel Marques. Depois da leitura modelo, realizada pela professora, esta esclareceu algumas dúvidas referentes ao significado de algumas palavras do texto e interpretação textual, por escrito.

Neste dia, após o intervalo excepcionalmente, os alunos tiveram Experiências, na Área de Estudo do Meio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A **educação em ciências** deve ser orientada para a formação de cidadãos capazes de lidar, de forma eficaz, com os desafios e as necessidades da sociedade atual. (Martins, *et al.*, 2009)

Segundo Pereira (2002):

até há algumas décadas, a escola preocupava-se em educar cientificamente os jovens com o objetivo de lançar as bases da formação de futuros cientistas. Esta constitui durante muito tempo a visão dominante sobre o que seria educar para a ciência: educar para ter uma profissão ligada à ciência. (p.29)

Hoje em dia, sabe-se que isto não é verdade, antes pelo contrário, pois o ensino das ciências pretende “contribuir para o desenvolvimento do espírito crítico e da responsabilidade, indispensáveis para que cada um possa tomar decisões fundamentadas e participar nos desafios que se colocam à sociedade.” (Galvão, Reis, Freire e Oliveira, 2006, p.20). Educar para a ciência é muito mais do que formar futuros cientistas pois, para esta, o mais importante é o desenvolvimento da capacidade de crítica e da responsabilidade, perante a sociedade.

## **1.10. 7.ª Secção: 2.º ano de escolaridade**

Período de estágio decorrido entre 25 de setembro e 16 de novembro de 2012.

### **1.10.1. Caracterização da turma**

De acordo com a informação fornecida pela professora, a turma do 2.º ano, desta escola, é composta por vinte e oito alunos, dezasseis do sexo feminino e onze do sexo masculino. Destes vinte e oito alunos, existem três alunos que merecem especial atenção, por apresentarem problemas comportamentais.

Quase todos os alunos têm sete anos de idade. E este grupo de alunos encontra-se bem integrado na dinâmica da escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

### **1.10.2. Caracterização do espaço**

A sala do 2.º ano também se situa no piso inferior da escola e tem duas portas, uma, que dá acesso direto ao interior do pavilhão e outra, que dá acesso ao exterior (recreio), por onde entram os alunos que chegam atrasados. Esta sala tem um quadro de giz, dois móveis onde estão dispostos e arrumados os dossiês dos alunos, bem como o material de desgaste dos mesmos.

A sala ainda é composta pelas mesas e cadeiras dos alunos que estão de frente para o quadro, secretária da professora e três *placards*, que servem para a afixação dos trabalhos realizados pelos alunos nas diferentes áreas de ensino.

### **1.10.3. Horário da turma**

No Quadro 8 é apresentado o horário das atividades desenvolvidas semanalmente, pela turma do 2.º ano. O horário facultado pela professora cooperante poderá sofrer alterações, no decorrer da semana.

Quadro 8 – Horário da turma do 2.º ano de escolaridade

Horas	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h00-10h00	Português	Matemática	Português	Matemática (materiais)	Português
10h00-11h00	Português	Matemática	Português	Matemática	Estudo do Meio (Ciências Experimentais)
11h00-11h30	Recreio				
11h30-12h00	Matemática (materiais)	Português	Matemática	Português	Matemática (materiais)
12h00-12h50	Matemática	Inglês	Matemática (Estudo Acompanhado)	Português (Estudo Acompanhado)	Matemática
13h00-14h30	Almoço e Recreio				
14h30-15h20	Português	Educação Física	Estudo do Meio	Português	Experiências
15h20-16h10	Estudo do Meio	Expressão Plástica	Música	Estudo do Meio	Expressão Plástica
16h10-17h00	Estudo do Meio (Área de Projeto)	Expressão Plástica	Estudo do Meio (Formação Cívica)	Educação Física	Expressão Plástica
17h00	Saída				

#### 1.10.4. Rotinas

As rotinas dos alunos do 2.º ano são idênticas às rotinas mencionadas nas secções anteriores, à exceção das sextas-feiras, dia em que a turma se encontra a ter a Área de Estudo do Meio – Ciências Experimentais.

Nesta Área, os alunos contactam com diferentes temáticas abordadas pelo professor.

Para Cachapuz, Praia, Jorge, Martins e Pereira (2002, citado por Martins, *et al.*, 2007), a Educação em Ciências desde os primeiros anos procura “responder e alimentar a curiosidade das crianças, fomentando um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela ciência e pela atividade dos cientistas.” (p.17)

Já para Lankim (2006 e Tenreiro-Vieira, 2002, citados por Martins, *et al.*, 2007), a Educação em Ciências “promove a capacidade de pensamento (criativo, crítico, metacognitivo, (...) úteis noutras Áreas/disciplinas do currículo e em diferentes contextos e situações.” (p.17)

Em suma, aliando estes dois objetivos da Educação em Ciências, defendidos por estes autores, teremos cidadãos mais críticos e mais conscientes do Mundo que os rodeia.

### 1.10.5. Relatos Diários

#### Terça-feira, 25 de setembro de 2012

Hoje foi o primeiro dia de estágio nesta turma. Durante toda a manhã, até à hora do intervalo, a professora trabalhou com a turma situações problemáticas com o material manipulável Calculadores Multibásicos. Esta ditou dois exercícios, ambos para realizar uma operação de adição. Com o total dos exercícios, a professora trabalhou a leitura de números, tanto por ordens como por classes e os Algarismos de maior e menor valor absoluto e relativo.

Terminada a aula na Área de Matemática, antes do intervalo, os alunos praticaram por escrito a leitura de números.

Após o intervalo, os alunos leram em voz alta o texto intitulado *Teia*, de Matilde Rosa Araújo. Depois do texto lido, tiveram aula de Inglês.

#### Inferências e Fundamentação Teórica

Segundo as normas (1991, citadas por Caldeira, 2009), “para perceberem as diferentes formas de utilização dos números no mundo real, as crianças precisam compreender os números. Além disso, a compreensão do valor de posição é crucial para o trabalho posterior com os números e o cálculo.” (p.203)

Para os alunos perceberem as **relações numéricas**, é essencial que tenham adquirido o sentido do número.

Sobre este assunto, Caldeira (2009) refere que o sentido do número diz “respeito à compreensão global e flexível dos números e operações com o intuito de perceber os números e as suas relações e desenvolver estratégias eficazes para a sua aplicação no mundo que os rodeia.” (p.203)

O sistema de numeração decimal apresenta-se com as seguintes características: é de base dez, usa somente os dez numerais indo-arábicos (algarismos), obedece ao princípio da posição decimal. (Caldeira, 2009)

Entende-se por sistema de numeração o conjunto de símbolos e regras que permitem a escrita de números. Quando os alunos adquirirem o sentido do número, compreendem que os números podem ter diferentes significados, dependendo da posição que ocupam, em diversos contextos.

## **Sexta-feira, 28 de setembro de 2012**

No início da manhã de hoje, a área lecionada foi a de Português. A professora distribuiu uma folha pautada por cada aluno e estes abriram a folha preenchendo o cabeçalho, da mesma. Depois a professora entregou uma folha com o texto *A abóbora e a bolota*, de José Viale Moutinho.

A professora procedeu à leitura do texto, em voz alta, e, de seguida, passou no quadro perguntas de interpretação e de gramática, que os alunos passaram para a folha, a fim de responderem por escrito.

Após o intervalo, a professora distribuiu por cada aluno, uma caixa com o material manipulável estruturado 5.º Dom de Froebel. Depois de ter questionado alguns alunos sobre o material, pediu que abrissem a caixa e que construíssem as colmeias. Enquanto isso, a professora circulou pela sala, de modo a ajudar algum aluno que estivesse com mais dificuldades. Com esta construção a professora trabalhou conceitos como: um meio, um quarto, a quarta parte, etc, envolvendo-os em situações problemáticas.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

O material manipulável estruturado **5.º Dom de Froebel** é composto por vinte e um cubos inteiros, três cubos partidos em duas partes iguais e três cubos partidos em quatro partes iguais. Este material apresenta-se dentro de uma caixa, com forma cúbica, de madeira.

Segundo Caldeira (2009), “as situações que desenvolvem o raciocínio lógico-matemático são exploradas a partir das construções que terão a sequência que quisermos. Para uma aula podemos escolher duas ou três construções e com elas levar a criança a executar mentalmente situações problemáticas.” (p.260). Assim, segundo a mesma autora, este material deve ser explorado e trabalhado, pois desenvolve nos alunos capacidades/destrezas como o equilíbrio, o saber contar, o ser criativo e o construir.

## **Segunda-feira, 1 de outubro de 2012**

Até ao intervalo, os alunos trabalharam na Área de Português, a expressão escrita, recorrendo a uma sequência de imagens, distribuída anteriormente pela professora. À medida que os alunos iam terminando este desafio, iam acabando trabalhos em atraso que se encontravam dentro da capa.

Após o intervalo, a professora corrigiu os desafios escolares.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

A iniciação da escrita e da leitura permite aos alunos, terem maior desenvolvimento da oralidade, no que diz respeito à expressão do pensamento e da utilização da linguística, permitindo-lhes a aceitação do código e da escrita, como um desafio interessante. (Albuquerque, 2000)

Segundo Reis e Adragão (1992):

é dever do professor de Português conduzir os alunos à liberdade de escrita. Em primeiro lugar, libertá-los dos pesos acumulados por outras aprendizagens, (...) depois, treinando-lhes a adequação entre a produção escrita e uma correta organização e articulação de ideias, promovendo o enriquecimento vocabular e a plástica da sua estilização, propondo atividades criativas e ajudando a germinar as sementes de originalidade que vão aparecendo. (p.41)

O **exercício de escrita** permite o desenvolvimento cognitivo do aluno, proporcionando um aumento do potencial da aprendizagem, uma vez que aprender a escrever é um dos melhores meios de aprender a ler e vice-versa, pois estas capacidades, apesar de distintas, influenciam-se mutuamente. (*Caderno de aprendizagem da leitura e da escrita (LE)*, Ministério da Educação, 2012b)

## **Terça-feira, 2 de outubro de 2012**

Nesta manhã, começou por ser trabalhada a Área de Matemática. A professora inicialmente entregou um apontamento sobre as unidades de tempo (hora, minuto e segundo), que de seguida passou a ler em voz alta, explicando os novos conceitos.

Depois da explicação e antes do intervalo, a professora entregou um horário escolar a cada aluno, para que respondessem às questões que estavam escritas no quadro, a fim de o analisarem.

Após o intervalo, os alunos estiveram a ter aula de Inglês.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

A **língua estrangeira (Inglês)**, nesta escola, inicia-se desde os 4 anos de idade, ou seja, na Educação Pré-Escolar.

A sensibilização para uma língua estrangeira começa na “educação pré-escolar, sobretudo se esta tem sentido para as crianças, contactando com crianças de outros países, por conhecimento direto ou correspondência, e se assume um carácter lúdico e informal.” (*Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, Ministério da Educação, 1997, p.73)

Os alunos mostram empenho e interesse nas aulas de Inglês, pois a professora leciona-as recorrendo a diversas estratégias de ensino, tornando a aprendizagem aliciante.

### **Segunda-feira, 8 de outubro de 2012**

A manhã começou com a professora a lecionar, na Área de Português, os tipos e formas de frase. Para isso, a professora distribuiu por cada aluno um apontamento sobre esse conteúdo. De seguida, distribuiu por cada aluno, uma folha com o texto adaptado *Como se faz cor de laranja*, de António Torrado (adaptado), para estes fazerem a cópia, para ser avaliada posteriormente pela professora.

Vindos do intervalo, os alunos copiaram, para uma folha e depois para o caderno de apontamentos, um apontamento sobre as partes constituintes de uma soma. À medida que iam acabando, a professora ia entregando uma folha com exercícios de Matemática sobre a subtração com empréstimo e a leitura de números.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Cada professor deve organizar as suas aulas, de modo a que os seus alunos estagiários tirem o maior proveito das mesmas, pois como nos afirma Alarcão (1996):

a observação de aulas, das próprias aulas do formando ou das aulas dos colegas e/ou de outros professores (incluindo o supervisor), surge naturalmente no nosso estudo, uma vez que a prática de ensino em situação de sala de aula constitui o ponto de partida para o desenvolvimento profissional do professor, procurando-se que ele tenha mais controlo sobre os seus próprios processos instrucionais, através da compreensão do que faz, do que vê fazer e do que se passa na sala de aula. (p.110)

Para o aluno estagiário é deveras importante **observar aulas** lecionadas pelo professor titular de turma, para que se aperceba das estratégias que este utiliza, para quando for lecionar a aula, siga algumas delas. O professor estagiário só aprende a ser professor, sendo-o, baseando-se no modelo. (Barbosa, 2012)

### **Terça-feira, 9 de outubro de 2012**

Na manhã de hoje, os alunos começaram por trabalhar, por escrito, exercícios gramaticais, referentes ao texto entregue no dia anterior (*Como se faz cor de laranja*, de António Torrado). Assim que iam terminando esta proposta, dirigiam-se até à professora para entregar a folha e esta entregava-lhes uma folha com um exercício sobre provérbios.

O objetivo deste exercício era os alunos ligarem, por meio de setas, duas colunas com as partes da frase, para assim descobrirem, de forma lógica, alguns provérbios.

Após o intervalo, a professora reviu as operações de dividir, enquanto esperava que a professora de Inglês chegasse para lecionar a aula.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A aquisição de conhecimentos sobre a linguagem escrita e a consciência linguística são competências que poderão ser estimuladas, através da exploração de suportes escritos, como jogos fonológicos, adivinhas, provérbios e recontar histórias. (Sim-Sim, *et al.*, 2008)

Os **provérbios** são entendidos pela autora Bastos (1999), como “uma sabedoria secular, de ordem moral ou prática, transmitida de geração em geração.” (p.106). Para Franco (1999), os provérbios permitem “o acesso a referências culturais e a um tipo de sabedoria ancestral que não deveria ser desperdiçada.” (p.128)

Alguns dos alunos da turma, ao realizarem este exercício, tiveram alguma dificuldade em concretizá-lo por não saberem provérbios. Contudo, considero importante a realização deste tipo de exercícios, que têm por base a sabedoria popular portuguesa, que está a ficar um pouco esquecida, nas gerações mais novas. É dever da escola torná-la viva.

### **Sexta-feira, 12 de outubro de 2012**

Hoje, os alunos começaram o dia por analisar um calendário, respondendo a algumas questões, elaboradas pela professora.

Antes de irem para o intervalo, os alunos abordaram a classe dos animais mamíferos, das aves e dos répteis, na Área de Estudo do Meio – Ciências Experimentais.

A seguir ao intervalo, os alunos realizaram um ditado e terminaram trabalhos que tinham dentro da capa.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A criança é por natureza um ser curioso, que se questiona sobre tudo o que a rodeia.

A disciplina de **Estudo do Meio – Ciências Experimentais** surge como motor de busca para “o deslumbramento, a dúvida, o desejo de saber mais, as respostas aos eternos “porquês” dos alunos sejam a ênfase e não as listas de conteúdos compartmentadas e desligadas da realidade.” (Galvão, *et al.*, 2006, p.16)

Segundo Martins, *et al.* (2007), no ensino das ciências, “importa promover a autoconfiança e a disposição positiva.” sobre este ensino, para tal, “é fundamental o envolvimento e responsabilização do professor na exploração de situações didáticas, na produção e implementação de atividade práticas, laboratoriais e experimentais em sala de aula.” (p.11)

Os alunos gostam muito destas aulas, mostrando grande interesse, pelas mesmas.

### **Segunda-feira, 15 de outubro de 2012**

Para iniciar o dia, a professora procedeu à entrega de trabalhos corrigidos por ela, entregando-os aos alunos para estes corrigirem o que estava errado. De seguida, passou à explicação oral sobre os diferentes tipos de acentos (agudo, grave e circunflexo) e, depois disto, os alunos realizaram exercícios de aplicação da matéria lecionada.

Para terminar a manhã, a professora trabalhou, com a turma, as operações de dividir e de multiplicar, com o material manipulável estruturado Cuisenaire.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A **aprendizagem através dos erros** que os alunos dão ou cometem são tão importantes como as respostas certas, tal como nos dizem Ponte e Serrazina (2000), “os erros dos alunos podem ser tão importantes como as respostas certas.” (p.103). Segundo Marujo, Neto e Perloiro (1999), “cada erro ensina-nos o que temos de corrigir e leva-nos a aproximar da realização mais perfeita da tarefa. O erro é valioso.” (p.117). Os alunos, ao aprenderem através dos erros, estão a identificar os seus progressos e as suas dificuldades. De acordo com Morgado (1997), “o erro, sendo uma situação completamente natural num processo de aprendizagem, deve ser entendido num perspectiva natural, formativa e promotora de sucesso.” (p.32)

### **Terça-feira, 16 de outubro de 2012**

Durante toda a manhã, os alunos trabalharam exclusivamente a Área de Português. Iniciaram a manhã, começando por ler um texto do manual, adaptado e

com supressões, intitulado *O Palhaço Verde*, de Matilde Rosa Araújo. A professora fez a leitura modelo e, de seguida, solicitou que cada aluno lesse um parágrafo do texto.

Após a leitura a professora fez, oralmente, perguntas de interpretação e de gramática. Depois do intervalo os alunos realizaram o ditado do texto, anteriormente trabalhado, pois iam ter aula de Inglês.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Os alunos ao lerem o texto *O Palhaço Verde*, de Matilde Rosa Araújo, estão não só a contactar com a **literatura** como com a língua viva. Para Sim-Sim (1994), ler “é uma atividade complexa na qual estão envolvidos aspetos de cariz linguístico, cognitivo, cultural e social.” (p.145). Matilde Rosa Araújo é considerada uma escritora especializada em literatura infantil. Para Coelho (1984, citado por Bastos, 1999), “a literatura destinada às crianças é o “meio” ideal para auxiliá-las não só a desenvolver as suas potencialidades naturais, como também no vencimento das várias etapas de amadurecimento que medeiam entre a infância e a idade adulta.” (p. 62). Os alunos ao estarem em contacto com a literatura infantil, através de textos, estão a desenvolver a imaginação, os sentimentos, as emoções e a expressão através de uma aprendizagem prazerosa. (Borges e Andrade, 2008)

De acordo com Fontes, Botelho e Sarmiento (s.d.), “a literatura infantil alimenta e estimula a imaginação e satisfaz a afetividade e a curiosidade da criança, podendo representar um papel importante no desenvolvimento integral e harmonioso da sua personalidade.” (p.33)

### **Sexta-feira, 19 de outubro de 2012**

Neste dia, os alunos do 1.º Ciclo dirigiram-se até ao Teatro Tivoli, para assistirem à peça de teatro *Viagem pelo Corpo Humano*.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Os alunos, neste dia, deslocaram-se até ao **teatro** para assistirem a uma peça relacionada com a **Área de Estudo do Meio**.

A arte e ciência têm em comum a criatividade e a procura pelo belo, embora o façam por caminhos diferentes. (Fiolhais, 2007)

Para Fiolhais (2007):

a arte tem a capacidade de tocar as pessoas ao transmitir sentimentos e emoções. Não admira por isso que a cultura científica, que é a ciência no seio da sociedade, encontre um meio privilegiado de expressão através da arte. Entre as várias formas artísticas, o teatro ocupa um lugar único. O teatro, que é a representação da vida, transmite sentimentos e emoções através de pessoas vivas e ao vivo. (p. 1)

Segundo a mesma fonte, “ciência em palco significa trazer a ciência para diante dos nossos olhos, para o palco das nossas atenções, fazê-la passar para a sociedade.” (pp.2-3). Os alunos gostaram de assistir a esta peça de teatro, pois contactaram com a Áreas de Estudo do Meio, de forma dinâmica e divertida. O teatro é uma das melhores formas de fazer cultura científica; este possibilita pensar sobre a ciência.

### **Segunda-feira, 22 de outubro de 2012**

A manhã começou com a leitura do texto *O gigante egoísta*, de Óscar Wilde, feita em voz alta pela professora. Após a leitura do texto, os alunos responderam às perguntas de interpretação e de gramática por escrito, fazendo-o individualmente e sem ajudas.

Após o intervalo, foi trabalhada a Área de Matemática. Nesta área a professora fez a revisão das figuras e dos sólidos geométricos, através do uso do quadro, para as figuras geométricas e de sólidos geométricos em madeira para os sólidos geométricos. Feita a revisão e distinção, lecionou o conteúdo poliedros e não poliedros, passando a explicar a principal diferença entre ambos, através da oralidade e de sólidos geométricos em madeira.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A **geometria** é fundamental para o dia-a-dia dos alunos. Para Mendes e Delgado (2008), a geometria “inclui uma estrutura com uma lógica específica que lhe permite articular com a exatidão do seu método, dando resposta a inúmeros problemas.” (p. 9)

Quando os alunos chegam à escola já possuem conhecimentos sobre geometria, adquiridos intuitivamente (*Programa de Matemática do Ensino Básico*, Ministério da Educação, 2007)

Segundo o *Programa de Matemática do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2007), o professor deve desenvolver nos alunos o sentido espacial:

com ênfase na visualização e na compreensão de propriedades de figuras geométricas no plano e no espaço, a noção da grandeza e respetivos processos de medida, bem como a utilização destes conhecimentos e capacidades na resolução de problemas geométricos e de medida em contextos diversos. (p. 20)

De acordo com Serrazina e Matos (1988), “a geometria permite envolver os estudantes em atividades de inquérito, pensamento imaginativo, na descoberta de relações, no teste de conjecturas e no pensamento analítico crítico. Estes processos são tão importantes em Matemática como noutros campos.” (p.10)

Os professores devem recorrer aos materiais manipuláveis estruturados e não estruturados para a aprendizagem da geometria e os alunos devem observar e manipular formas geométricas, o que contribui para o desenvolvimento da capacidade de reconhecimento das mesmas.

### **Terça-feira, 23 de outubro de 2012**

Para iniciar o dia, a professora trabalhou, com a turma, situações problemáticas com o material manipulável estruturado Calculadores Multibásicos. Ditou dois exercícios, um para realizar uma operação de adição e o outro para realizar uma operação de subtração. Em ambos os resultados, a professora explorou o número, fazendo questões sobre o algarismo de maior e menor valor relativo e absoluto, bem como a leitura dos mesmos.

A meio a manhã, os alunos dirigiram-se ao ginásio da escola, para assistirem à Hora do Conto, com dois contadores de histórias. Ouviram a história do *Capuchinho Vermelho*, da *Carochinha*, dos *Três Porquinhos* e da *Corre, Corre Cabacinha*, dinamizadas de diferentes formas.

Após o intervalo, os alunos tiveram aula de Inglês.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A **Hora do Conto** tem como objetivo sensibilizar os alunos para a prática de leitura e sensibilizá-los para os contos infantis.

As atividades propostas na Hora do Conto visam dinamizar e animar um conto ou uma pequena história.

Para Veloso (2009), “o contacto com os livros e com a hora do conto é um fator de conhecimento do mundo envolvente e do seu mundo afetivo.” (p.111)

O autor supracitado afirma que:

de entre múltiplas maneiras de animar o livro, e promover a leitura, o ritual da hora do conto permanece como uma das formas mais impressionantes de cativar a criança e de estabelecer com eles as cumplicidades necessárias a uma simbiose necessária. (pp. 112-113)

Os alunos estavam entusiasmados e cativados, pois as estratégias para contar cada conto foram diferentes.

Segundo Mata (2008), “a leitura de histórias é uma atividade muito rica e completa, pois permite a integração de diferentes formas de abordagem à linguagem escrita, em geral, e à leitura, de uma forma específica.” (p. 78)

### **Sexta-feira, 26 de outubro de 2012**

O dia hoje foi destinado à avaliação das operações aritméticas. À medida que iam acabando a avaliação, entregavam-na à professora e iam para o lugar acabar trabalhos em atraso que tinham dentro da capa e, quem não tinha nada para terminar, procedia à realização de uma ficha de trabalho sobre poliedros e não poliedros.

Antes do intervalo, os alunos estiveram a ter Ciências Experimentais, referente à Área de Estudo do Meio.

Vindos do intervalo, a professora trabalhou com a turma situações problemáticas, com o material manipulável estruturado Calculadores Multibásicos. Ditou dois exercícios, um para realizar uma operação de adição e o outro para realizar uma operação de subtração. Em ambos os resultados, a professora explorou o número, fazendo questões sobre o algarismo de maior e menor valor relativo e absoluto, bem como a leitura dos mesmos. Ensinou, como conteúdo novo, a prova dos nove, da operação aritmética da adição. Esta parte da manhã foi assistida pela diretora da escola.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A avaliação é de extrema importância, mas um tema extremamente complexo, pois surgem diversas opiniões sobre o mesmo.

Segundo Ferreira (2007), a avaliação é entendida:

não só como um processo externo ao ensino e à aprendizagem, que visa medir os resultados conseguidos em função dos objetivos definidos previamente, mas como um processo integrado no ensino e na aprendizagem, realizado com o intuito de o regular.(p.9)

Agora basta entender o que significa então o termo **supervisão**. Este termo é definido por Alarcão e Tavares (1987), como o “processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor, no seu desenvolvimento humano e profissional.” (p.18)

O facto de a diretora ir assistir a uma aula da professora titular, fica a conhecer não só o método de trabalho desta, como também os conhecimentos adquiridos pela turma.

### **Segunda-feira, 29 de outubro de 2012**

Hoje a manhã estive a cargo da minha colega de estágio C. Esta começou a sua manhã de aula pela Área de Estudo do Meio, abordando o tema “segurança” nos transportes e em casa, tendo como auxílio o *powerpoint*. Ao começar a aula, foi interrompida por uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica, que lhe solicitou uma aula com o material manipulável estruturado Calculadores Multibásicos, trabalhando a subtração com empréstimo. Ditou uma situação problemática, explorando o resultado, para fazer leitura de números, perguntar qual o algarismo de maior e menor valor relativo e absoluto, questionar sobre quantas dezenas e quantas centenas tem o número.

Terminada a aula surpresa, houve uma reunião de reflexão sobre as aulas com as professoras cooperantes e as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica. Após o término da reunião, dirigimo-nos para a sala e a professora pediu à minha colega que prosseguisse com a sua manhã de aula, ficando por lecionar as Áreas de Matemática e de Português.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Ouvir a **avaliação das aulas** faz tomar consciência do que correu bem e menos bem. Segundo Morgado (1997), “a avaliação constitui-se necessariamente como a forma mais coerente de perceber e regular o trabalho desenvolvido por todos os intervenientes na relação pedagógica, considerando todas as dimensões.” (p.62)

A prática pedagógica acompanhada, orientada e refletida, permite ao futuro educador/professor desenvolver as competências e atitudes necessárias, para um desempenho eficaz, consciente e responsável.

De acordo com Zeichner (1993):

a ação reflexiva também é um processo que implica mais do que uma busca de soluções lógicas e racionais para os problemas. A reflexão implica intuição, emoção e paixão; não é, portanto, nenhum conjunto de técnicas que possa ser empacotado e ensinado aos professores. (p.18)

### **Terça-feira, 3 de outubro de 2012**

Na manhã de hoje, realizou-se a avaliação mensal de Português. A professora fez a leitura da prova, para não existirem dúvidas nos exercícios, e explicou ainda algumas palavras que os alunos não sabiam o seu significado. A prova tinha como base perguntas de interpretação e, quanto à gramática, tipos de frase, antónimos e análise morfosintática.

À medida que os alunos iam acabando a prova, entregavam-na à professora e iam para o seu lugar fazer uma cópia do manual, também para avaliação.

Após o intervalo, e antes de terem aula de Inglês, os alunos realizaram um ditado.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A **prova** que os alunos realizaram hoje fornece à professora informações relativas a cada aluno, sobre o que cada um sabe, neste caso sobre a matéria lecionada até à data na Área de Português.

Os testes/provas devem verificar as aprendizagens, em função dos objetivos anteriormente estabelecidos pelo professor.

Para Marujo, Neto e Perloiro (1998):

os testes, exames ou avaliações finais caracterizam-se por servirem para perceber o que o aluno sabe de uma determinada matéria, o que consegue generalizar a partir das aprendizagens feitas e a capacidade de estudo do aluno estando, com frequência, inerente e implícita, a avaliação das suas capacidades de concentração, de atenção, de memorização e de motivação para a disciplina. (p.119)

Fernandes (2005) reforça a importância dos testes mas critica a visão dos professores que, na prática tendem a “a avaliar exclusivamente conhecimentos correspondentes aos conteúdos de natureza académica constantes nos programas.” (p.89)

## **Sexta-feira, 2 de novembro de 2012**

Hoje o dia sofreu alterações no que respeita às rotinas diárias porque o corpo docente desta escola se encontrava em *roulement*. Os alunos começaram o dia por fazer exercícios de matemática e de seguida estiveram a ter na Área de Estudo do Meio – Ciências Experimentais, uma aula de prevenção sísmica.

Por fim, os alunos estiveram a brincar livremente até à hora do almoço.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

De todas as manifestações da geodinâmica do Planeta, os tremores de terra ou os **sismos** são os que, sem dúvida, marcam a consciência da população, tendo em conta os enormes prejuízos.

De acordo com os Bombeiros e a Proteção Civil de Portugal (s.d.), “é fundamental que se proceda a uma ampla divulgação do plano de prevenção e emergência junto de toda a população escolar, incluindo a sensibilização para os diferentes riscos (incêndios, inundações, sismos e outros).” (p.23)

Esta aula é fundamental para a tomada de consciência dos alunos sobre esta temática. Por ser uma aula, no ponto de vista, demasiado importante, é de lamentar que nem todos os alunos pudessem a assistir, por ser um dia de *roulement*.

## **Segunda-feira, 5 de novembro de 2012**

Esta manhã foi destinada às aulas dadas pela minha colega de estágio A. Até à hora do intervalo, lecionou a Área de Português e de Estudo do Meio. Na primeira área lecionada, fez a leitura modelo do poema *O Búzio*, de Luísa Ducla Soares e fez a interpretação do mesmo, colocando perguntas dirigidas. Para terminar esta área, entregou a cada aluno, um postal, no qual estes tinham de escrever o verso que mais tinham gostado e ilustrá-lo.

Na área seguinte, Estudo do Meio, a minha colega abordou, através de um *powerpoint*, o tema regras de segurança nos rios, nas piscinas e nas praias, na qual referiu algumas regras pertinentes.

Terminou a manhã de aulas, com a Área de Matemática, na qual trabalhou a adição e a subtração com as várias unidades de tempo.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Nesta aula, a minha colega de estágio A privilegiou o **diálogo** com os alunos, apelando às suas vivências. Estanqueiro (2010) diz que “o diálogo é considerado como a melhor estratégia de comunicação na sala de aula.” (p.33)

Os alunos têm sempre algum acontecimento para partilhar com a restante turma e com a professora, deste modo, surgiu então o diálogo entre a minha colega e os alunos sobre o tema da Área de Estudo do Meio.

Ponte e Serrazina (2000) defendem que:

a discussão é o modo mais importante que pode assumir a interação entre os adultos ou entre os alunos e o professor. O professor deve conduzir a comunicação de modo a que os alunos oiçam, respondam, comentem e façam perguntas. (p.121)

Deste modo, a aula esteve sempre muito ativa, pois os alunos mostravam-se interessados em aprender e em partilhar as suas histórias.

## **Terça-feira, 6 de novembro de 2012**

Devido ao facto da minha colega C ter lecionado aula surpresa no dia 29 de outubro, e de esta ter ocupado algum tempo, acabou por não terminar a sua manhã de aulas, tendo que concluir neste dia as duas áreas que ficaram por lecionar.

Até à hora do intervalo lecionou apenas a Área de Matemática, onde trabalhou o Euro, com o auxílio de material manipulável não estruturado, fazendo diversos exercícios de cálculo mental.

Na Área de Português, a minha colega abordou a banda desenhada, recorrendo ao *powerpoint* e referiu algumas características deste tipo de texto como prancha, vinheta, tira e os vários balões de fala.

No final da manhã, enquanto a turma estava a ter aula de Inglês, a professora aproveitou o momento para apresentar o *feedback* das aulas às minhas colegas.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

A importância do **cálculo mental** torna-se visível, no dia-a-dia de cada um, e também das crianças, quanto mais não seja, quando pretendemos fazer compras ou efetuar algum cálculo em que dispensamos o cálculo escrito. Taton (1969, citado por Carvalho, 2011) salienta que:

o cálculo mental desenvolve nas crianças qualidades de ordem, (...), de lógica, de reflexão e de memória contribuindo para a sua formação intelectual e fornecendo-lhes ferramentas para efetuarem cálculos simples sem o recurso a ajuda escrita e, deste modo, preparando-as para o dia-a-dia. (p.2)

No cálculo mental, “a criança trabalha simultaneamente a memória a concentração, desenvolvendo a memória dos números, o que obriga a tomar um contacto mais próximo com a individualidade de cada número, levando-a progressivamente a empregar, (...), simplificações operatórias.” (Taton, 1969, citado por Carvalho, 2011, p.2)

O cálculo mental deve estar presente, diariamente, na sala de aula, pois ajuda o aluno a desenvolver o sentido do número e a ter plasticidade mental. Para Ponte e Serrazina (2000), “o cálculo mental é todo realizado na nossa cabeça. É uma competência extremamente importante, pois serve de base a diversas outras capacidades como a capacidade de estimacão.” (p.48)

### **Sexta-feira, 9 de novembro de 2012**

Até ao intervalo, os alunos concluíram uma atividade que dizia respeito à aula da minha colega C, atividade essa que consistia em colocar ordenadamente uma sequência de imagens de modo a formar uma banda desenhada e procederam à correção de trabalhos.

Para finalizar a manhã, os alunos continuaram a correção dos trabalhos e a acabaram trabalhos em atraso.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

O desenvolvimento das competências linguísticas “visa promover nas crianças a sensibilização para a leitura, a escrita e para os diversos suportes de escrita (livros, revistas, multimédia, **banda desenhada**, etc.)”, nos alunos. (Lopes, 2006, p.11)

Sobre a banda desenhada, Antão (1997) diz o seguinte:

a Banda Desenhada pode ser muito útil para desenvolver nos leitores uma competência linguística argumentativa. Utilizando jogos de várias modalidades e de diferentes níveis de complexidade, a leitura de uma B.D. deve ser orientada, por exemplo pelo professor de línguas, simultaneamente para desenvolver nos alunos a capacidade de compreensão de uma sequência de acontecimentos ou adquirir/melhorar a aptidão para abarcar o conteúdo geral de uma história. Estamos, afinal, a pôr em prática algumas técnicas da leitura recreativa. (p.43)

Os alunos, nesta área de conhecimento, mostraram-se empenhados e interessados, na concretização da atividade e, ao mesmo tempo, estavam a desenvolver uma série de competências linguísticas tao importantes na formação do leitor.

### **Segunda-feira, 12 de novembro de 2012**

A manhã de aulas hoje esteve a meu cargo.

Comecei a minha aula, pela Área de Estudo do Meio, fazendo um pequeno diálogo com os alunos sobre os sinais de trânsito. De seguida, e até à hora do intervalo, abordei melhor este tema, mostrando uma apresentação em *powerpoint*, composta por imagens dos diversos grupos de sinais de trânsito. Antes de irem para o intervalo, entreguei uma ficha de trabalho a cada aluno, com o intuito de servir de dispositivo de avaliação (Anexo 3).

Após o intervalo, dei início à minha aula de Matemática. Para iniciar esta aula, fi-lo através da apresentação de um *powerpoint*, onde revi a amplitude dos ângulos reto, agudo e obtuso e dei a conhecer a amplitude dos ângulos nulo, raso e giro. Depois desta apresentação, passei a explicar como se usa um transferidor e ensinei a marcar a amplitude dos ângulos já conhecidos pelos alunos, desenhados no quadro, com o auxílio da régua e do transferidor de quadro.

Posto isto, solicitei a participação dos alunos para virem ao quadro desenhar um dos ângulos aprendidos, enquanto a restante turma desenhava no seu lugar, num pequeno caderno elaborado e distribuído, por mim.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A temática da **geometria** já foi referida anteriormente. Por essa razão, neste dia, só irei inferir sobre os materiais que a geometria utiliza, os quais utilizei na minha aula.

No decorrer da aula de matemática, apercebi-me de que algumas coisas não estavam a correr como eu tinha planeado e projetado na minha cabeça, pois a manipulação de régua e transferidor era feita pela primeira vez. Este acontecimento fez com que houvesse alguma agitação na sala de aula, devido à novidade de manipulação dos materiais.

Segundo o *Programa de Matemática do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2007), “na geometria é ainda essencial o uso de instrumentos como a régua, esquadro, compasso e transferidor.” (p.9)

A aprendizagem da matemática inclui a manipulação de vários materiais, no que diz respeito aos vários recursos para a abordagem do tema da geometria.

### **Terça-feira, 13 de novembro de 2012**

A manhã iniciou-se com a conclusão da minha aula do dia anterior, tendo ficado por lecionar a Área de Português, com o tema o teatro. Nesta aula, entreguei uma folha com a peça de teatro intitulada *A Guerra dos Sinais de Trânsito*, da qual fiz leitura modelo e, de seguida, desloquei-me com os alunos para a biblioteca da escola, para fazer a dramatização da peça.

Terminada a dramatização, dirigi-me com os alunos para a sala, e antes de irem para o intervalo, fizeram um ditado.

Depois do intervalo, os alunos corrigiram os erros do ditado. Enquanto tinham aula de Inglês, a professora aproveitou esse momento para dar o *feedback* das aulas lecionadas por mim.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Como não terminei a minha manhã de aula, a professora deixou-me concluir neste dia. Assim sendo, distribui pelos alunos uma folha com o texto *A Guerra dos Sinais de Trânsito*, com o qual fiz **interdisciplinaridade** com a Área de Estudo do Meio.

O lexema interdisciplinaridade é entendido por Pombo, *et al.* (1994), como:

qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objeto a partir da confluência de pontos de vista diferentes e tendo como objetivo final e elaboração de uma síntese relativamente ao objeto comum. A interdisciplinaridade implica, portanto, alguma reorganização do processo de ensino-aprendizagem e supõe um trabalho continuado de cooperação. (p.13)

Fourez, Maingain e Dufour (2002) referem que “no discurso pedagógico, a interdisciplinaridade é, geralmente, concebida como uma prática de interconexão das disciplinas.” (p.74), o que estes autores referem foi o que aconteceu na minha aula.

Os alunos gostaram imenso de fazer a representação teatral, pois a sua adesão à atividade era de querer repetir mais e mais. O facto de ter feito interdisciplinaridade, fez com que relembresse os conteúdos lecionados no dia anterior, na aula de Estudo do Meio, tornando assim o ensino e a aprendizagem mais aliciante e proveitosa.

Landier e Barret (1994) salientam que “a **expressão dramática**, enquanto prática pedagógica do teatro no sentido mais lato, pode-se ficar como finalidade favorecer o desenvolvimento, o desabrochar da criança através de uma atividade lúdica que permita uma aprendizagem global (cognitiva, afetiva, sensorial, motora e estética).” (p.13)

#### **Sexta-feira, 16 de novembro de 2012**

No início da manhã, os alunos começaram por acabar trabalhos que tinham dentro da capa, quando a minha colega de estágio A, foi surpreendida por uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica, que lhe solicitou que lecionasse, na Área de Português, os graus dos nomes.

De seguida realizou-se uma reunião para debater as aulas dadas.

#### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Hoje a manhã foi dedicada a aulas surpresa e a surpreendida, desta vez foi a minha colega de estágio A, por uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica.

Segundo Alarcão e Roldão (2008), “a noção de supervisão remete para a criação e sustentação de ambientes promotores da construção e do desenvolvimento profissional num percurso sustentado, de progressivo desenvolvimento da autonomia profissional.” (p.54), onde o *feedback* desempenha um papel crucial.

É através do *feedback*, que “os alunos são sistematicamente lembrados dos níveis de aprendizagem, ou dos *standards*, que é necessário alcançar e ficam cientes dos seus próprios progressos tendo em conta a comparação com os seus próprios desempenhos anteriores ou critérios previamente definidos.” (Fernandes, 2005, p.84)

As **reuniões** depois das aulas, com as professoras e as supervisoras, são determinantes para o crescimento do aluno-estagiário, enquanto futuro profissional ao serviço da Educação.

### **1.11. 8.<sup>a</sup> Secção: 1.º ano de escolaridade**

Período de estágio compreendido entre 19 de novembro de 2012 e 25 de janeiro de 2013.

#### **1.11.1. Caracterização da turma**

De acordo com a informação fornecida pela professora, a turma do 1.º ano desta escola é composta por trinta alunos, dezasseis do sexo feminino e catorze do sexo masculino.

Todos os alunos completam sete anos de idade, até ao dia 31 de dezembro de 2013. Este grupo de alunos está bem integrado na dinâmica da escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

#### **1.11.2. Caracterização do espaço**

A sala do 1.º ano tem duas portas de acesso, uma que dá acesso direto ao exterior e outra que dá acesso ao salão. A porta que dá acesso ao exterior, é utilizada para os alunos que chegam atrasados e para os alunos se deslocarem para o recreio. Esta sala é grande e bastante luminosa, pois possui duas grandes janelas que dão para o recreio do Pré-Escolar. Esta sala tem dois quadros de giz e dois estrados, por baixo, de modo a que os alunos consigam escrever.

Os alunos encontram-se sentados de frente para os quadros e para a secretária da professora. Esta sala é decorada com os trabalhos dos alunos, tem três *placards* onde a professora afixa os trabalhos desenvolvidos pelos mesmos.

#### **1.11.3. Horário da turma**

No Quadro 9 é apresentado o horário das atividades desenvolvidas semanalmente, pela turma do 1.º ano. O horário facultado pela professora cooperante pode sofrer alterações, no decorrer da semana.

Quadro 9 – Horário da turma do 1.º ano de escolaridade

Horas	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h00-10h00	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
10h00-11h00	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
11h00-11h30	Recreio				
11h30-12h00	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
12h00-12h50	Matemática (Estudo Acompanhado)	Português	Matemática	Português (Estudo Acompanhado)	Música
13h00-14h30	Almoço e Recreio				
14h30-15h20	Inglês	Música	Estudo do Meio	Expressão Plástica	Matemática
15h20-16h10	Estudo do Meio	Inglês	Estudo do Meio (Área de Projeto)	Expressão Plástica	Estudo do Meio
16h10-17h00	Educação Física	Estudo do Meio (Formação Cívica)	Estudo do Meio	Educação Física	Estudo do Meio
17h00	Saída				

#### 1.11.4. Rotinas

A rotina desta turma é idêntica à turma da secção anterior, sendo que nesta está mais presente a leitura, por se tratar de uma turma de 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Ao chegarem à sala, os alunos sentam-se nos seus lugares e, com o apoio das estagiárias presentes na sala, iniciam a leitura em voz alta de um texto do manual, previamente marcado.

A prática da leitura, com refere Antão (1997), “é indispensável” e “constitui uma atividade nobre que irreversivelmente transmite cultura e saber.” (p.9)

Relativamente à leitura em voz alta, o autor acima supracitado refere que “este tipo de leitura pode ser utilizado como um processo de diagnóstico, analisando os erros e utilizando-os como fonte de estudo destinado a aumentar a eficiência da leitura.” (p.46). Para Colomer e Camps (2002), a leitura realizada em voz alta “tem de ser uma atividade presente na educação leitora.” (p.69)

Após terminarem a leitura, é marcada a data para o dia seguinte, no texto que se segue.

No 1.º ano do Ensino Básico, o aluno desenvolve na sua totalidade a competência da aquisição da leitura com um bom desempenho ao nível da fluência e do vocabulário.

#### **1.11.5. Relatos Diários**

##### **Segunda-feira, 19 de novembro de 2012**

Hoje foi o primeiro dia de estágio nesta turma.

No início da manhã, ajudámos os alunos a realizarem a leitura diária matinal e, enquanto isso, a professora passava exercícios de matemática no quadro, para os alunos resolverem, passando-os para uma folha.

Assim que todos acabaram, a professora distribuiu, por cada dois alunos, uma caixa do material manipulável estruturado Cuisenaire. Com este material, a professora trabalhou exercícios orais de metade e dobro, para os alunos descobrirem o valor das peças e situações problemáticas com as quantidades (um quarteirão, uma dúzia, uma dezena, meia dúzia e meia dezena).

Após o intervalo, os alunos trabalharam na Área de Português, a interpretação de uma frase, por escrito.

Para finalizar a manhã, a professora entregou uma pequena folha com um exercício, que consistia em completar palavras com <x> ou <ch>. Depois de corrigido este exercício, os alunos realizaram um ditado de pequenas frases, que continham algumas palavras do exercício anterior.

#### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Os **exercícios ortográficos ou ditados**, são uma atividade que se pratica/efetua há muitos anos, com o objetivo de trabalhar a ortografia. Ferreira e Luz (2011) definem ortografia como “um conjunto de regras que regula a utilização correta da grafia de uma determinada língua, isto é, o modo como se devem escrever as palavras.” (p.150). Os alunos, ao realizarem este ditado, estiveram a treinar a memória visual.

Para ter uma ortografia correta é necessário que o aluno tenha “desenvolvido a sua capacidade de discriminação, memória visual e auditiva, domínio de sequências, análise e síntese.” (Condemarín e Chadwick, 1987, p.170)

A atividade a que os alunos estiveram expostos, ou seja, escrita de palavras ditadas que anteriormente tinham sido memorizadas, é defendida por Teberosky e Colomer (2003), como o aproveitar de:

uma dupla capacidade das crianças: a de memorizar e a de ditar. A capacidade de memorizar, porque elas são capazes de reter na memória textos bastante extensos, que ouviram na leitura dos adultos; e a de ditar, porque podem produzi-los para que outros os transcrevam.” (p.123)

### **Terça-feira, 20 de novembro de 2012**

Depois de mais uma leitura realizada pelos alunos, duas colegas do 2.º Ano da Licenciatura em Educação Básica lecionaram uma aula abordando, no tema das profissões, a profissão de bombeiro e de eletricista. Começaram por dialogar com os alunos sobre a temática e, de seguida, apresentaram algumas características e funções de ambas, recorrendo ao suporte de imagens. Para finalizarem a aula, distribuíram pelos alunos uma ficha formativa, a qual corrigiram posteriormente.

Antes do intervalo, estive a ajudar três alunos a terminar trabalhos.

Após o intervalo, a professora distribuiu, por cada aluno, uma caixa com o material manipulável estruturado 5.º Dom de Froebel. Depois de ter questionado alguns alunos sobre o material, pediu que abrissem a caixa e que construíssem as colmeias. Enquanto isso, a professora também fazia a construção. Com esta construção, a professora trabalhou as frações, o cálculo mental, apelou à memorização e interpretou um pictograma.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Neste dia, tive a oportunidade de assistir a uma aula lecionada pelas alunas de 2.º ano da Licenciatura em Educação Básica (**Prática Pedagógica**).

Formosinho (2001, citada por Severino, 2007) define prática pedagógica “como a componente curricular da formação “cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável.” (pp.39-40). Campos (2001) reforça a ideia dizendo que “a prática pedagógica é a componente intencional da formação de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática profissional docente” (p.53)

Era a primeira vez que as alunas lecionavam uma aula, estando assim em contacto pela primeira vez com a realidade de ser professor. Esta situação é referenciada por Machado (1999, citado por Severino, 2007) da seguinte maneira:

as experiências de prática pedagógica representam para muitos formandos um primeiro contacto com a realidade da profissão, pelo que as mesmas são fundamentais não só pelo contacto com a realidade, mas também porque permitem ultrapassar as angústias e ansiedades iniciais, face à profissão. (p.73)

Ao assistir a esta aula, reví-me um bocadinho nelas, pois é fantástico termos consciência do quanto evoluímos profissionalmente, desde a primeira aula. Tenho ainda um longo caminho a percorrer, pois esta profissão assim o exige, mas é gratificante perceber o quanto evoluí ao longo da Prática Pedagógica.

### **Sexta-feira, 23 de novembro de 2012**

A primeira parte da manhã foi destinada à avaliação de operações e de cópia. A professora ia circulando pela sala, para recolher as avaliações e, à medida que iam terminando, a professora mandava-os ir ter comigo ao salão, para realizarem a leitura diária.

Depois do intervalo, os alunos realizaram um exercício de noções espaço-temporais com as peças do Tangram, picotado anteriormente. Trabalharam com o material manipulável estruturado Geoplano. Com este material, a professora trabalhou os conceitos de linha horizontal, linha vertical, as figuras geométricas, a esquerda, a direita, o superior e o inferior e fez uma simetria.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Os alunos hoje picotaram as peças do material manipulável estruturado Tangram que, depois de picotadas, serviram para realizar um exercício de noções espaço-temporais, ditado pela professora. Este exercício requer o total conhecimento da **lateralidade**.

A lateralidade é entendida por Maluf (2008), como:

a capacidade de dominar os dois lados do corpo juntos ou separadamente. É importante que haja a argúcia da diferença entre a direita e esquerda, é imprescindível também que se tenha noção de distância entre elementos posicionados tanto do lado direito como do lado esquerdo. (p.27)

Os alunos ao estarem envolvidos nestas estratégias propostas pela professora, estão de uma forma lúdica a desenvolver uma série de capacidades e destrezas (motricidade fina, lateralidade, noções espaço-temporais), tao importantes como a leitura e a escrita.

## **Segunda-feira, 26 de novembro de 2012**

Após a leitura matinal diária, os alunos estiveram a resolver exercícios de aplicação de Português, com o intuito de preparação para a prova de Avaliação, e fizeram um ditado.

Depois do intervalo, os alunos dirigiram-se para o ginásio da escola, para assim poderem ensaiar para a festa de Natal.

Quando acabou o ensaio, os alunos dirigiram-se para a sala e resolveram exercícios de aplicação de Matemática, com o intuito de preparação para a Prova de Avaliação, exercícios esses de: decomposição de números, numeração romana, ordem decrescente e operações.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

A turma dentro de poucos dias irá ter uma prova de Português e, para tal, a professora reviu os conteúdos programáticos para a mesma.

Foi uma atividade muito profícua pois “os alunos nem sempre sabem como rever a matéria de um teste (...). É possível torná-los mais responsáveis pela sua aprendizagem, iniciando-os num processo de revisão coletivo e cooperativo.” (Lafortune e Saint-Pierre, 1996, p.143)

Assim, a professora ao fazer **revisões**, é bastante positivo pois não só relembra os conteúdos já lecionados como ajuda os alunos do 1.º ano a prepararem-se para a prova/teste, fazendo exercícios modelo. Como é uma professora bastante atenta e preocupada com a turma, faz exercícios que vão ao encontro das dificuldades dos alunos.

## **Terça-feira, 27 de novembro de 2012**

O dia de hoje foi destinado à prova de Português. A professora fez a leitura da prova, para não existirem dúvidas nos exercícios. A prova tinha por base perguntas de interpretação e, quanto à gramática, classificação de palavras quanto ao número de sílabas, classificação de palavras quanto ao género e número, completar palavras com vogais e outras com consoantes, divisão de palavras e ordenar palavras de modo a formar frases. À medida que os alunos iam terminando a prova, uns dirigiam-se até junto das minhas colegas de estágio para pintarem uma árvore de Natal, recorrendo às técnicas “esbatimento para fora” e “esbatimento para dentro” e outros pintavam com lápis de cor uma prenda, no seu lugar. Enquanto isso, eu fui para o salão com alguns alunos para lerem a lição diária.

Após o intervalo, os alunos trabalharam a Área de Matemática. Inicialmente trabalharam com o material manipulável estruturado Calculadores Multibásicos onde a professora trabalhou a leitura de números, as potências e a multiplicação. Para terminar a manhã, os alunos realizaram por escrito a leitura de números.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Hoje a professora programou a sua manhã de aulas, proporcionando aos alunos realizarem atividades da Área de **Expressão Plástica**. Este termo é entendido como o modo de expressão/criação através do manuseamento de materiais. Sousa (2003) diz mesmo que “a expressão oferece à criança a criação plástica como modo de estimular a imaginação e desenvolver o seu raciocínio.” (p.170). Ainda de acordo com Reis (2003), “a expressão plástica implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão.” (p.183) A expressão plástica é uma atitude pedagógica que oferece ao aluno o manuseamento de materiais, de modo a desenvolver as suas capacidades.

Um bom professor é aquele que aplica estratégias e atividades diversificadas, não estando estagnado só às três áreas do saber (Português, Matemática e Estudo do Meio).

### **Sexta-feira, 30 de novembro de 2012**

A manhã teve início com as leituras habituais dos alunos, sempre com a ajuda das minhas colegas e a minha. Terminada a leitura, os alunos estiveram a fazer exercícios de aplicação da matéria de Estudo do Meio sobre os graus de parentesco e os órgãos dos sentidos. À medida que iam terminando, pintavam adereços para enfeitar a sala, relativos ao Natal.

Após o intervalo, as minhas colegas e eu fomos ajudar nos preparativos para a festa de Natal, pintando os cenários.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A primeira parte da manhã consistiu em revisões para a prova de Estudo do Meio. A professora reviu, através da aplicação de exercícios, os **graus de parentesco** e os órgãos dos sentidos. É importante que o aluno tenha consciência e que conheça as relações de parentesco, entre os membros da família em que está inserido.

Segundo a *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo* (Ministério da Educação, 2004), “o âmbito de estudo da criança vai alargar-se aos outros, primeiramente aos que lhe estão mais próximos e depois, progressivamente, aos mais distantes no tempo e no espaço.” (p.110)

Segundo a mesma fonte, faz parte do programa do 1.º ano:

conhecer os nomes próprios, apelidos, sexo, idade; estabelecer relações de parentesco (pai, mãe, irmãos, avós); representar a sua família; conhecer os nomes, idades, sexo de: amigos de escola e de fora da escola, vizinhos, professor/a e outros elementos da escola. (pp.110-111)

É na sala de aula que o professor e o aluno passam a maior parte do tempo, interagindo entre si, de modo a conhecerem-se.

Assim Ribeiro e Campos (1987, citados por Jesus, 1996) referem que “o processo como o professor exerce influência sobre os alunos, levando-os a um maior envolvimento na aprendizagem e, assim, a obter melhores resultados escolares, ocupa o coração do processo de ensino.” (p.12), ou seja, o professor parte das vivências próximas do aluno alargando-as, posteriormente.

### **Segunda-feira, 3 de dezembro de 2012**

Este dia foi destinado à prova de Estudo do Meio. A professora começou por ler toda a prova, para que não restassem dúvidas. Depois, à medida que os alunos iam acabando, iam ter comigo ao salão para lerem a lição diária.

Após o intervalo, as minhas colegas e eu fomos para o ginásio da escola, pintar cenários para a festa de Natal.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A realização de **provas/testes** são um dos muitos instrumentos a que o professor recorre para fazer a avaliação do aluno. A colaboração dos pais é fundamental, uma vez que estamos perante uma turma de 1.º ano.

O termo teste é entendido pela Association Psychotéchnique Internationale (citada por Bartolomeis, 1999), como “uma prova particular, que implica a execução de um exercício idêntico para todos os sujeitos examinados, com uma técnica precisa para a avaliação do resultado.” (p.54). Por outro lado Ribeiro (1989) diz que a avaliação:

descreve que conhecimentos, atitudes ou aptidões aos alunos adquiriram, ou seja, que objetivos do ensino já atingiram num determinado ponto do percurso e que dificuldades estão a revelar relativamente a outros. Esta informação é necessária ao professor para procurar meios e estratégias que possam ajudar os alunos a resolver essas dificuldades e é necessária aos alunos para se aperceberem delas (...) e tentarem ultrapassá-las com a ajuda do professor e com o seu próprio esforço. (p.76)

### **Terça-feira, 4 de dezembro de 2012**

Depois da leitura matinal diária, assistida pelas minhas colegas e por mim, os alunos realizaram exercícios de Matemática e de Português. Quanto aos exercícios da Área de Matemática, os alunos praticaram as operações aritméticas e escreveram numeração romana de vinte a trinta.

No que diz respeito à Área de Português, os alunos fizeram uma cópia de um pequeno texto. Assim que iam terminando as atividades propostas, emendavam trabalhos e concluíam outros.

Após o intervalo e até à hora de almoço, os alunos foram para o ginásio da escola ensaiar para a festa de Natal.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Os alunos desta turma de 1.º ano praticavam a escrita todos os dias, não só na realização de **cópias** como também ao nível da matemática, no que respeita às respostas dadas às situações problemáticas, também praticadas todos os dias e ao copiarem os exercícios do quadro para a folha.

De acordo com Sim-Sim (1998), “a leitura e a escrita são mediadores de grande parte das aprendizagens escolares; através da modalidade escrita da língua a criança extrai, organiza e retém informação, apropriando-se, assim, dos conhecimentos que integram os conteúdos disciplinares do currículo escolar.” (p.37). É importante que os alunos consigam estabelecer relações entre a escrita e a oral, de modo sistemático, o que implica o desenvolvimento da consciência fonológica.

Mata (2008) salienta que “a consciência fonológica prende-se com a compreensão de que as palavras são formadas por sons. A componente sonora mais facilmente reconhecida nas palavras é a sílaba.” (p.43)

Os alunos, ao realizarem exercícios caligráficos, como a cópia, estão a “avançar em seu conhecimento das características específicas da linguagem escrita.” (Condemarin e Chadwick, 1987, p.182). É fundamental, no 1.º ano, os alunos realizarem exercícios caligráficos, pois só assim adquirem as bases para uma boa comunicação escrita e, paralelamente, uma boa comunicação oral.

### **Sexta-feira, 7 de dezembro de 2012**

Neste dia, os alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico dirigiram-se até à FIL - *Kidstuff* para realizarem atividades lúdico-pedagógicas.

#### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Hoje foi um dia diferente para os alunos, pois deslocaram-se até à FIL (Feira Internacional de Lisboa), a fim de participarem em **atividades lúdicas**. Esta saída foi encarada como uma visita de estudo. Sobre esta temática, Proença (1990) refere que ela “é uma das estratégias que mais estimula os alunos devido ao carácter motivador da saída do espaço tradicional no desenrolar do processo ensino/aprendizagem.” (p.137)

Para Maluf (2008), “a atividade lúdica é toda e qualquer animação que tem como intenção causar prazer e entretenimento em quem a pratica.” (p.21). Com elas os alunos adquirem “novos conhecimentos e desenvolve habilidades de forma natural e agradável, gerando um forte interesse em aprender e garantindo o prazer.” (p.21)

Assim, e durante toda a manhã, os alunos estiveram entusiasmados e alegres ao participarem nas atividades propostas, no decorrer da visita.

### **Segunda-feira, 10 de dezembro de 2012**

Realizou-se hoje a festa de Natal. Neste dia, todos os estagiários ajudaram não só a turma onde estão a estagiar, mas em todas as outras turmas.

A festa teve início às dez horas. O primeiro grupo foi o das crianças de 3 anos. Até à hora de almoço, as crianças do Pré-Escolar e do 1.º ano subiram ao palco, deixando a tarde para os alunos do 2.º, 3.º e 4.º anos.

#### **Inferências e Fundamentação Teórica**

É um dia completamente diferente para todos. Os alunos e professores estão empenhados e entusiasmados no mesmo projeto. Não posso deixar de referir a importância do **envolvimento da família** nesta ocasião. Não só a sua presença é imprescindível para os alunos, como a sua colaboração é fundamental para a realização desta festa. Esta é encarada como o culminar de um processo extenso, que envolve toda a comunidade escolar, desde a criação de cenários, adereços, ensaios, etc.

Como diz Brandão (1988, citado por Reis, 2008), o envolvimento familiar é “como um leque de interações entre a Escola e a Família desde a simples participação dos encarregados de educação em reuniões mais ou menos formais, até à execução de tarefas específicas na escola, em colaboração com os professores.” (p.71)

A pedido das professoras, alguns pais tiveram que fazer alguns adereços para serem utilizados na festa de Natal, mostrando interesse e empenho na vida escolar do seu educando.

No final, o resultado é bastante positivo e agradável.

### **Terça-feira, 11 de dezembro de 2012**

Hoje o dia foi um pouco diferente, pois a professora titular de turma não esteve presente, por ter ido assistir a uma festa de Natal, noutra escola.

A turma esteve até às 11 horas, a meu cargo e das minhas colegas, sob a supervisão da educadora H. Após a leitura diária matinal, os alunos fizeram a cópia do texto *Eu quero ser o Pai Natal* (autor desconhecido) e fizeram a ilustração do mesmo.

Depois de fazerem a cópia, eu procedi à leitura modelo do mesmo texto e solicitei a alguns alunos para o lerem também. De seguida fiz uma pequena interpretação oral. Antes de irem para o intervalo, a minha colega de estágio C ensinou a dobragem do Pai Natal. Para isso, entregou um pedaço de papel colorido a cada aluno, e através da cópia do modelo, os alunos fizeram a dobragem.

Após o intervalo, a turma esteve a cargo da professora de apoio I, com esta os alunos resolveram alguns exercícios matemáticos e fizeram uma árvore de Natal, recorrendo à simetria de imagens.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

No que diz respeito às atividades que realizámos com os alunos, é de salientar a importância de fazer **dobragens/origamis**. Segundo a *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo* (Ministério da Educação, 2004), “durante o 1.º Ciclo as crianças deverão, ainda, desenvolver as suas capacidades expressivas através da utilização de diferentes materiais e técnicas.” (p.95). Uma dessas técnicas, como se pode observar neste mesmo documento, é a de dobragem.

### **Sexta-feira, 14 de dezembro de 2012**

A manhã teve início com as habituais leituras diárias matinais. Após as mesmas, os alunos resolveram uma ficha de trabalho de Português.

Logo que terminaram a ficha de trabalho, fizeram um ditado musical da canção *O balão do João*. Para isso, a professora distribuiu uma folha com a música incompleta (deixando os espaços em branco, para que os alunos escrevessem as palavras que faltavam). A professora começou por cantar primeiro a música toda e, depois, foi parando à medida que era para escrever a palavra que faltava.

Antes de irem para o intervalo, os alunos ordenaram frases sobre o Natal e ilustraram-nas.

Quando vieram do intervalo, a professora passou diferentes operações no quadro e solicitou a participação de alguns alunos para irem resolvê-las.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

O exercício caligráfico que os alunos realizaram hoje, denomina-se **ditado musical**. Este tipo de exercícios tem como função o preenchimento de espaços em branco com as palavras da música. A professora começou por cantar a canção toda e depois, à medida que ia aparecendo um espaço para preencher, a professora ditava a palavra para os alunos escreverem. De acordo com Teberosky e Colomer (2003), “ao escrever, a criança tenta encontrar as unidades sonoras que correspondem às letras e, por isso, faz uso de seus conhecimentos sobre os enunciados orais. Dessa forma, as unidades pronunciáveis que descobre são as sílabas.” (p.54)

Segundo o *Caderno de aprendizagem da leitura e da escrita (LE)* (Ministério da Educação, 2012b):

a escrita está presente desde o início da aprendizagem da leitura. A escrita manual das letras fornece índices que contribuem para o reconhecimento das letras; ela intervém também favoravelmente no processo de aquisição da consciência fonémica e do conhecimento das correspondências grafema-fonema e fonema-grafema. (p.10)

A escrita é um instrumento importante, com o qual lidamos todos os dias. Os alunos mostraram grande interesse ao realizarem este exercício caligráfico, pois para além de ser diferente, a música adequava-se à faixa etária e tornou-se agradável ouvir a professora titular a cantar. A prática de ditados é muito útil para a consolidação de representações ortográficas.

### **Sexta-feira, 4 de janeiro de 2013**

Após a rotina matinal, a manhã foi destinada à Área de Matemática. A professora iniciou a manhã de aulas, começando por dialogar com os alunos sobre a diferença entre um pictograma e um gráfico de barras, recorrendo também aos

conhecimentos prévios dos alunos. Depois da explicação, estes construíram um pictograma relacionado com o Dia de Reis.

À medida que iam terminando, iam à secretária da professora buscar uma folha com o Jogo das Diferenças.

Depois do intervalo e até à hora de almoço, a turma esteve a ter aula de Música.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A **atenção** é um fenómeno que implica esforço. De uma forma lúdica, cabe ao professor ajudar os alunos a treinar a capacidade de atenção/concentração, através de jogos como o jogo das diferenças, contribuindo assim para um melhor desempenho escolar dos alunos.

Através da observação de duas imagens, o aluno é convidado a descobrir as diferenças entre os dois desenhos, treinando assim a concentração, a atenção e o raciocínio. Segundo Canals (1992, citado por Alsina, 2004), “o raciocínio lógico-matemático inclui as capacidades de identificar, relacionar e operar e fornece as bases necessárias para se poder adquirir os conhecimentos matemáticos.” (p.11)

### **Segunda-feira, 7 de janeiro de 2013**

Na manhã de hoje, eu estive responsável pela turma.

A primeira aula foi relativa à Área de Estudo do Meio, em que comecei com um pequeno diálogo com os alunos sobre as características dos animais pertencentes à classe dos mamíferos. Após referidas todas as características, abordei especificamente características do esquilo, bem como algumas curiosidades; para isso, apresentei um *powerpoint*, com imagens alusivas ao tema. Antes de dar por finalizada a aula, os alunos preencheram um Bilhete de Identidade do esquilo.

Depois comecei a aula de Português, dirigindo os alunos para o salão, a fim de ouvirem a história intitulada *Na pista do Penacho*, de Daniel Joris. Contada a história, dirigi a turma para a sala e, no âmbito da gramática, lecionei, como conteúdo novo, as formas de frase. Seguido da explicação, a turma realizou uma ficha de trabalho com o conteúdo lecionado, que servirá de dispositivo de avaliação para este relatório (Anexo 4).

Após as minhas aulas, a turma dirigiu-se para o ginásio da escola, onde assistiu à Hora do Conto, ouvindo a história *O traseiro do Rei*, de Raquel Saiz.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Hoje tive a turma à minha responsabilidade. Iniciei a aula pela Área de Estudo do Meio, em que realizei um **jogo** que tinha como objetivo descobrir o nome do animal que iríamos abordar, fazendo corresponder a cada imagem a sua letra inicial.

Os alunos aderiram muito bem à realização do jogo e assim estiveram não só a trabalhar a componente lúdica – o jogo, como também a Área de Português, no que diz respeito à escrita da palavra. Sanches (2001) afirma que “até uma atividade normal, se é apresentada com a componente de jogo tem logo uma adesão diferente.” (p.57)

### **Terça-feira, 8 de janeiro de 2013**

Depois da habitual leitura diária matinal, concluí a minha manhã de aulas com a Área de Matemática, porque no dia anterior a turma teve que ir assistir à Hora do Conto.

Comecei por distribuir a cada dois alunos uma caixa do material manipulável estruturado Cuisenaire. Ditei algumas situações problemáticas, as quais os alunos representaram com as peças do material. Para concluir a aula, entreguei a cada aluno um saco que continha peças do material para colar e uma ficha com três situações problemáticas.

Depois da minha aula, os alunos fizeram a cópia de duas quadras e ilustraram-nas.

Após o intervalo, a professora solicitou-nos (a mim e às minhas colegas) que lecionássemos uma aula de Português. A minha colega de estágio A começou por fazer a leitura modelo do texto e interpretação oral do mesmo. Depois a minha colega de estágio C fez perguntas de gramática e eu, para finalizar a aula, optei por fazer um acróstico, recorrendo a algumas palavras do texto.

No final da manhã, a professora apresentou o *feedback* da minha aula de manhã inteira.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Concluí a minha manhã de aulas, neste dia, pois a professora assim o preferiu, tendo lecionado a Área de Matemática. Nesta área, recorri ao material manipulável estruturado **Cuisenaire**, para a resolução de diversas situações problemáticas. O material manipulável estruturado Cuisenaire é entendido por Alsina (2004), como sendo “um material manipulativo especialmente adequado para a aquisição

progressiva das competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental.” (p.34)

No que diz respeito às **situações problemáticas**, os alunos recorreram a diversas representações, como o recurso ao desenho, a adições sucessivas e à multiplicação, para chegar ao resultado final.

Como nos dizem Ponte e Serrazina (2000):

os alunos podem representar as suas ideias matemáticas de muitas maneiras. Para além das formas convencionais, podem usar materiais manipuláveis, os dedos, a língua natural, desenhos e diagramas. Através do uso de todas estas representações, desenvolvem as suas imagens mentais das ideias matemáticas. (p.42)

Os mesmos autores referem ainda que “o uso de diferentes estratégias para chegar ao mesmo resultado ajuda os alunos a compreender o sentido do número e a desenvolver estratégias de cálculo mental.” (p.156). Os alicerces da matemática são fundamentais para que o aluno tenha umas boas bases para que, no futuro, não tenha problemas com a área.

### **Sexta-feira, 11 de janeiro de 2013**

A manhã começou com a leitura diária matinal, assistida pelas minhas colegas e por mim. Enquanto isso, a professora passou exercícios de matemática, no quadro, sobre operações de dividir, decomposição de números e numeração romana, que os alunos copiaram para uma folha.

A professora teve que se ausentar da sala por um bocado e ficámos as três responsáveis pela turma. Enquanto esperávamos que a professora regressasse à sala, eu contei uma história, quando surpreendentemente me foi solicitada uma aula surpresa, por parte de uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica, com o tema subtração com empréstimo (iniciação), com o material manipulável estruturado Calculadores Multibásicos.

Depois das aulas houve uma reunião, com o intuito de se debater as aulas dadas.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Hoje foi a minha vez de ser surpreendida com uma **aula surpresa**, supervisionada por uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica. Este tipo de avaliação causa-nos sempre algum nervosismo mas não deixa de ser estimulante o desafio. Como diz Moreira (2004), o termo surpresa “é uma emoção que pode ser

considerada como uma experiência diferenciada das outras experiências emocionais.” (p.52). A principal função da surpresa é centrar o indivíduo num determinado estímulo. No fundo, é colocar o indivíduo em contacto com determinado estímulo, situação, pessoa ou acontecimento. (Moreira, 2004)

Ainda segundo o mesmo autor, “a surpresa é a emoção característica dos momentos em que se regista uma descontinuidade, algo inesperado ou incomum que mereça destaque e que permita ao indivíduo organizar-se face a essa situação/acontecimento/pessoa, etc.” (p.53)

Depois da aula surpresa, seguiu-se a reunião com os supervisores e com as professoras cooperantes para falar sobre as aulas.

Para Cooper e Saunders (2003, citados por Severino, 2007), “os supervisores são professores extremamente importantes no plano formativo, os quais, adotando padrões razoáveis de responsabilidade na experiência formativa, podem, através do estabelecimento de relações interpessoais, ser muito úteis aos supervisandos.” (p.71)

Nesta aula, os nervos não me traiçaram, nem por ser surpresa, nem pela presença da supervisora. Esta aula foi, para mim, um momento de grande orgulho ao ver a professora titular de turma e a supervisora a elogiarem o meu trabalho. Senti uma enorme satisfação e senti-me muito realizada ao ver que os objetivos tinham sido atingidos.

### **Segunda-feira, 14 de janeiro de 2013**

Hoje a manhã esteve a cargo da minha colega de estágio C. Esta lecionou as três áreas de conhecimento, começando pela Área de Matemática e terminando na Área de Estudo do Meio.

No que diz respeito à Área de Matemática, lecionou o tema frações, tendo como material manipulável estruturado auxiliar, o 5.º Dom de Froebel. Depois de ter questionado alguns alunos sobre o material, passou então à explicação e solicitou de seguida que construíssem a igreja, e enquanto isso, ela também fazia a construção.

Antes do intervalo, fez a leitura modelo do texto adaptado e com supressões *Um camaleão na gaveta*, de Maria Alberta Menéres e fez a sua interpretação oral do mesmo.

Após o intervalo, concluiu a Área de Português, onde lecionou o conteúdo identificação da sílaba forte, recorrendo as regras da *Cartilha Maternal*.

Terminou a manhã de aulas com a Área de Estudo do Meio, na qual abordou, com o auxílio do *powerpoint*, o animal camaleão, bem como as características dos répteis.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

**Ler** é a capacidade que o ser humano tem de compreender o modo escrito. Segundo o *Caderno de aprendizagem da leitura e da escrita (LE)* (Ministério da Educação, 2012b), “a leitura de textos pelo professor não deverá constituir um monólogo, mas fazer parte de uma atividade de interação sistemática com as crianças.” (p.3). Os alunos, ao ouvirem a leitura modelo, estão não só a concentrar a atenção como também estão a representar mentalmente as unidades linguísticas, como nos afirma Lopes (2006):

a sofisticação do “ouvir” passa naturalmente pela capacidade de concentração mas esta, por seu turno, está intimamente dependente da capacidade de categorização dos sons a qual, finalmente, só é possível se o sujeito for capaz de os representar mentalmente por associação a unidades linguísticas. (p.28)

Concluindo todas as atividades de leitura, quer seja feita pelo professor ou pelo próprio aluno são cruciais para que este se sinta motivado para ler cada vez mais e melhor.

### **Terça-feira, 15 de janeiro de 2013**

A manhã de aula referente ao dia de hoje foi lecionada pela minha colega A.

Até à hora do intervalo lecionou a Área de Português e de Estudo do Meio. Na primeira área lecionada, fez a leitura modelo do texto *O pássaro que não queria voar* e interpretação oral do mesmo, colocando questões dirigidas. Quanto à gramática, introduziu o conteúdo tipos de frase (declarativo e interrogativo) com exemplos e uma ficha de trabalho para realizarem.

Na área seguinte, Estudo do Meio, a minha colega abordou, através de um *powerpoint*, o beija-flor, inserido na temática – os animais, e referiu algumas informações pertinentes e curiosidades sobre o mesmo.

Terminou a manhã de aulas com a Área de Matemática, na qual trabalhou situações problemáticas, recorrendo ao material manipulável estruturado Calculadores Multibásicos.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Depois da leitura do texto, a minha colega fez **interpretação textual** do mesmo. Para que a interpretação textual faça sentido é necessário que haja compreensão da leitura, logo é necessário que haja um certo grau de habilidade de identificação das palavras escritas e do seu significado. (Ministério da Educação, 2012b). De acordo com Teberosky e Colomer (2003), “ao terminar os comentários ou a leitura, o professor deveria iniciar um tempo de discussão e de perguntas sobre o texto lido.” (p.119). Segundo a mesma fonte, “a compreensão de um texto é a elaboração progressiva de uma representação mental integrada de sucessão de informações apresentadas no texto.” (p.11)

A interpretação, desde a mais simples frase até um texto com alguns parágrafos é essencial ser trabalhada desde o 1.º ano de escolaridade. Para que no futuro, os alunos consigam interpretar os livros que irão ler.

## **Sexta-feira, 18 de janeiro de 2013**

A manhã teve início com as habituais leituras diárias matinais. Depois desta rotina, a minha colega C repetiu o tema identificação da sílaba forte. Introduziu o conteúdo com exemplos e uma ficha de trabalho para realizarem. Quando acabou, os alunos terminaram trabalhos que tinham dentro da capa.

Após o intervalo, a turma concluía trabalhos em atraso, enquanto esperava para ter aula de Música.<sup>6</sup>

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Durante este período de estágio tive a oportunidade de assistir a aulas de **Música**.

A música é descrita por Arribas (2004), como “uma arte e, ao mesmo tempo, uma ciência.” (p.245)

Para Sousa (2003), “a música dá prazer, que modifica os estados emocionais, que permite a expressão dos sentimentos.” (p.15)

Desde sempre, ritmos, precursões e danças foram uma fonte de inspiração para o Homem, assim como os sons, na medida em que se descobriu a sua variada utilização, através dos efeitos sonoros produzidos. (Arribas, 2004)

---

<sup>6</sup> Música ou Educação Musical é dada pelo professor P da ESEJD

O objetivo da educação pela música é, nas palavras de Sousa (2003), “a criança, a sua educação, a sua formação como ser, como pessoa, o desenvolvimento equilibrado da sua personalidade.” (p.18)

Ao ter observado estas aulas, posso afirmar que os alunos gostam imenso das aulas de música, mostrando grande entusiasmo em aprender e que a relação entre estes e o professor é bastante agradável de observar, uma vez que se cria na sala de aula um ambiente de grande cumplicidade e de afeto.

### **Segunda-feira, 21 de janeiro de 2013**

Enquanto se realizava a habitual rotina diária, a professora colocou no quadro alguns alunos a praticarem operações aritméticas.

Como a primeira parte da manhã foi destinada à Área de Matemática, a turma realizou operações e situações problemáticas. Quanto terminaram, a professora procedeu à explicação do tema combinações, recorrendo a imagens. Na explicação, a professora recorreu à combinação de três cores em seis bandeiras diferentes e à combinação de três algarismos em três ordens diferentes. Com esta última combinação, aproveitou para fazer leitura de números; colocar por ordem crescente e decrescente.

Após o intervalo, a turma esteve com a professora de apoio I, pois a professora titular teve que se ausentar. Para terminar a manhã, os alunos estiveram a resolver exercícios de aplicação de Português sobre sílaba forte, divisão silábica, antónimos e ordenação de frases.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Na Área de Matemática, a professora trabalhou o tema **combinações**.

Os alunos ao realizarem exercícios de combinações fazem-no através do uso da descoberta e da tentativa, de modo a combinarem os dados que lhes são apresentados. É extraordinário observar como um tema tão complexo, quando abordado de uma forma simples, se torna de fácil compreensão para todos os alunos. É também fantástico ver o entusiasmo dos alunos a resolverem este tipo de exercícios matemáticos, que requerem alguma lógica.

Segundo Damas, *et al.* (2010), “a estratégia da descoberta é a ideia-chave no ensino da Matemática. É estimulando a procura, o pensamento, a reflexão e a discussão, que se vão construindo conceitos e adquirindo conhecimentos matemáticos.” (p.7)

### **Terça-feira, 22 de janeiro de 2013**

Depois de mais uma leitura realizada pelos alunos, duas colegas do 2.º ano da Licenciatura em Educação Básica, lecionaram a sua segunda aula. Estas abordaram a profissão de médico, inserida na temática das profissões. Começaram por dialogar com os alunos e depois apresentaram, em *powerpoint* imagens alusivas ao tema. No final entregaram uma ficha de trabalho a cada aluno, que, depois de realizada, foi corrigida por ambas oralmente.

Durante o intervalo, a professora falou com as minhas colegas de estágio A e C para lhes dar o *feedback* das suas manhãs de aulas. Ainda no decorrer do mesmo, a professora conversou connosco sobre o período de estágio.

Após o intervalo, a professora distribuiu por alguns alunos as letras I, V, e X, de modo a trabalhar a numeração romana. Ainda com letras móveis (l, v, e, a) pediu aos alunos para formarem diferentes palavras, como por exemplo (vela, leva). Aproveitou as palavras, para trabalhar conteúdos já lecionados, como o tipo e formas de frases, classificação de palavras quanto ao género e ao número.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Está quase a chegar ao fim, não só Mestrado, como o último dia de estágio, nesta turma, com uns alunos e uma professora extraordinários. Nesta sala senti-me muito bem recebida/acolhida e muito bem integrada na dinâmica da sala de aula. Senti logo de início uma empatia pela professora, o que foi excelente pois proporcionou uma boa relação pedagógica, fazendo com que todas as práticas corressem da melhor forma.

Severino (2007) refere que “o supervisor é alguém com mais experiência e com conhecimentos mais claros e refletidos sobre situações, dificuldades e problemas do processo educativo, que deve assumir-se perante o formando como um colega e colaborador.” (p.46)

Para o mesmo autor, “os supervisores (cooperantes) das práticas pedagógicas deverão estabelecer com o estagiário uma relação de interajuda, colaboração, flexibilidade, autenticidade e cordialidade espontânea.” (p.48). Esta professora enquadra-se perfeitamente nas palavras defendidas pelo autor.

Como caminhávamos a passos largos para o último dia, a professora pediu-nos que realizássemos por escrito, a avaliação da mesma, apontando-lhe os aspetos positivos e os aspetos a melhorar, de modo a refletir sobre a sua prática docente.

Para Reis (2006), “um bom profissional parece ser aquele que reflete e se preocupa em encontrar mais eficientes para atingir os seus objetivos e melhorar o seu ensino, retirando constantemente saberes da experiência e da reflexão.” (pp. 28-29)

Devo mencionar que a professora me apanhou de surpresa e que me custou muito fazer a sua avaliação, não só por ser professora há muitos anos, como também pelo seu excelente profissionalismo. Contudo considero este desafio, bastante importante, pois para mim esta professora é uma professora reflexiva, ou seja, reflete sobre o seu trabalho, pedindo a avaliação dos seus alunos estagiários, não fazendo distinção se são alunos de Licenciatura ou de Mestrado.

Ser **professor reflexivo** é sempre uma mais-valia para continuar a crescer profissionalmente.

### **Sexta-feira, 25 de janeiro de 2013**

A manhã teve início com as leituras diárias matinais. Após as leituras e até à hora do intervalo, a área trabalhada foi a de Português, na qual a professora distribuiu pelos alunos um pequeno texto e escreveu no quadro perguntas de interpretação e de gramática, as quais os alunos copiaram para a folha, a fim de as responderem, por escrito. Terminada esta proposta, os alunos realizaram um ditado.

Após o intervalo e até à aula de Música, a professora solicitou que lecionássemos uma aula na Área de Matemática; para tal, a professora escreveu no quadro os números (196, 32, 300, 424, 51, 27, 87) e cada uma de nós desenvolveu uma estratégia diferente, utilizando os mesmos. A minha colega A trabalhou a numeração romana, eu trabalhei a leitura de números e o cálculo mental e a minha outra colega trabalhou a ordem decrescente.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

O **Ser Humano** é um ser bio, psico e sociocultural. Este, ao ser considerado como bio e psico, confere-lhe a unicidade ou singularidade, em contrapartida, ao ser considerado sócio e cultural, confere-lhe a pluricidade, ou seja, o gregarismo. Este último termo é entendido por Titiev (1979) como o “agregado de pessoas que geralmente ocupam uma única região e [que] partilham uma maneira de viver comum.” (p.5).

O Homem (Ser Humano) é igual em dois aspetos, que são: na sua espécie (*Homo Sapiens Sapiens*) e na sua origem (celular), pois em relação aos outros aspetos somos todos diferentes, ou seja, não existem duas pessoas iguais.

Para o autor acima citado “um indivíduo (...) está destinado a tornar-se numa pessoa completa [e ao mesmo tempo única estando integrado numa] sociedade [onde] desempenha um papel (...) fundamental como [todos os outros].” (p.6)

Por não haver duas pessoas iguais é que desenvolvemos três estratégias diferentes, uma estratégia por cada pessoa, perante o mesmo desafio que nos foi lançado pela professora, na Área de Matemática.

# **CAPÍTULO 2**

## **Planificações**



## **2.1. Descrição do capítulo**

Ao longo deste capítulo será abordada a temática da planificação, dando resposta a algumas questões, tais como: “O que é planificar?”; “O que é a planificação?”; “Para que serve planificar?”; “Para quem se planifica?”; “O que é o currículo?” e, por último, “O que é um desenho curricular?”.

Este capítulo é composto por quatro planificações realizadas ao longo do Estágio Profissional, sendo que as duas primeiras dizem respeito ao estágio realizado no Educação Pré-Escolar e as duas últimas são referentes ao estágio realizado no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, apresentando-se assim, este capítulo dividido em quatro subcapítulos, cada um referente a uma planificação.

No que diz respeito às planificações realizadas na Educação Pré-Escolar, a primeira pertence à Área da Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e a segunda pertence à Área da Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática, correspondendo ao primeiro e ao segundo subcapítulo, respetivamente.

No terceiro e quarto subcapítulo encontram-se as planificações realizadas no 1º Ciclo do Ensino Básico, referentes às Áreas de Estudo do Meio e de Português, respetivamente.

Todas as planificações serão contextualizadas e fundamentadas cientificamente e foram todas elaboradas segundo o Modelo T de Aprendizagem (modelo adotado por esta escola), desenvolvido pelo Dr. Martiniano Pérez.

## **2.2. Fundamentação Teórica**

Planificar é muito importante e encontra-se presente em quase todas as atividades diárias, uma vez que nos orienta na realização das mesmas.

Para Habermas (1984, citado por Serra, 1999), planejar:

constitui um processo espontâneo que radica na relação entre o indivíduo e o contexto da sua ação. A abordagem reflexiva sobre as coisas e os acontecimentos do mundo sobre assuntos da nossa intimidade, implica sempre uma maior ou menor capacidade de apropriação e representação do futuro. Exercemos com isto a soberana afirmação de uma racionalidade cognitivo-instrumental, ou seja, aquele tipo de orientação da ação e do pensamento que assenta sobre a prossecução de fins e a eficácia dos meios. (p.18)

Segundo Ribeiro (1989), a planificação:

informa sobre o que se pretende levar a cabo (...) estabelece a ligação entre objetivos mais gerais e outros mais específicos a eles ligados (...) define o tipo de aprendizagem que se pretende (...) prevê, antecipadamente, dificuldades e providencia os meios para as ultrapassar (...) conduz à seleção de estratégias, meios e materiais que se afiguram adequados aos objetivos em vista (...) prepara, antecipadamente, um plano de avaliação e elabora os instrumentos necessários (...) permite ultrapassar dificuldades e contribuir para o sucesso do ensino e da aprendizagem. (pp.23-25)

Este ato tornou-se uma atividade muito importante para todos os profissionais de educação. Estes dedicam grande parte do seu tempo a esta atividade.

Pais e Monteiro (1996) defendem que:

qualquer planificação – de sequência de aprendizagem ou de aula – pressupõe escolhas pedagógicas teóricas que determinam uma prática concretizada, em última análise, na aula. O professor terá que fazer a escolha que melhor se adequa aos seus propósitos educativos e às condições concretas em que trabalha. (p.34)

Já para Zabalza (2001, citado por Braga, Vilas-Boas, Alves, Freitas e Leite, 2004):

a planificação corresponde a uma estruturação das etapas de forma linear e igual para todos, na perspetiva construtivista a planificação passa pela criação de ambientes estimulantes que propiciem atividades que não são à partida previsíveis e que, para além disso, atendam à diversidade das situações e aos diferentes pontos de partida dos alunos. Isso pressupõe prever atividades que apresentem os conteúdos de forma a tornarem-se significativos e funcionais para os alunos, que sejam desafiantes e lhes provoquem conflitos cognitivos, ajudando-os a desenvolver competências de aprender a aprender. (p.27)

É de facto essencial que o educador/professor tenha um fio condutor nas suas aulas. Uma aula é como o mapa da estrada que para se chegar ao destino se traça um caminho, embora durante o percurso se possam fazer desvios, no final é importante chegar ao destino pretendido.

Pais e Monteiro (1996) defendem que “a planificação de uma aula, portanto, não tem obrigatoriamente que ser cumprida na sua totalidade.” (p.40), ou seja, pode haver mudança de planos.

A planificação em educação determina o que é ensinar e a forma como é feito/transmitido. Esta não deve ser rígida, mas deverá ser uma previsão do que se pretende fazer, tendo em atenção as atividades desenvolvidas e o contributo dos alunos. Estes são uma peça fundamental e imprescindível ao cumprimento do plano, pois quando se planifica é a pensar neles. Mas também se planifica para o professor,

para os pais, para a escola e para a sociedade. Quando se planifica para os alunos, planifica-se de modo a que eles saibam o que estão a fazer e o porquê, ou seja, o melhor caminho para uma boa aprendizagem. Planifica-se também para o professor, uma vez que esta é uma forma de organizar o seu trabalho, refletindo os conteúdos, os métodos, os materiais e as competências a desenvolver nos alunos.

No que diz respeito à planificação para os pais, esta é fundamental uma vez que permite perceber melhor porque é que os filhos aprendem determinados conteúdos e, desta forma, podem acompanhá-los da melhor forma e, assim, participar mais conscientemente na vida escolar. Ao planificar-se para a escola, torna-se possível um trabalho consciente de todos os docentes, permitindo assim uma coordenação interdisciplinar.

Por último, mas não menos importante, planifica-se para a sociedade, porque cada vez mais se fala na autonomia das escolas e na participação ativa da comunidade, ou seja, da sociedade local.<sup>7</sup>

Ao iniciar um ano letivo, é importante que o professor tenha uma perspetiva abrangente sobre o processo ensino-aprendizagem a desenvolver ao longo do ano. Para isso, antes do início das aulas, o professor deve delimitar globalmente a ação a ser empreendida ao longo de todo o ano letivo, ou seja, deve elaborar uma planificação a longo prazo. Para Spodek e Saracho (1998), a planificação a longo prazo “ajuda a visualizarem as atividades escolares do ano inteiro, permitindo que construam novas atividades a partir das experiências prévias das crianças.” (p.122)

Com o desenrolar do ano escolar é necessário fazer planos a médio prazo, correspondentes a cada unidade de aprendizagem, contidas no plano a longo prazo.

Segundo Morissette e Gingras (1994), a planificação das atividades “a médio ou a longo prazo, supõe um projeto estruturado e operacional capaz de integrar as múltiplas condições de aprendizagem bem como as numerosas normas de ensino e de avaliação.” (p.96)

Os professores também devem organizar o seu trabalho de sala de aula, diária, mensal ou periodicamente. (Spodek e Saracho, 1998). A esta organização de trabalho, dá-se o nome de planificação a curto prazo. Spodek e Saracho (1998) entendem que na planificação a curto prazo “os professores levam em consideração o equilíbrio diário do programa e as relações que podem estabelecer entre as diferentes áreas de conteúdo.” (p.124)

---

<sup>7</sup> <http://www.prof2000.pt/USERS/folhalcino/formar/outros/planifica.htm>

Estes planos de aula são aqueles que o professor disponibiliza mais atenção e onde se percebe a forma como o professor encara a dinâmica do ensino/aprendizagem. Arends (2008) sustenta que “normalmente, as planificações de aulas diárias esboçam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem usadas, os materiais necessários, as atividades e os passos específicos e os processos de avaliação.” (p.118)

Durante o Estágio Profissional, sempre que lecionei uma aula ou qualquer atividade planeada, recorri à planificação a curto prazo, baseando-me no Modelo T de Aprendizagem (modelo adotado por esta escola), desenvolvido pelo Prof. Dr. Martiniano Pérez. Este modelo designa-se Modelo T (Quadro 10), por apresentar a forma de T no campo dos conteúdos conceituais e procedimentos/métodos, bem como a forma de T nos objetivos, contemplando as capacidades/destrezas e os valores/attitudes.

Quadro 10 – Modelo T de Aprendizagem

<b>Conteúdos Conceituais</b>	<b>Procedimentos/Métodos</b>
<b>Objetivos</b>	
<b>Capacidades/Destrezas</b>	<b>Valores/Atitudes</b>

Esta proposta de desenho curricular de aula confere uma visão integral daquilo que o educador/professor vai realizar, bem como as competências que quer desenvolver nos seus alunos. Segundo Pérez (s.d., p.40), “de uma forma panorâmica e global numa só folha integramos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar.”

O mesmo autor sublinha que:

o desenho curricular de aula supõe, uma conceção do currículo na aula e portanto contém também estes elementos básicos: capacidades – destrezas, valores – atitudes como objetivos e conteúdos e métodos/procedimentos como meios. Trata-se de desenhar (programar) e avaliar o currículo e a cultura social e institucional na aula para um curso escolar ou um ano escolar. (p.38)

Por outro lado, Pacheco (2005) refere que “o lexema currículo – proveniente do étimo latino *currere*, que significa caminho, jornada, trajetória, percurso a seguir – encara duas ideias principais: uma de sequência ordenada, outra de noção de totalidade de estudos.” (p.37)

Entendemos por currículo, segundo as palavras de Alonso (1992, citado por Alonso, Ferreira, Santos, Rodrigues e Mendes, 1994), como sendo:

um projeto integrado e global de cultura (aprendizagens a realizar) e de formação (capacidades a desenvolver) que fundamenta, articula e orienta as decisões sobre a intervenção pedagógica nas escolas, com o fim de permitir uma mediação educativa de qualidade para todos os alunos. (p.18)

Para Carita e Abreu (1994), “o currículo deverá apresentar uma estrutura eficaz e organizada para que se possa constituir como instrumento útil para programação e práticas a serem desenvolvidas a partir das escolas.” (p.12)

Para elaborar um plano de aula, seguindo o Modelo T de Aprendizagem é necessário ter em conta, alguns conceitos prévios. De acordo com Pérez (s.d.):

conteúdo: é uma forma de saber. Existem dois tipos fundamentais de conteúdos: saber sobre conceitos (conteúdos conceptuais) e saber fazer sobre feitos (conteúdos factuais); procedimento: é uma forma de fazer, capacidade: habilidade geral que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo; destreza: habilidade específica que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo. Um conjunto de destrezas constitui uma capacidade; valor: estrutura-se e desenvolve-se por meio de atitudes. Uma constelação de atitudes associadas entre si constitui um valor. A componente fundamental de um valor é afetiva; atitude: predisposição estável (...) a (...) componente fundamental é afetivo. Um conjunto de atitudes constitui um valor. (p.7)

## 2.3. Planificações

### 2.3.1. Planificação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Quadro 11 – Planificação realizada no grupo dos 3 anos

#### Plano de Aula

**Idade:**

3 anos

**Nome:**

Marisa Rolo

**Data:**

17 de outubro de 2011

**Ano e Turma:**

MEPE+1.ºCiclo A

**Duração:**

15/20 minutos

**Número:**

15

Área: Expressão e Comunicação – Domínio: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Conteúdos Concetuais	Procedimentos - Métodos
§ Conhecimento das cores	<ul style="list-style-type: none"><li>• Sentar as crianças no tapete, em semicírculo;</li><li>• Ler a história <i>Pequeno Azul e Pequeno Amarelo</i>, de Leo Lionni, com o auxílio do <i>powerpoint</i>;</li><li>• Dialogar com as crianças sobre a história.</li></ul>
Objetivos	
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes
Socialização: Dialogar; Expressão Oral: Compreensão, Expressar as Ideias e Vocabulário.	Respeito: Escutar.
<b>Material:</b> Computador portátil, <i>datashow</i> , livro <i>Pequeno Azul e Pequeno Amarelo</i> , de Leo Lionni.	

Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem

(Nota: Esta planificação pode ser sujeita a alterações)

A planificação apresentada no Quadro 11 foi realizada no grupo dos 3 anos, no dia 17 de outubro de 2011, inserida na temática os órgãos dos cinco sentidos.

Nesta manhã, iniciei a aula começando por **sentar as crianças no tapete, em semicírculo**, de modo a que todas conseguissem visualizar as imagens projetadas pelo *datashow*. Optei por levar as crianças para o tapete da sala, por ser um lugar acolhedor. Como diz Cury (2005) “sentar em forma de “U” ou em círculo aquieta o pensamento, melhora a concentração, diminui a ansiedade dos alunos. O clima da classe fica agradável e a interação social dá um grande salto.” (p.125). Assim, considero que ao sentar as crianças no tapete, dispendo-as em semicírculo, criei um ambiente propício à leitura da história.

De seguida, passei a **ler a história *Pequeno Azul e Pequeno Amarelo*, de Leo Lionni, com o auxílio do *powerpoint*.**

Segundo McGee (1998, citado por Mata, 2006), a leitura de histórias:

apóia a construção de sentido por parte das crianças; e, por outro, enriquece a interação da criança com a literatura. Para apoiar na construção de sentido, o adulto ajusta o seu estilo de leitura, facilita a compreensão da criança, realça alguma informação pertinente, questiona, comenta, etc. (p.90)

Nesta aula não pude ler a história através do livro, por este ser de tamanho pequeno para as crianças com três anos de idade. Apesar dos autores Lages, Liz, António e Correia (2007), defenderem que “o livro é, de facto, o suporte mais adequado para a passagem de conhecimento intergeracional, prolongando afetos e histórias, aprofundando sentidos de pertença.” (p.360). Nesta situação concreta, as imagens projetadas em grande plano facilitou a compreensão da história. Spodek e Saracho (1998, citados por Viana e Teixeira, 2002) referem que ler em voz alta, utilizando as imagens da história, em tamanho ampliado, pode “fazer com que a criança desempenhe um papel mais ativo na aprendizagem.” (p.118)

Para Albuquerque (2000), é exatamente “entre os três e os oito anos que as narrativas se revelam de maior utilidade pedagógica.” (p.15). É no período dos três anos que a criança começa a desenvolver a sua competência narrativa.

Após a leitura, comecei por **dialogar com as crianças sobre a história**, apelando às suas vivências.

Considero que quando se acaba de ouvir uma história deve existir um momento de partilha e de diálogo sobre a história.

Segundo Mendonça (1994), é importante que a educadora parta “(...) da realidade e da experiência social da criança, tentando satisfazer as curiosidades que sobre elas, as crianças mantêm.” (p.40)

De acordo com Pardal (1993), “a escola constitui hoje um dos principais agentes de que se serve a sociedade para a socialização dos mais jovens, A escola é, de facto, um poderoso agente de formação.” (p.9)

É do senso comum que o diálogo, quando adequado, é fundamental e necessário ao desenvolvimento do Ser Humano em todas as fases da sua vida, sobretudo na infância, onde se encontra a base da educação.

## 2.3.2. Planificação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática

Quadro 12 – Planificação realizada no grupo dos 5 anos

### Plano de Aula

**Idade:**

5 anos

**Nome:**

Marisa Rolo

**Data:**

16 de janeiro de 2012

**Ano e Turma:**

MEPE+1.ºCiclo A

**Duração:**

15/20 minutos

**Número:**

15

Área: Expressão e Comunicação – Domínio: Matemática

Conteúdos Concetuais	Procedimentos - Métodos
<ul style="list-style-type: none"> <li>∅ 3.º e 4.º Dons de Froebel;</li> <li>∅ Situações problemáticas;</li> <li>∅ Raciocínio lógico.</li> <li>∅ Construções:               <ul style="list-style-type: none"> <li>Mobília de sala;</li> <li>Poço.</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Distribuir o material pelos alunos;</li> <li>• Recordar algumas regras acerca do material;</li> <li>• Relembrar a construção da Mobília de Sala;</li> <li>• Explicar a construção do Poço;</li> <li>• Realizar algumas situações problemáticas, com o auxílio de material manipulável não estruturado.</li> </ul>
Objetivos	
Capacidades - Destrezas	Valores – Atitudes
Socialização: Dialogar; Expressão Oral: Compreensão.	Respeito: Escutar.
<b>Material:</b> Material manipulável estruturado (3.º e 4.º Dom de Froebel) e material manipulável não estruturado (flores azuis, laranjas e amarelas).	

Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem

(Nota: Esta planificação pode ser sujeita a alterações)

A planificação apresentada no Quadro 12 foi realizada no grupo dos 5 anos, no dia 16 de janeiro de 2012, inserida na temática “As plantas”.

Nesta manhã de aulas, **comecei por distribuir o material pelos alunos**, de modo a que cada criança pudesse manipular livre e orientadamente o material. Necessitei de material manipulável, por isso, distribuí por cada criança, uma caixa de 3.º Dom e uma de 4.º Dom de Froebel e também um saco com flores plastificadas de três cores diferentes.

Decidi manter as crianças nos seus respetivos lugares, visto ser uma aula no Domínio de Matemática, em que cada criança necessita de manipular material no tampo da mesa. Distribuir o material por cada criança é importante para que cada uma faça as suas representações e manipule individualmente.

De acordo com Reys (s.d., citado por Caldeira, 2009), os “objetos ou coisas que o aluno é capaz de sentir, tocar, manipular e movimentar. Podem ser objetos reais que têm aplicação no dia-a-dia ou podem ser objetos que são usados para representar uma ideia.” (p.23)

**Recordar algumas regras acerca do material** é fulcral que, em todas as aulas, se defina ou lembre algumas regras. A necessidade de estabelecer limites, regras, é essencial para o bom desenvolvimento psíquico da criança e para a sua “higiene” mental. (Valentim, 2011)

De acordo com Sanches (2001), “não podem ser estabelecidas regras se não se cuida do seu cumprimento.” (p.67) e “as regras tem de ser muito claras, enunciando exatamente o comportamento que se quer estabelecer (...), muito firmes e para cumprir.” (p.68)

Quando se trata de uma aula em que o manuseamento de materiais é uma constante, é essencial definir regras para trabalhar com o mesmo, a fim de não criar “rebolicho”.

Uma aula com o manuseamento de materiais manipuláveis sai da rotina, da folha e do lápis, e as crianças desfrutam ao máximo da manipulação do mesmo, não esquecendo o conteúdo a desenvolver.

Após o recordar de algumas regras, principiei o **lembrar da construção da Mobília de Sala**.

É sempre uma mais-valia para o educador fazer uma revisão dos conteúdos, lançando depois novos desafios para novas aprendizagens.

De seguida passei a **explicar a construção do Poço**. Neste momento da aula todas as crianças estiveram com a máxima atenção, para conseguirem acompanhar a explicação, dada por mim, por se tratar de uma nova construção.

Finalizei a aula, a **realizar algumas situações problemáticas, com o auxílio do material manipulativo não estruturado**.

Cada criança, nesta atividade, teve que ouvir e interpretar as situações problemáticas que lhe propus e representá-las, recorrendo ao material manipulativo não estruturado.

Ao realizar situações problemáticas, “cabe ao educador partir de situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, internacionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções Matemáticas.” (*Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, Ministério da Educação, 1997, p.73)

Para Caldeira (2009), “a resolução de problemas não só constitui um objetivo de aprendizagem matemática, como é também um meio, um processo pelo qual os alunos aprendem matemática, desenvolvendo a compreensão das ideias matemáticas.” (p.123)

Aranão (1996) defende que “a criança é um ser puramente lúdico, incapaz de manter [a] sua concentração por mais de 20 minutos numa atividade que requer atenção quanto à exposição verbal realizada por um adulto.” (p.16), por esta razão, o tempo estipulado para este domínio não excedeu os 20 minutos.

### 2.3.3. Planificação da Área de Estudo do Meio

Quadro 13 – Planificação realizada na turma do 3.º ano de escolaridade

#### Plano de Aula

**Ano:**

3.º Ano

**Data:**

18 de maio de 2012

**Duração:**

50 minutos

**Nome:**

Marisa Rolo

**Ano e Turma:**

MEPE+1.ºCiclo A

**Número:**

15

#### Área: Estudo do Meio

Conteúdos Concetuais	Procedimentos - Métodos
✓ Astros	<ul style="list-style-type: none"><li>• Apresentar o que existe no Universo e qual a ciência que se dedica ao estudo do mesmo;</li><li>• Explicar a principal diferença entre estrela e planeta, através da exploração de um <i>powerpoint</i>;</li><li>• Explicar a diferença entre cometa, asteroide, meteoro e meteorito através da exploração de um <i>powerpoint</i>;</li><li>• Apresentar o nome dos oito planetas do Sistema Solar;</li><li>• Proceder à realização de um crucigrama.</li></ul>
<b>Objetivos</b>	
<b>Capacidades - Destrezas</b>	<b>Valores – Atitudes</b>
Socialização: Dialogar; Expressão Oral: Compreensão, Expressar as Ideias e Vocabulário.	Respeito: Escutar.
<b>Material:</b> Quadro interativo, <i>powerpoint</i> , material didático (crucigrama).	

Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem

(Nota: Esta planificação pode ser sujeita a alterações)

A planificação apresentada no Quadro 13 foi realizada na turma do 3.º ano de escolaridade, no dia 18 de maio de 2012, inserida no tema “Os astros”.

Iniciei esta manhã de aulas, começando por **apresentar o que existe no Universo e qual a ciência que se dedica ao estudo do mesmo**. Para iniciar a aula decidi dialogar com os alunos, através da linguagem oral, de modo a perceber o que cada um sabia e conhecia, porque como refere Sim-Sim, *et al.* (2008), os alunos “precisam de oportunidades para conversar, o que requer tempo e espaço por parte do adulto para a ouvir e para falar com ele.” (p.27)

Adotei esta estratégia, pois é de extrema importância dar a palavra aos alunos, como menciona Arends (1995, p.416), “a linguagem oral proporciona os meios para os alunos falarem sobre o que já conhecem e para darem sentido aos novos conhecimentos que são adquiridos.”

De seguida, passei a **explicar a principal diferença entre estrela e planeta, através da exploração de um *powerpoint*** e também **expliquei a diferença entre cometa, asteroide, meteoro e meteorito através da exploração de um *powerpoint***.

Para esta parte da aula elaborei uma apresentação em *powerpoint*, a qual foi projetada na aula. Solicitei a participação dos alunos várias vezes, utilizando diversas estratégias, de modo a não tornar a aula monótona. O objetivo da aula era que os alunos ficassem com as noções corretas sobre os conceitos anteriormente referidos.

**Apresentar o nome dos oito planetas do Sistema Solar**. Comecei por apresentar o nome dos planetas, bem como as imagens dos mesmos. O objetivo era que os alunos fizessem corresponder o nome à imagem, de modo a relembrar o nome dos planetas do Sistema Solar. O tema dos astros está inserido no bloco 3 – à descoberta do ambiente natural. (*Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo*, Ministério da Educação, 2004)

De acordo com a mesma fonte, “este bloco compreende os conteúdos relacionados com os elementos básicos do meio físico (o ar, a água, as rochas, o solo), os seres vivos que nele vivem, o clima, o relevo e os astros.” (p.115) E os objetivos propostos, na mesma fonte, para o 3.º ano são: “reconhecer o Sol como fonte de luz e calor; verificar as posições do Sol ao longo do dia (nascente/sul/poente); conhecer os pontos cardeais; distinguir estrelas de planetas (Sol – estrela; Lua – planeta).” (pp.115-116)

Para finalizar a aula, **procedi à realização de um crucigrama**.

Após terem ouvido toda a informação e observado o *powerpoint* com algumas ideias-chave, bem como algumas imagens de apoio, solicitei o preenchimento de um crucigrama, como fecho da aula. Sempre que é lecionado um conteúdo novo é importante entender sobre o que os alunos aprenderam fazendo uma atividade de aplicação.

## 2.3.2. Planificação da Área de Português

Quadro 14 – Planificação realizada na turma do 1.º ano de escolaridade

### Plano de Aula

**Ano:**

1.º Ano

**Nome:**

Marisa Rolo

**Data:**

7 de janeiro de 2013

**Ano e Turma:**

MEPE+1.ºCiclo A

**Duração:**

50 minutos

**Número:**

14

Área: Português

Conteúdos Concetuais	Procedimentos - Métodos
∅ Formas de frase	<ul style="list-style-type: none"><li>• Dirigir os alunos para o salão;</li><li>• Sentar os alunos em “U”;</li><li>• Contar a história <i>Na pista do Penacho</i>, de Daniel Joris;</li><li>• Fazer interpretação oral da história;</li><li>• Dirigir os alunos para a sala;</li><li>• Introduzir o tema através de frases móveis, levando as crianças a descobrir a principal diferença;</li><li>• Solicitar a participação dos alunos, para que digam frases nas duas formas – afirmativa e negativa;</li><li>• Entregar uma ficha de trabalho a cada aluno.</li></ul>
<b>Objetivos</b>	
Capacidades - Destrezas	Valores – Atitudes
Socialização: Dialogar; Expressão Oral: Compreensão, Expressar as Ideias e Vocabulário.	Respeito: Escutar.
<b>Material:</b> Livro <i>Na pista do Penacho</i> , de Daniel Joris, material didático (frases móveis) e ficha de trabalho.	

Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem

(Nota: Esta planificação pode ser sujeita a alterações)

A planificação apresentada no Quadro 14 foi realizada na turma do 1.º ano de escolaridade, no dia 7 de janeiro de 2013, inserida no tema “Os animais”.

Iniciei esta manhã de aulas, começando por **dirigir os alunos para o salão** e aí **sentei-os em “U”**. Decidi levar os alunos para o salão e sentá-los em “U” pois, como ia contar uma história, achei pertinente mudá-los de espaço e dispô-los de outra forma, apesar de serem alunos de 1.º Ciclo. De seguida passei a **contar a história Na pista do Penacho, de Daniel Joris**.

Jean (1999), avança que:

é essencial ao 1.º ano do 1.º ciclo do ensino básico, bem como às secções dos mais “pequenos”, criar implicitamente momentos de contos ou de leitura, momentos diferenciados (...), momentos em que a criança ouve a língua materna correta e viva. (p.123)

Por ser uma atividade diferente, os alunos encontravam-se atentos e interessados. Depois de contada a história, **dirigi os alunos para a sala** e comecei por **introduzir o tema** da aula **através de frases móveis, levando as crianças a descobrir a principal diferença** entre a forma afirmativa e a forma negativa.

Já na sala e com os alunos sentados nos respetivos lugares, coloquei duas frases móveis no quadro e pedi aos alunos que as observassem durante algum tempo, a fim de descobrirem e identificarem a palavra “não” como a principal diferença. De seguida, questionei-os dirigida e individualmente, para que me dissessem a diferença entre as frases. Marujo, Neto e Perloiro (1999), referem que “referir o nome do aluno torna a frase em algo mais especial e evita trocas ou dúvidas sobre a quem se dirige.” (p.125) O professor deve sempre que possível fazer perguntas dirigidas de forma a não gerar confusão na sala de aula.

Descoberta a principal diferença, expliquei, através da linguagem oral, as formas de frase. Feita esta abordagem, **solicitei a participação dos alunos, para que dissessem frases nas duas formas – afirmativa e negativa**. Após a explicação, pedi a um aluno para dizer uma frase e ao colega para classificá-la quanto à forma. Outras vezes verbalizava a forma e o aluno dizia a frase. Tentei diversificar a estratégia de modo a tornar a aula mais dinâmica e viva. Nunes (2003) defende que as aulas devem ser “alegres, vivas, variadas, dinâmicas.” (p.43). Para finalizar a aula, **entreguei uma ficha de trabalho a cada aluno**. Lecionado o conteúdo concetual (formas de frase), solicitei a dois alunos para distribuírem as fichas de trabalho pelos colegas, entregando uma a cada um. Os alunos dispuseram de 20 minutos para a realização da mesma, por se tratar de um dos dispositivos de avaliação.

# **CAPÍTULO 3**

## **Dispositivos de Avaliação**



### **3.1. Descrição do capítulo**

Neste capítulo irão ser apresentados quatro dispositivos de avaliação. Os dois primeiros foram realizados na Educação Pré-Escolar, no âmbito das Áreas curriculares: Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática e Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. O primeiro dispositivo de avaliação foi aplicado na sala das crianças dos três anos e o segundo dispositivo de avaliação na sala das crianças dos cinco anos.

Os dois últimos foram realizados no 1.º Ciclo do Ensino Básico, no âmbito das Áreas curriculares de Estudo do Meio e Português. O primeiro dispositivo de avaliação foi aplicado na turma do 2.º ano de escolaridade e o segundo, na turma do 1.º ano de escolaridade.

De seguida, será apresentada a fundamentação teórica onde serão abordados os temas: “O que é a avaliação?”, “Para que serve avaliar?”, “Qual a importância de avaliar?”, “Quais os tipos de avaliação que existem?” e “Quais as funções da avaliação?”.

Este capítulo está dividido em quatro subcapítulos em que estão expostos os parâmetros e os critérios de avaliação, assim como as devidas cotações e avaliações e a grelha de avaliação com as respetivas classificações. É ainda apresentado um gráfico circular onde estão apresentados os resultados obtidos na atividade e uma análise conclusiva, do mesmo.

### **3.2. Fundamentação Teórica**

Qualquer sistema educativo, para garantir o seu equilíbrio e eficiência, tem que dispor de um mecanismo regulador que lhe forneça indicações sobre o seu funcionamento: a avaliação educacional.

A avaliação em educação é um objeto importante no desenvolvimento da prática educativa em cada nível de educação e ensino. Aí estão implícitos princípios, estratégias e procedimentos adequados às suas especificidades.

Segundo Ribeiro (1989), “a avaliação pretende acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem, identificando o que já foi conseguido e o que está a levantar dificuldades, procurando encontrar as melhores soluções.” (p.75)

Para a autora acima citada, a avaliação é entendida como algo que é aprendido pelo aluno e pelas dificuldades que esse apresenta, procurando sempre encontrar as melhores estratégias, para ultrapassar as dificuldades sentidas.

Para Ribeiro e Ribeiro (1990), a avaliação é entendida como “uma operação que prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é motor do seu constante aperfeiçoamento, pretendendo, em última análise, conduzir todos os alunos a um sucesso pleno no programa de estudos que seguem.” (p.338)

Por sua vez, o Despacho Normativo N.º 24a/2012 afirma que:

a avaliação, constituindo-se como um processo regulador do ensino, é orientadora do percurso escolar e tem por objetivo a melhoria da qualidade do ensino através da aferição do grau de cumprimento das metas curriculares globalmente fixadas para os níveis de ensino básico. A avaliação tem ainda por objetivo conhecer o estado geral do ensino, retificar procedimentos e reajustar o ensino das diversas disciplinas em função dos objetivos curriculares fixados. (p.4)

Os agentes da educação, quer sejam educadores ou professores, podem recolher informação sobre os alunos recorrendo a vários meios, quer sejam testes, trabalhos de casa ou até mesmo propostas de trabalho.

Segundo Arends (1995), nos alunos “a informação acerca dos mesmos pode ser recolhida através de uma série de maneiras informais, tais como as observações e trocas verbais (...) ou ser recolhida de um modo formal, tal como trabalhos de casa, testes e relatórios escritos.” (p.229). Estas situações encontram-se na base das diferentes modalidades/tipos de avaliação.

Os três tipos de avaliação a que um professor recorre são: a **avaliação diagnóstica**, a **avaliação formativa** e a **avaliação sumativa**.

Na Educação Pré-Escolar só são aplicados, essencialmente, dois tipos de avaliação. São eles a avaliação diagnóstica e a avaliação formativa.

No que diz respeito à avaliação diagnóstica, Ribeiro e Ribeiro (1990) dizem que “tem como objetivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens.” (p.342)

Segundo o Despacho Normativo N.º 1/2005:

a avaliação diagnóstica conduz à adoção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projeto curricular de turma, facilitando a integração escolar do aluno, apoiando a orientação escolar e vocacional. Pode ocorrer em qualquer momento do ano letivo quando articulada com a avaliação formativa. (p.72)

A avaliação formativa desempenha um papel paralelo à avaliação diagnóstica.

Segundo Ribeiro (1989), “a avaliação formativa pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar solução.” (p.84). Para Perrenoud (1999), é “formativa toda a avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo.” (p.103)

Por sua vez, a Circular N.º 4/2011 entende a avaliação formativa como sendo “um processo integrado que implica o desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas às características de cada criança e do grupo, incide preferencialmente sobre os processos, entendidos numa perspetiva de construção progressiva das aprendizagens e de regulação da ação.” (p.1)

Este tipo de avaliação também é aplicado no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Assim, o Despacho Normativo N.º1/2005 afirma que “a avaliação formativa é a principal modalidade de avaliação do ensino básico, assume carácter contínuo e sistemático e visa a regulação do ensino e da aprendizagem, recorrendo a uma variedade de instrumentos de recolha de informação.” (pp.72-73)

Para além do tipo de avaliação anteriormente referido, no 1.º Ciclo do Ensino Básico também se recorre à avaliação sumativa.

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990), a avaliação sumativa “procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado.” (p.359)

Este tipo de avaliação é utilizado sempre que seja necessário fazer um balanço das aprendizagens desenvolvidas pelos alunos. Esses balanços têm, essencialmente, uma função formativa, exceto no final de um ciclo em que a função é sumativa. A avaliação, em contexto escolar, permite o estabelecimento de parâmetros e critérios para ser colocada em prática, aos quais os professores recorrem para a atribuição de notas.

Segundo Pacheco (2002), “o que contribui para a credibilidade da avaliação, quantitativa ou qualitativa, é a existência de critérios que funcionam como um verdadeiro código de conduta e de postura ética.” (p.63). A avaliação, enquanto elemento integrante e regulador da prática educativa, permite uma recolha sistemática de informação acerca dos alunos, que depois de analisada promove a qualidade das aprendizagens.

Segundo a Circular N.º 4/2011, a avaliação tem como finalidades:

- contribuir para a adequação das práticas, tendo por base uma recolha sistemática de informação que permita ao educador regular a atividade educativa, tomar decisões, planear a ação;
- refletir sobre os efeitos da ação educativa, a partir da observação de cada criança e do grupo de modo a estabelecer a progressão das aprendizagens;
- recolher dados para monitorizar a eficácia das medidas educativas definidas no Programa Educativo Individual (PEI);
- promover e acompanhar processos de aprendizagem, tendo em conta a realidade do grupo e de cada criança, favorecendo o desenvolvimento das suas competências e desempenhos, de modo a contribuir para o desenvolvimento de todas e de cada uma;
- envolver a criança num processo de análise e de construção conjunta, que lhe permita, enquanto protagonista da sua aprendizagem, tomar consciência dos progressos e das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando;
- conhecer a criança e o seu contexto, numa perspetiva holística, o que implica desenvolver processos de reflexão, partilha de informação e aferição entre os vários intervenientes – pais, equipa e outros profissionais – tendo em vista a adequação do processo educativo. (p.3)

Em suma, a avaliação é um elemento fulcral no processo ensino-aprendizagem, atendendo a parâmetros e critérios de avaliação que definem, em muitos sentidos, o percurso escolar dos alunos.

Na avaliação dos dispositivos de avaliação utilizei uma escala, baseada na escala de *Likert* (Quadro 15), que vai de 1 a 5, com os seguintes parâmetros:

Quadro 15 – Escala de *Likert* utilizada nos dispositivos de avaliação

1	Fraco	de 0 a 2,9 valores
2	Insuficiente	de 3 a 4,9 valores
3	Suficiente	de 5 a 6,9 valores
4	Bom	de 7 a 8,9 valores
5	Muito Bom	de 9 a 10 valores

### **3.3. Dispositivo de Avaliação da atividade na Área da Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática**

#### **3.3.1. Contextualização da atividade**

A atividade no Domínio da Matemática foi realizada no dia 18 de junho de 2012, na sala dos três anos, a vinte e três crianças.

Para a realização desta atividade, distribuí por cada criança, uma proposta de trabalho. De seguida procedi à leitura em voz alta, explicando o que era pretendido. Esta atividade teve a duração de quarenta minutos, não disponibilizando ajuda.

Em anexo exponho a proposta de atividade (Anexo 1).

#### **3.3.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade**

1. Identificação das figuras geométricas – pretende avaliar-se se a criança identifica as figuras geométricas. Os critérios estabelecidos para este parâmetro foram:

- Identifica todos os elementos
- Identifica 3 elementos
- Identifica 2 elementos
- Identifica 1 elemento
- Resposta incorreta

2. Motricidade fina – pretende avaliar-se o nível de desenvolvimento da motricidade fina da criança. Os critérios estabelecidos para este parâmetro foram:

- Pinta corretamente 4 figuras dentro dos limites
- Pinta corretamente 3 figuras dentro dos limites
- Pinta corretamente 2 figuras dentro dos limites
- Pinta corretamente 1 figura dentro dos limites
- Resposta incorreta

De seguida, no Quadro 16, encontra-se a tabela onde são atribuídas as cotações de cada critério estabelecido nesta proposta de atividade.

Quadro 16 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade no Domínio da Matemática

Parâmetros	CrITÉrios de AvaliaÇão	CotaÇão por critÉrio	CotaÇão por parâmetro
1. IdentificaÇão das figuras geométricas	Identifica todos os elementos	8	8 Valores
	Identifica 3 elementos	6	
	Identifica 2 elementos	4	
	Identifica 1 elementos	2	
	Resposta incorreta	0	
2. Motricidade fina	Pinta corretamente 4 figuras dentro dos limites	2	2 Valores
	Pinta corretamente 3 figuras dentro dos limites	1,5	
	Pinta corretamente 2 figuras dentro dos limites	1	
	Pinta corretamente 1 figura dentro dos limites	0,5	
	Resposta incorreta	0	
<b>Total:</b>			10 Valores

No Quadro 17 é apresentada a grelha de avaliaÇão da atividade.

### 3.3.3. Grelha de avaliação da atividade

Quadro 17 – Grelha de avaliação da atividade no Domínio da Matemática

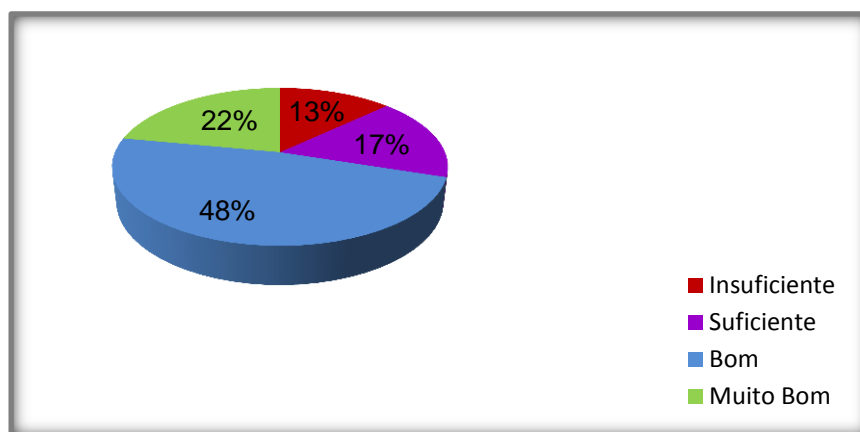
Parâmetros	1. Identificação das figuras geométricas					2. Motricidade fina					Cotação quantitativa	Cotação qualitativa
	Identifica					Pinta corretamente						
Crítérios	Todos os elementos	3 elementos	2 elementos	1 elemento	Resposta incorreta	4 figuras dentro dos limites	3 figuras dentro dos limites	2 figuras dentro dos limites	1 figura dentro dos limites	Resposta incorreta		
N.º de crianças												
1	X									X	8	Bom
2	X						X				9,5	Muito Bom
3	X									X	8	Bom
4	X									X	8	Bom
5			X			X					6	Suficiente
6	X									X	8	Bom
7			X			X					6	Suficiente
8			X			X					6	Suficiente
9	X									X	8	Bom
10			X							X	4	Insuficiente
11	X									X	8	Bom
12	X									X	8	Bom
13	X									X	8	Bom
14			X						X		4,5	Insuficiente
15	X						X				9,5	Muito Bom
16	X					X					10	Muito Bom
17			X							X	4	Insuficiente
18		X							X		6,5	Suficiente
19	X									X	8	Bom
20	X							X			9	Muito Bom
21	X					X					10	Muito Bom
22		X						X			7	Bom
23		X				X					8	Bom

### 3.3.4. Interpretação da grelha de avaliação

Observando a grelha de avaliação da atividade (Quadro 17), é possível verificar que em relação ao primeiro parâmetro, catorze crianças identificaram todas as figuras geométricas, apenas três identificaram três figuras geométricas, seis identificaram apenas duas figuras geométricas, não se registando respostas incorretas nem a identificação de uma figura geométrica.

Relativamente ao parâmetro do desenvolvimento da motricidade fina, seis crianças obtiveram a cotação máxima e onze obtiveram resposta incorreta.

### 3.3.5. Apresentação dos resultados em gráfico



*Figura 2 – Resultados da avaliação da atividade no Domínio da Matemática*

### 3.3.6. Análise do gráfico

Após a análise do gráfico (Figura 2) posso concluir que nenhuma criança teve Fraco; 13% obtiveram Insuficiente, correspondendo a três crianças; 17% obtiveram Suficiente, que corresponde a quatro crianças, 22% obtiveram Muito Bom, correspondendo a cinco crianças e os restantes 48% obtiveram Bom, o que corresponde a onze crianças.

Em suma, poderei afirmar que a maior parte do grupo reconhece as figuras geométricas, visto que a grande percentagem de crianças obteve cotação positiva.

As onze crianças que pintaram algumas figuras fora dos limites, revelam ainda imaturidade ao nível do desenvolvimento da motricidade fina o que é normal para a sua idade. A fim de trabalhar esta competência será importante continuar a lançar novos e diversificados desafios à criança.

### **3.4. Dispositivo de Avaliação da atividade na Área da Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**

#### **3.4.1. Contextualização da atividade**

A atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita foi realizada no dia 19 de junho de 2012, na sala das crianças dos cinco anos, a vinte e oito crianças.

Para a realização desta atividade, relembrei o tema da classificação das palavras quanto ao género e quanto ao número. Em seguida, distribui por cada uma delas, uma proposta de trabalho, explicando o que era pretendido. Esta atividade teve a duração de quarenta minutos, não disponibilizando ajuda.

Em anexo exponho a proposta de atividade (Anexo 2).

#### **3.4.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade**

1. Identificação de palavras do género feminino e do género masculino – pretende-se avaliar se a criança identifica as palavras quanto ao género. Os critérios estabelecidos para este parâmetro foram:

- Identifica corretamente 7 palavras
- Identifica corretamente 6 palavras
- Identifica corretamente 5 palavras
- Identifica corretamente 4 palavras
- Identifica corretamente 3 palavras
- Identifica corretamente 2 palavras
- Identifica corretamente 1 palavra
- Resposta incorreta
- Por cada erro ortográfico, descontar 0,4

2. Identificação das palavras no plural – pretende-se verificar se a criança identifica o plural das palavras. Os critérios estabelecidos para este parâmetro foram:

- Identifica corretamente 3 palavras
- Identifica corretamente 2 palavras
- Identifica corretamente 1 palavra
- Resposta incorreta

De seguida, no Quadro 18, encontra-se a tabela onde são atribuídas as cotações de cada critério estabelecido nesta proposta de atividade.

Quadro 18 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Crítérios	Cotação por critério	Cotação por parâmetro
1. Identificação de palavras do género feminino e do género masculino	Identifica corretamente 7 palavras	7	7 Valores
	Identifica corretamente 6 palavras	6	
	Identifica corretamente 5 palavras	5	
	Identifica corretamente 4 palavras	4	
	Identifica corretamente 3 palavras	3	
	Identifica corretamente 2 palavras	2	
	Identifica corretamente 1 palavra	1	
	Resposta incorreta	0	
	Cada erro ortográfico	- 0,4	
2. Identificação das palavras no plural	Identifica corretamente 3 palavras	3	3 Valores
	Identifica corretamente 2 palavras	2	
	Identifica corretamente 1 palavra	1	
	Resposta incorreta	0	
<b>Total:</b>			<b>10 Valores</b>

No Quadro 19 é apresentada a grelha de avaliação da atividade.

### 3.4.3. Grelha de avaliação da atividade

Quadro 19 – Grelha de avaliação da atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

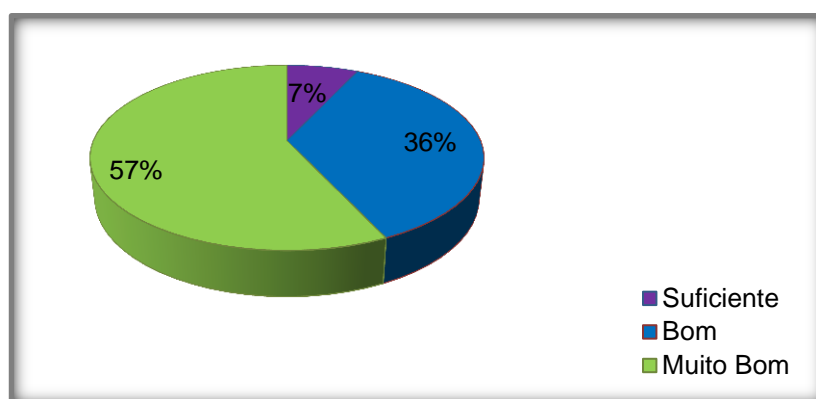
Parâmetros	1. Identificação de palavras do género feminino e do género masculino										Total	2. Identificação das palavras no plural				Cotação quantitativa	Cotação qualitativa
	Identifica corretamente											Identifica corretamente					
	7 palavras	6 palavras	5 palavras	4 palavras	3 palavras	2 palavras	1 palavra	Resposta incorreta	Erro ortográfico (-0,4)	3 palavras		2 palavras	1 palavra	Resposta incorreta			
1						X					X				5	Suficiente	
2		X											X		7	Bom	
3	X										X				10	Muito Bom	
4	X								- 0,8	6,2	X				9,2	Muito Bom	
5	X								- 0,4	6,6	X				9,6	Muito Bom	
6		X							- 0,8	5,2	X				8,2	Bom	
7				X							X				7	Bom	
8			X						- 0,4	3,6	X				8,6	Bom	
9			X								X				8	Bom	
10			X								X				8	Bom	
11		X										X			8	Bom	
12		X									X				9	Muito Bom	
13		X							- 0,4	4,6			X		5,6	Suficiente	
14	X								- 0,4	4,6	X				7,6	Bom	
15	X										X				10	Muito Bom	
16			X						- 0,4	4,6	X				9,6	Muito Bom	
17	X										X				10	Muito Bom	
18	X								- 0,4	6,6	X				9,6	Muito Bom	
19	X										X				10	Muito Bom	
20	X										X				10	Muito Bom	
21	X										X				10	Muito Bom	
22	X										X				10	Muito Bom	
23	X										X				10	Muito Bom	
24	X								- 0,8	6,2		X			8,2	Bom	
25	X										X				10	Muito Bom	
26	X										X				10	Muito Bom	
27			X						- 0,4	4,6	X				7,6	Bom	
28	X										X				10	Muito Bom	

#### 3.4.4. Interpretação da grelha de avaliação

Através desta grelha de avaliação (Quadro 19) é possível verificar que, relativamente ao primeiro parâmetro, dezasseis das crianças conseguiram identificar corretamente, tendo quatro delas dado erros ortográficos, pelo que foi descontado 0,8, 0,4, 0,4 e 0,8, respetivamente. Cinco crianças identificaram seis palavras, outras cinco identificaram cinco palavras e apenas uma criança identificou quatro palavras e outra, duas palavras.

No que diz respeito ao segundo parâmetro, vinte e quatro crianças identificaram corretamente todas as palavras no plural, pelo que, obtiveram a cotação máxima. Duas crianças identificaram uma e outras duas, duas palavras.

#### 3.4.5. Apresentação dos resultados em gráfico



*Figura 3 – Resultados da avaliação da atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita*

#### 3.4.6. Análise do gráfico

Após a análise do gráfico (Figura 3) posso concluir que nenhuma criança teve Fraco nem Insuficiente; 7% obtiveram Suficiente, correspondendo a duas crianças; 36% obtiveram Bom, que corresponde a dez crianças e as restantes dezasseis crianças obtiveram Muito Bom, correspondendo a 57%.

Em suma, poderei afirmar que a maior parte do grupo domina os conceitos (feminino, masculino e plural), visto que não se registou cotação negativa. Considero, porém, que, às quatro crianças que erraram no plural das palavras, deve a professora, desenvolver e centralizar estratégias que as ajudem a ultrapassar as dificuldades, passando, eventualmente, pela expressão oral.

### **3.5. Dispositivo de Avaliação da atividade na Área de Estudo do Meio**

#### **3.5.1. Contextualização da atividade**

A atividade na Área de Estudo do Meio foi realizada no dia 12 de novembro de 2012, na turma do 2.º ano de escolaridade, a vinte e sete alunos. Esta atividade foi aplicada a uma turma de vinte e oito alunos, pelo que neste dia faltava apenas um.

Para a realização desta atividade, distribui por cada aluno, uma proposta de trabalho. De seguida procedi à leitura em voz alta, explicando o que era pretendido. Esta atividade teve a duração de vinte minutos, não disponibilizando ajuda.

Em anexo exponho a proposta de atividade (Anexo 3).

#### **3.5.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade**

1. Identificação das cores do semáforo – pretende-se avaliar se o aluno identifica as cores do semáforo para os veículos. Os critérios estabelecidos para este parâmetro foram:

- Identifica todas as cores
- Identifica 2 cores
- Identifica 1 cor
- Resposta incorreta

2. Identificação de quatro grupos de sinais de trânsito – pretende-se avaliar se o aluno identifica os principais grupos de sinais de trânsito. Os critérios estabelecidos para este parâmetro foram:

- Identifica corretamente 4 grupos
- Identifica corretamente 3 grupos
- Identifica corretamente 2 grupos
- Identifica corretamente 1 grupo
- Resposta incorreta
- Por cada erro ortográfico, descontar 0,5

De seguida, no Quadro 20, encontra-se a tabela onde são atribuídas as cotações de cada critério estabelecido nesta proposta de atividade.

Quadro 20 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade na Área de Estudo do Meio

Parâmetros	CrITÉrios	Cotação por critÉrio	Cotação por parâmetro
1. Identificação das cores do semáforo	Identifica todas as cores	6	6 Valores
	Identifica 2 cores	4	
	Identifica 1 cor	2	
	Resposta incorreta	0	
2. Identificação de quatro grupos de sinais de trânsito	Identifica corretamente 4 grupos	4	4 Valores
	Identifica corretamente 3 grupos	3	
	Identifica corretamente 2 grupos	2	
	Identifica corretamente 1 grupo	1	
	Resposta incorreta	0	
	Cada erro ortográfico	- 0,5	
<b>Total:</b>			10 Valores

No Quadro 21 é apresentada a grelha de avaliação da atividade.

### 3.4.3. Grelha de avaliação da atividade

Quadro 21 – Grelha de avaliação da atividade na Área de Estudo do Meio

Parâmetros	1. Identificação das cores do semáforo				2. Identificação de quatro grupos de sinais de trânsito							Cotação quantitativa	Cotação qualitativa
	Identifica			Resposta incorreta	Identifica corretamente				Resposta incorreta	Erro ortográfico (- 0,5)	Total		
	Todas as cores	2 cores	1 cor		4 grupos	3 grupos	2 grupos	1 grupo					
N. de alunos													
1	X				X							10	Muito Bom
2	X				X							10	Muito Bom
3	X				X							10	Muito Bom
4	X							X				7	Bom
5	X							X				7	Bom
6	X							X				7	Bom
7	X				X							10	Muito Bom
8	X				X							10	Muito Bom
9	X				X							10	Muito Bom
10	X						X					8	Bom
11	X							X				7	Bom
12	X				X					- 0,5	3,5	9,5	Muito Bom
13	X				X					- 1,5	2,5	8,5	Bom
14	X							X		- 0,5	0,5	7	Bom
15	X				X							10	Muito Bom
16	X				X					- 0,5	3,5	9,5	Muito Bom
17	X				X							10	Muito Bom
18	X					X						9	Muito Bom
19	X				X							10	Muito Bom
20	X				X							10	Muito Bom
21	X				X					- 0,5	3,5	9,5	Muito Bom
22	X							X				8	Bom
23	X				X					- 0,5	3,5	9,5	Muito Bom
24	X							X				8	Bom
25	X				X					- 1	3	9	Muito Bom
26	X				X							10	Muito Bom
27	X				X							10	Muito Bom

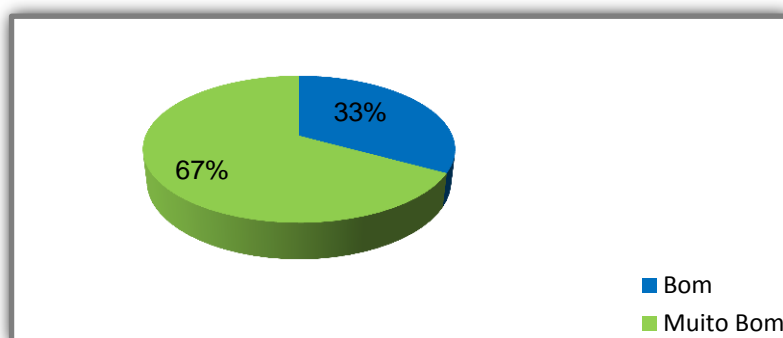
### 3.5.4. Interpretação da grelha de avaliação

Observando a grelha de avaliação (Quadro 21), é possível verificar que, relativamente ao primeiro parâmetro, todos os alunos obtiveram a cotação máxima.

Em relação ao segundo parâmetro, dezoito alunos identificaram corretamente os quatro grupos de sinais de trânsito, mas quatro destes deram erros ortográficos, sendo descontado 1,5, 0,5, 0,5 e 1 valor. Apenas um aluno identificou três grupos de sinais de trânsito, três identificaram dois grupos e cinco identificaram um grupo, não se registaram respostas incorretas.

No que diz respeito às cotações finais, doze alunos obtiveram a cotação máxima e apenas cinco obtiveram a cotação de sete valores, sendo esta a cotação mais baixa aferida nesta atividade.

### 3.5.5. Apresentação dos resultados em gráfico



*Figura 4 – Resultados da avaliação da atividade na Área de Estudo do Meio*

### 3.5.6. Análise do gráfico

Após a análise do gráfico (Figura 4) posso concluir que nenhum aluno obteve Fraco, Insuficiente e Suficiente; 33% obtiveram Bom, correspondendo a nove alunos; os restantes dezoito alunos obtiveram Muito Bom, correspondendo a 67%.

Em suma, poderei afirmar que a totalidade dos alunos reconhece as cores do semáforo dos veículos e uma maioria significativa identifica os quatro principais grupos de sinais de trânsito.

Sendo o português transversal a todas as áreas do saber, considero que, nesta avaliação, de Estudo do Meio, foram os erros ortográficos que mais penalizaram os alunos pelo que, me parece necessário que estes façam mais e variados exercícios caligráficos.

## **3.6. Dispositivo de Avaliação da atividade na Área de Português**

### **3.6.1. Contextualização da atividade**

A atividade na Área de Português foi realizada no dia 7 de janeiro de 2013, na turma do 1.º ano de escolaridade, a trinta alunos. Esta atividade foi aplicada a uma turma constituída por trinta alunos, pelo que, neste dia, todos estavam presentes.

Para a realização desta atividade, distribuí por cada aluno, uma proposta de trabalho. De seguida procedi à leitura em voz alta, explicando o que era pretendido. Esta atividade teve a duração de vinte minutos, não disponibilizando ajuda. Em anexo exponho a proposta de atividade (Anexo 4).

### **3.6.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade**

1. Ordenação de palavras – pretende-se avaliar se o aluno é capaz de ordenar corretamente as palavras, de modo a formar uma frase. Os critérios estabelecidos para este parâmetro foram:

- Ordena corretamente as palavras das 2 frases
- Ordena corretamente as palavras de 1 frase
- Resposta incorreta

2. Reconhecimento da forma das frases – pretende-se avaliar se o aluno reconhece a forma afirmativa e negativa das frases. Os critérios estabelecidos para este parâmetro foram:

- Reconhece corretamente a forma das 2 frases
- Reconhece corretamente a forma de 1 frase
- Resposta incorreta

3. Identificação da forma das frases – pretende-se avaliar se o aluno identifica corretamente a forma das frases. Os critérios estabelecidos para este parâmetro foram:

- Identifica corretamente 5 frases
- Identifica corretamente 4 frases
- Identifica corretamente 3 frases
- Identifica corretamente 2 frases
- Identifica corretamente 1 frase
- Resposta incorreta

De seguida, no Quadro 22, encontra-se a tabela onde são atribuídas as cotações de cada critério estabelecido nesta proposta de atividade.

Quadro 22 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade na Área de Português

Parâmetros	Critérios de avaliação	Cotação por critério	Cotação por parâmetro
1. Ordenação de palavras	Ordena corretamente as palavras das 2 frases	2,5	2,5 Valores
	Ordena corretamente as palavras de 1 frase	1,25	
	Resposta incorreta	0	
2. Reconhecimento da forma das frases	Reconhece corretamente a forma das 2 frases	2,5	2,5 Valores
	Reconhece corretamente a forma de 1 frase	1,25	
	Resposta incorreta	0	
3. Identificação da forma das frases	Identifica corretamente 5 frases	5	5 Valores
	Identifica corretamente 4 frases	4	
	Identifica corretamente 3 frases	3	
	Identifica corretamente 2 frases	2	
	Identifica corretamente 1 frase	1	
	Resposta incorreta	0	
Total			10 Valores

No Quadro 23 é apresentada a grelha de avaliação da atividade.

### 3.6.3. Grelha de avaliação da atividade

Quadro 23 – Grelha de avaliação da atividade na Área de Português

Parâmetros	1. Ordenação de palavras			2. Reconhecimento da forma das frases			3. Identificação da forma das frases						Cotação quantitativa	Cotação qualitativa
	Ordena corretamente		Resposta incorreta	Reconhece corretamente		Resposta incorreta	Identifica corretamente					Resposta incorreta		
	as palavras das 2 frases	as palavras de 1 frase		a forma das 2 frases	a forma de 1 frase		5 frases	4 frases	3 frases	2 frases	1 frase			
N.º de Alunos														
1	X					X	X						7,5	Bom
2	X					X					X		3,5	Insuficiente
3	X			X							X		6	Suficiente
4		X			X		X						7,5	Bom
5	X			X			X						10	Muito Bom
6	X			X			X						10	Muito Bom
7	X			X			X						10	Muito Bom
8	X					X	X						7,5	Bom
9	X			X			X						10	Muito Bom
10	X			X			X						10	Muito Bom
11	X					X	X						7,5	Bom
12	X			X			X						10	Muito Bom
13	X			X			X						10	Muito Bom
14	X			X			X						10	Muito Bom
15	X			X				X					9	Muito Bom
16	X			X			X						10	Muito Bom
17	X			X			X						10	Muito Bom
18	X					X				X			4,5	Insuficiente
19		X				X		X					5,25	Suficiente
20		X		X			X						8,75	Bom
21	X			X			X						10	Muito Bom
22		X			X		X						7,5	Bom
23	X			X			X						10	Muito Bom
24	X			X			X						10	Muito Bom
25	X			X			X						10	Muito Bom
26	X				X		X						8,75	Bom
27		X			X			X					6,5	Suficiente
28	X			X			X						10	Muito Bom
29		X			X		X						7,5	Bom
30	X			X			X						10	Muito Bom

### 3.6.4. Interpretação da grelha de avaliação

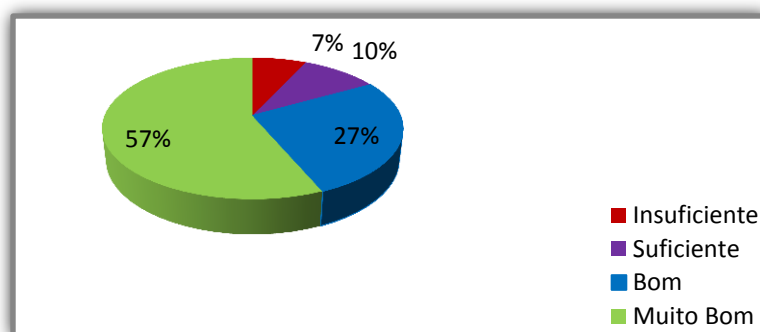
Através da grelha de avaliação da atividade (Quadro 23), é possível verificar que, em relação ao primeiro parâmetro, vinte e quatro alunos ordenaram corretamente as palavras das duas frases e os restantes seis alunos só ordenaram corretamente as palavras de uma frase.

No segundo parâmetro, dezanove alunos reconheceram as duas formas de frase, cinco só reconheceram uma forma e seis responderam incorretamente.

Relativamente ao terceiro parâmetro, vinte e quatro alunos identificaram a forma de todas as frases, três identificaram a forma de quatro frases, dois identificaram a forma de uma frase e apenas um aluno identificou a forma de duas frases.

No que se refere às cotações finais, mais de metade da turma, o correspondente a dezasseis alunos, obteve a cotação máxima de dez valores, sendo a cotação mais baixa de três valores e meio, correspondente a um aluno.

### 3.6.5. Apresentação dos resultados em gráfico



*Figura 5 – Resultados da avaliação da atividade na Área de Português*

### 3.6.6. Análise do gráfico

Após a análise do gráfico (Figura 5) posso concluir que nenhum aluno obteve Fraco; 7% obtiveram Insuficiente, correspondendo a dois alunos; 10% obtiveram Suficiente, que corresponde a três alunos; 27% obtiveram Bom, que corresponde a oito alunos e os restantes dezassete alunos obtiveram Muito Bom, correspondendo a 57%. Ainda de acordo com os resultados, considero que a professora deverá centralizar estratégias com todos os alunos que apresentaram dificuldades nestes parâmetros de avaliação.

# **Reflexão Final**



Nesta última parte do relatório, farei um balanço de todo o trabalho, elaborado ao longo do período de estágio, decorrido entre 27 de setembro de 2011 e 25 de janeiro de 2013.

Apresentarei ainda as considerações finais em que refletirei sobre a influência do estágio na minha formação e a pertinência do mesmo.

Por último, serão apresentadas as limitações que levaram à execução deste relatório e as novas pesquisas que farei futuramente.

## **1. Considerações Finais**

A prática pedagógica permite ao futuro educador/professor crescer e desenvolver-se pessoal e profissionalmente.

De acordo com Cunha (2008), entende-se por ““formação de professores” o processo pelo qual os futuros professores, ou professores em exercício, se preparam para desenvolver a função de docência.” (p.100)

Durante os anos de estágio compreendidos entre a Licenciatura e o Mestrado, pude trabalhar com crianças de várias idades, podendo assim aplicar diferentes estratégias de ensino e conseguir aperceber-me qual a faixa etária com que mais gosto de trabalhar. Sobre este assunto, devo dizer que, quando entrei para a ESE, só queria tirar o curso de educadores de infância, mas, depois, o gosto e o fascínio pelo mundo do 1.º Ciclo foi crescendo e, neste momento, acho que me sentirei muito mais realizada com a docência no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A realização deste estágio profissional foi muito importante, pois permitiu-me ter um contacto com a realidade da vida ativa. Este estágio deu-me a oportunidade de estar em contacto com vários profissionais de educação, vários professores, com os quais aprendi estratégias de sala de aula, aprendi a transmitir conhecimentos, a relacionar-me com os alunos, a refletir e a avaliar tanto as aulas como o desempenho meu e dos meus pares. Aprendi estratégias que pretendo implementar no futuro, como professora.

Durante esta última etapa de formação de professores, o Mestrado, tive a oportunidade de testar os meus conhecimentos e os meus limites, através das aulas planeadas que lecionei e de todas as aulas solicitadas sem aviso prévio, tanto pela Equipa de Supervisão Pedagógica, como pelas educadoras e professoras cooperantes.

Todas as reuniões que houve, depois das aulas lecionadas, fizeram parte do meu crescimento enquanto estagiária e futura docente, pois alertaram-me para os aspetos positivos e para os que tinha de melhorar ainda.

Segundo Nunes (2003):

depois das aulas (...), é fundamentalíssimo avaliarmos bem, com serenidade, com calma e com honestidade, o nosso trabalho: tomarmos consciência do que correu bem e do que falhou, encontrarmos as causas do sucesso e do insucesso e disponibilizarmo-nos para aperfeiçoar o que resultou bem e corrigir o que resultou mal. (p.59)

Com base nestas palavras, só refletindo sobre as nossas práticas é que nos apercebemos do que devemos manter e do que devemos mudar, para assim evoluirmos à medida que a educação evolui, tal como todas as ciências. No futuro, pretendo ser, ao máximo e sempre que possível, professora reflexiva, pois considero que só assim é que eu irei continuar a crescer, tanto pessoal como profissionalmente.

Termino com uma citação de Estanqueiro (2010), que considero extraordinária, que diz o seguinte: “se os educadores lançarem boas sementes, a sociedade colherá bons frutos.” (p.99), ou seja, a Educação Pré-Escolar é a primeira etapa escolar pela qual a criança passa e contacta. O educador é o principal responsável pelo seu desenvolvimento social e cognitivo, a par dos pais e da comunidade. Ao educar, o educador transmite valores e atitudes e desenvolve capacidades e destrezas, para mais tarde a criança conseguir integrar-se e comportar-se da melhor forma na sociedade.

## **2. Limitações**

Como principal limitação pretendo referir a falta de tempo que não foi muito para a realização deste Relatório de Estágio Profissional. Dediquei-me mais às aulas da ESE e do estágio.

Outra das limitações foi o facto de alguns livros da biblioteca estarem reservados por longos períodos de tempo ou até mesmo terem desaparecido do local.

No que diz respeito ao estágio, propriamente dito, senti necessidade de observar aulas de Conhecimento do Mundo e de Estudo do Meio, lecionadas pelas educadoras e professoras, respetivamente.

Quanto à execução deste relatório, por vezes foi difícil inferir sobre determinados assuntos/temas, por não encontrar fundamentação teórica que sustentasse a minha ideia.

### **3. Novas Pesquisas**

Na conclusão deste estágio profissional, posso afirmar que o educador/professor, como agente de educação que é, deve estar sempre em constante aprendizagem e formação, atualizando sempre que possível as estratégias para lecionar as suas aulas, bem como encarar as situações menos favoráveis que se atravessam no seu caminho, como uma etapa de crescimento, sendo a interação entre pares essencial e fundamental. De acordo com Alarcão e Tavares (1987):

a formação de um professor não termina, porém, no momento da sua profissionalização; pelo contrário, ela deve prosseguir na formação contínua. Se é certo que a figura do supervisor pode desaparecer e muitas vezes desaparece, a realidade [da] supervisão não deve desaparecer, embora assuma novas formas. (p.131)

Se a realidade de supervisão não deve desaparecer, segundo as palavras da autores supracitados, com as quais eu concordo, pretendo no futuro próximo tirar o Mestrado em Ciências da Educação – Supervisão Pedagógica, pois será uma mais-valia para mim enquanto docente.

Mais tarde, também pretendo tirar uma especialização na Área de Matemática e outra na Área de Português, relacionada com a gramática, por serem áreas que eu admiro e gosto muito.



## Referências Bibliográficas

- Abrantes, P., Serrazina, L. e Oliveira, I. (1999). *A matemática na educação básica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Abreu, M. D. D. (2005). *Currículo e diferenciação: um contributo para a organização das aprendizagens na língua estrangeira*. Lisboa: Texto Editores.
- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação: um guia prático e crítico*. Porto: Edições ASA.
- Agüera, I. (2008). *Brincar a aprender na primeira infância: actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-Letras.
- Alarcão, I. e Roldão, M. C. (2008). *Supervisão: um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Portugal: Pedago.
- Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto editora.
- Alarcão, I. e Tavares, J. (1987). *Supervisão da prática pedagógica: uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Albuquerque, F. (2000). *A hora do conto*. Lisboa: Teorema.
- Aleixo, C. A. (2005). *A vez e a voz da escrita*. Desenvolvimento Curricular, 7. Lisboa: Ministério da Educação.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo: concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Alonso, L., Ferreira, F., Santos, M., Rodrigues, M. e Mendes, T. (1994). *A construção do currículo na escola: uma proposta de desenvolvimento curricular para o 1.º ciclo do ensino básico*. Porto: Porto Editora.
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativos: para crianças dos 6 aos 12 anos*. Porto: Porto Editora.
- Alves, F., Arêdes, J. e Carvalho, J. (2007). *Pensar azul – filosofia 10.º ano*. Lisboa: Texto Editores.

- André, H. A. (1986). *A prática da redação em grupo*. Brasil: Editora Moderna.
- Antão, J. A. S. (1997). *Elogio da leitura: tipos e técnicas de leitura*. Porto: Edições ASA.
- Aranão, I. V. D. (1996). *A matemática através de brincadeiras e jogos*. Campinas, Brasil: Papirus.
- Arends, R. I. (2008). *Aprender a ensinar*. Portugal: McGraw-Hill de Portugal.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Portugal: MacGraw-Hill de Portugal.
- Arribas, T. A. (2004). *Educação infantil – desenvolvimento, currículo e organização escolar*. Brasil: Artmed.
- Baptista, M. I. M. (coord.). (2006). *Educação alimentar em meio escolar: referencial para uma oferta alimentar saudável*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Barbosa, A. M. S. F. V. A. (2012). *A relação e a comunicação interpessoais entre o supervisor pedagógico e o aluno estagiário*. Tese de Mestrado inédita em Ciências da Educação – Supervisão Pedagógica, Escola Superior de Educação João de Deus.
- Bartolomeis, F. (1999). *Avaliação e orientação: objectivos, instrumentos, métodos*. Lisboa: Livros Horizontes.
- Bastos, G. (1999). *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bogdan, R. e Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Borges, C. J. (1987). *Educação física para o pré-escolar*. Rio de Janeiro: Editora Sprint.
- Boruchovitch, E. e Bzuneck, J. A. (orgs.). (2001). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. Brasil: Editora Vozes.
- Botelho, A. T. C. P. S. (2009). *As tecnologias de informação na formação inicial de professores em Portugal: uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Tese de Doutoramento inédita, Universidade de Málaga.

- Braga, F., Vilas-Boas, F. M., Alves, M. E. M., Freitas, M. J. V. e Leite, C. (2004). *Planificação: novos papéis, novos modelos*. Porto: Edições ASA.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Campos, B. P. (org.) (2001). *Formação profissional de professores no ensino superior*. Porto: Porto Editora.
- Canavarro, J. M., Pereira, A. I. F. e Pascoal, P. (2001). *Diferenciação pedagógica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Carneiro, C. R. T. (2012). *A percepção dos professores sobre a importância da atividade lúdica na educação especial*. Tese de Mestrado inédita em Ciências da Educação – Domínio Cognitivo e Motor, Escola Superior de Educação João de Deus.
- Carita, A. e Abreu, I. (1994). *A formação pessoal e social: desenvolvimento curricular*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Catita, E. M. (2007). *Estratégias metodológicas: para o ensino do meio físico e social: pré-escolar/1.º ciclo*. Lisboa: Areal Editores.
- Colomer, T. e Camps, A. (2002). *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. São Paulo: Artmed.
- Condemarin, M. e Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Brasil: Artmed.
- Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança: do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Cortez, M. G. (1995). *Socialização*. Documento interno; pp.1-7.
- Cunha, A. C. (2008). *Ser professor: bases de uma sistematização teórica*. Braga: Casa do professor.
- Curto, L. M., Morillo, M. M. e Teixidó, M. M. (2000). *Escrever e ler: materiais e recursos para a sala de aula: vol 2*. São Paulo: Artmed Editora.
- Cury, A. (2005). *Pais brilhantes, professores fascinantes: como formar jovens felizes e inteligentes*. Portugal: Editora Pergaminho.

Damas, E., Oliveira, V., Nunes, R. e Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática: guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal Editores.

Deus, M. L. (1997). *Guia Prático da Cartilha Maternal*. Lisboa: Associação de Jardins-Escolas João de Deus.

Duarte, J. A. (2009). *O jogo e a criança*. Tese de Mestrado inédita em Ciências da Educação – Supervisão Pedagógica, Escola Superior de Educação João de Deus.

Durão, R. L. S. (2010). *Acolhimento aos alunos estagiários da formação inicial. Uma proposta de acolhimento e integração*. Tese de Mestrado inédita em Ciências da Educação – Supervisão Pedagógica, Escola Superior de Educação João de Deus.

Durão, R. L. S. (2001). *A participação dos pais na escola*. Texto policopiado, Escola Superior de Educação João de Deus, Curso de Estudo Superior especializado em Gestão Escolar.

Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação: o papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.

Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.

Ferreira, M. S. e Santos, M. R. (1994). *Aprende a ensinar, ensinar a aprender*. Porto: Edições Afrontamento.

Ferreira, C. A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Ferreira, S. e Luz, S. (2011). *Nova gramática de português: 2.º ciclo do ensino básico*. Lisboa: Santillana Constância.

Fontes, V., Botelho, M. L. e Sacramento, M. (s.d.) *A criança e o livro: aspectos psicológicos, pedagógicos e literários*. Lisboa: Livros Horizonte.

Formosinho, J. (org.). (1996). *Educação pré-escolar: a construção social da moralidade*. Lisboa: Texto Editora.

Franco, J. A. (1999). *A poesia como estratégia*. Porto: Campo das Letras.

Fourez, G., Maingain, A. e Dufour, B. (2002). *Abordagens didáticas da interdisciplinaridade*. Lisboa: Instituto Piaget.

Galvão, C., Reis, P., Freire, A. e Oliveira, T. (2006). *Avaliação de competências em ciências: sugestões para professores dos ensinos básico e secundário: planear, ensinar, desenvolver e avaliar competências – síntese do que se sabe*. Porto: Edições ASA.

Hohmann, M. e Weikart, D. P. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Jacinto, M. (2003). *Formação inicial de professores: concepções e práticas de orientação*. Lisboa: Ministério da Educação.

Jean, G. (1999). *A leitura em voz alta*. Bobadela, Portugal: Instituto Piaget.

Jesus, S. N. (1999). *Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos?*. Porto: Edições ASA.

Lafortune, L. e Saint-Pierre, L. (1996). *A afectividade e a metacognição na sala de aula*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

Lages, M. F., Liz, C., António, J. A. C. e Correia, T. S. (2007). *Os estudantes e a leitura*. Lisboa: Ministério da Educação (GEPE).

Landier, J. C. e Barret, G. (1994). *Expressão dramática e teatro*. Porto: Edições ASA.

Leite, E. e Malpique, M. (1984). *Para uma troca de saberes: desenhar, pintar a dedo, modelar, pintar: no jardim-de-infância*. Lisboa: Direcção Geral do Ensino Básico (Divisão de Educação Pré-Escolar).

Lopes, J. A. (coord.). (2006). *Desenvolvimento de competências linguísticas em jardim-de-infância*. Porto: Edições ASA.

Lucas, C. (2008). *A inspecção e a educação de infância*. Penafiel: Editorial Novembro.

Luquet, G. H. (1979). *O desenho infantil*. Porto: Civilização.

Maluf, A. C. N. (2008). *Atividades lúdicas para a educação infantil: conceitos, orientações e práticas*. Rio de Janeiro: Editoras Vozes.

Martins, M. A. e Niza, I. (1998). *Psicologia da aprendizagem da linguagem escrita*. Lisboa: Universidade Aberta.

Martins, I. P., Veiga, M., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F. e Pereira, S. (2009). *Despertar para a ciência: actividades dos 3 aos 6*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Martins, I. P., Veiga, M., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F. e Pereira, S. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental: formação de professores*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Marujo, H. A., Neto, L. M. e Perloiro, M. F. (1999). *Educar para o optimismo: guia para pais e professores*. Lisboa: Editorial Presença.

Marujo, H. A., Neto, L. M. e Perloiro, M. F. (1998). *A família e o sucesso escolar: guia para pais e outros educadores*. Lisboa: Editorial Presença.

Mata, L. (2008). *A descoberta da escrita: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

Mata, L. (2006). *Literacia familiar: ambiente familiar e descoberta da linguagem escrita*. Porto: Porto Editora.

Mendes, M. F. e Delgado, C. C. (2008). *Geometria: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Ministério da Educação. (2004). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação e das Universidades. (1992). *Perspectivas de educação em jardins de infância*. Lisboa: Direcção-Geral do Ensino Básico.

Mendonça, M. (1994). *A educadora de infância: traço de união entre a teoria e a prática*. Porto: Edições ASA.

Moreira, P. (2004). *Ser professor: competências básicas3: emoções positivas e regulação emocional: competências sociais e assertividade: 7 – 10 anos*. Porto: Porto Editora.

Morissette, D. e Gingras, M. (1994). *Como ensinar atitudes: planificar, intervir, avaliar*. Porto: Edições ASA.

Morgado, J. (1997). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão*. Lisboa: Editorial Presença.

Nabais, J. A. (1968). *O ensino da matemática*. In *cadernos de psicologia e de pedagogia – revista de Ciências da Educação* 5. Lisboa: Centro de Psicologia Aplicada à Educação.

Nascimento, Z. e Pinto, J. M. (2003). *A dinâmica da escrita: como escrever com êxito*. Lisboa: Plátano Editora.

Niza, S. (coord.). (1998). *Criar o gosto pela escrita: formação de professores*. Lisboa: Ministério da Educação.

Nunes, M. (2003). *Professor, ensine-me a dar aulas*. Porto: Edições ASA.

Pacheco, J. A. (2005). *Estudos curriculares: para a compreensão crítica da educação*. Porto: Porto Editora.

Pacheco, J. A. (2002). *Critérios de avaliação na escola*. In P., Abrantes e F., Araújo (coord.). *Reorganização curricular do ensino básico: avaliação das aprendizagens: das concepções às práticas*. Lisboa: Ministério da Educação.

Pais, A. e Monteiro, M. (1996). *Avaliação: uma prática diária*. Lisboa: Editorial Presença.

Pardal, L. A. (1993). *A escola, o currículo e o professor*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Paulo, L. M. (2000). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar/área do conhecimento do mundo/ciências: uma leitura das educadoras de infância do concelho da Covilhã*. Texto inédito, Instituto Politécnico de Castelo Branco - Escola Superior de Educação, Curso de Estudos Superiores Especializados em Orientação Pedagógica.

Pereira, A. (2002). *Educação para a ciência*. Lisboa: Universidade Aberta.

Pérez, M. (s.d.). *Estratégias de aprendizagem na aula. Desenho e avaliação*. Seminário Internacional II. Madrid: Universidad Complutense.

Perrenoud, P. (1999). *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas*. Porto: Artmed.

Pombo, O., Guimarães, H. M. e Levy, T. (1994). *A interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editora.

Ponte, J. P. e Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da matemática do 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.

Proença, M. C. (1990). *Ensinar/aprender história: questões de didáctica aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte.

Quintas, H. L. M. (1998). *Desenvolvimento profissional de alunos em formação inicial através da reflexão sobre a prática pedagógica*. Tese de Mestrado inédita, Universidade do Algarve, Unidade de Ciências Exactas e Humanas.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Rabinovich, S. B. (2007). *O espaço do movimento na educação infantil: formação e experiência profissional*. Brasil: Phorte.

Reis, A. V. (2006). *Professores reflexivos: concepções dos supervisores de prática pedagógica: estudo exploratório*. Tese de Mestrado inédita em Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação.

Reis, C. e Adragão, J. V. (1992). *Didáctica do português*. Lisboa: Universidade Aberta.

Reis, M. P. I. F. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Tese de Doutoramento inédita, Universidade de Málaga, Departamento de Didáctica da Língua e da Literatura.

Reis, R. (2003). *Educação pela arte*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ribeiro, A. C. e Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ribeiro, L. C. (1989). *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.

Ruivo, I. M. S. (2012). *Caderno de escrita*. Lisboa: Associação de Jardins-Escolas João de Deus.

Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus: apresentação de um suporte interactivo de leitura*. Tese de Doutoramento inédita, Universidade de Málaga, Departamento de Didáctica da Língua e da Literatura.

Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Serra, F. S. (1999). *Fazer a escola acontecer: planificação e participação*. Lisboa: Direcção – Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, Noesis 50, pp.18-20.

Serrazina, L. e Matos, J. M. (1988). *O geoplano na sala de aula*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.

Severino, M. A. F. (2007). *Supervisão em educação de infância: supervisores e estilos de supervisão*. Penafiel, Portugal: Editorial Novembro.

Sim-Sim, I., Silva, A. C. e Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Sim-Sim, I. (1994). *Os professores que hoje temos e os professores que vamos ter amanhã*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, Vol.7, pp.145-171.

Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação: música e artes plásticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Spodek, B. e Saracho, O. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Brasil: Artmed.

Sprinthall, N. A. e Spirnthall, R. C. (1993). *Psicologia educacional: uma abordagem desenvolvimentista*. Portugal: McGraw-Hill de Portugal.

Teberosky, A. e Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.

Titiev, M. (1979). *Introdução à antropologia cultural*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Veloso, R. (2009). “Curtir” literatura infantil no jardim-de-infância. In *Leitura. literatura infantil e ilustração: investigação e prática docente*. Braga: Centro de estudos da criança – Universidade do Minho.

Viana, F. L. e Teixeira, M. M. (2002). *Aprender a ler: da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: Edições ASA.

Vieira, H. (2000). *A comunicação na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença.

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.

Zabalza, M. A. (1998a). *Didáctica da educação infantil*. Rio Tinto, Portugal: Edições ASA.

Zabalza, M. A. (1998b). *Qualidade em educação infantil*. São Paulo: Artmed.

Zeichner, K. M. (1993). *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa.

## **Webgrafia**

Araújo, R. M. B. (2012). *Características das crianças em cada faixa etária*. Recuperado em 2012, janeiro 21, de

[http://www.montesiao.pro.br/estudos/crianca/caract\\_faixaetaria.html](http://www.montesiao.pro.br/estudos/crianca/caract_faixaetaria.html)

Bombeiros e Protecção Civil de Portugal. (s.d.). *Plano de prevenção e emergência para estabelecimentos de ensino*. Recuperado em 2012, julho 29, de

[http://www.tinoni.com/pais\\_educadores/PUBLICAcoES/PPEEE\\_Div.pdf](http://www.tinoni.com/pais_educadores/PUBLICAcoES/PPEEE_Div.pdf)

Borges, D. e Andrade, P. A. (2008). *A literatura infantil como formação do cidadão consciente*. Recuperado em 2012, julho 29, de

[http://bibliotecauegmorrinhos.com/tcc/docs/danilo\\_mono.pdf](http://bibliotecauegmorrinhos.com/tcc/docs/danilo_mono.pdf)

CAP. (2008). *Estratégias de diferenciação pedagógica e avaliação de competências*. Recuperado em 2012, março 3, de

<http://www.cap-gagos.org/content/n10Estrat%C3%83%C2%A9giasFormando.pdf>

Carreiro, M. (2011). *Sistemas da inspeção em educação*. Recuperado em 2012, junho 12, de

[http://www.snvworld.org/sites/www.snvworld.org/files/publications/sistemas\\_inspecao\\_educacao.pdf](http://www.snvworld.org/sites/www.snvworld.org/files/publications/sistemas_inspecao_educacao.pdf)

Carvalho, R. (2011). *Calcular de cabeça ou com a cabeça?*. Recuperado em 2012, agosto 23, de [http://www.apm.pt/files/Conf01\\_4e7132d6a08f8.pdf](http://www.apm.pt/files/Conf01_4e7132d6a08f8.pdf)

Castro, M. P. P. (2012). *Experiência de prática de ensino supervisionada em contextos de educação pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico*. Recuperado em 2012, janeiro 10, de <http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/536>

Casanova, M. P. S. M. (s.d.). *Supervisão pedagógica: função do orientador de estágio na escola*. Recuperado em 2012, janeiro 21, de

<http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/mprazerescasanova.pdf>

Dionísio, M. L. e Pereira, I. (2006). *A educação pré-escolar em Portugal: concepções oficiais, investigação e práticas*. Recuperado em 2012, janeiro 30, de

[http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot\\_educ\\_pre\\_escolar\\_a\\_C.pdf](http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_educ_pre_escolar_a_C.pdf)

Ferreira, E. (2009). *Higiene, saúde e segurança no trabalho*. Recuperado em 2012, julho 20, de [http://www.eidh.eu/magazine/documentos/hsst\\_dezembro\\_09.pdf](http://www.eidh.eu/magazine/documentos/hsst_dezembro_09.pdf)

Fiolhais, C. (2007). *Ciência em palco*. Recuperado em 2012, agosto 25, de <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/12864/1/Ci%C3%AAncia%20em%20Palco.pdf>

Koudela, I. D. (s.d.). *A ida ao teatro*. Recuperado em 2012, janeiro 30, de <http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/420090630140316A%20ida%20ao%20teatro.pdf>

Ministério da Educação. (2012a). *Provas de aferição 2012*. Recuperado em 2012, abril 28, de <http://www.gave.min-edu.pt/np3/447.html>

Ministério da Educação. (2012b). *Caderno de aprendizagem da leitura e da escrita (LE)*. Recuperado em 2013, janeiro 15, de

<http://www.dge.mec.pt/index.php?s=noticias&noticia=396>

Ministério da Educação. (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Recuperado em 2012, abril 16, de

<http://www.dgidc.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=11>

Ministério da Educação. (2007). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Recuperado em 2012, abril 16, de

<http://www.dgidc.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=50>

Santos, L. (s.d.). *Diferenciação pedagógica: um desafio a enfrentar*. Recuperado em 2012, fevereiro 22, de

<http://area.fc.ul.pt/en/artigos%20publicados%20nacionais/Diferenciacao%20Pedagogica%20Noesis.pdf>

Valentim, A. (2011). *A importância de estabelecer regras e limites à criança*. Recuperado em 2012, fevereiro 24, de [http://www.mtcard.net/b-1699-antnio\\_valentim\\_psicologo\\_clnico\\_membro\\_efectivo\\_da\\_ordem\\_dos\\_psicologos\\_portugueses-625.htm](http://www.mtcard.net/b-1699-antnio_valentim_psicologo_clnico_membro_efectivo_da_ordem_dos_psicologos_portugueses-625.htm)

## **Legislação**

Circular N.º 4/2011, de 11 de abril

Despacho Normativo N.º1/2005, de 5 de janeiro

Despacho Normativo N.º 24a/2012, de 6 de dezembro

Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei N.º 46/86, de 14 de outubro

# **Anexos**



# **Anexo 1**

**Dispositivo de Avaliação na Área de Expressão e  
Comunicação no Domínio da Matemática – Grupo  
dos 3 anos**

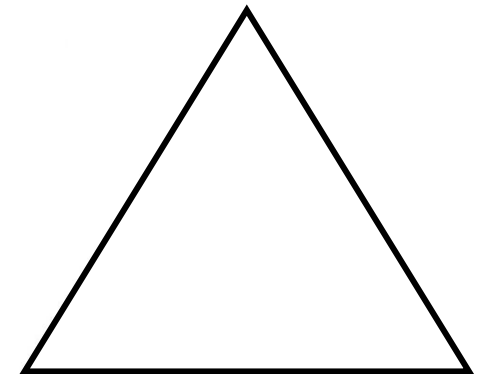
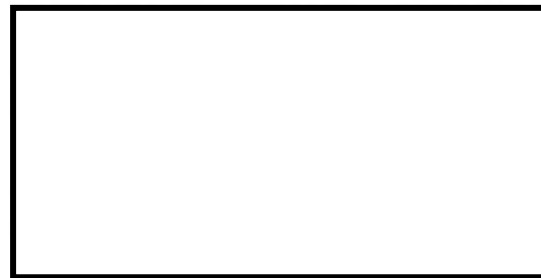
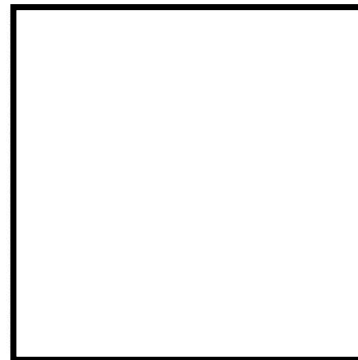


Nome:

Data:

**Dispositivo de Avaliação na Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática – Grupo dos 3 anos**

1. Pinta o quadrado de encarnado.
2. Pinta o retângulo de azul.
3. Pinta o triângulo de amarelo.
4. Pinta o círculo de verde.





## **Anexo 2**

**Dispositivo de Avaliação na Área de Expressão e  
Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem  
à Escrita – Grupo dos 5 anos**



Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

**Dispositivo de Avaliação na Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – Grupo dos 5 anos**

1. Distribui as seguintes palavras pelos quadros abaixo, escrevendo-as no local correto.

casa      gato      flor      bota  
pai      mesa      papel

Feminino

Four horizontal lines for writing in the Feminino box.

Masculino

Four horizontal lines for writing in the Masculino box.

2. Encontra na sopa de letras, o plural das seguintes palavras (as palavras podem estar escritas na horizontal e na vertical) e circunda-as.



sofá



livro



cão

l	c	ã	e	s
i	i	s	r	o
v	t	o	q	m
r	q	f	u	u
o	s	á	n	t
s	x	s	b	p



## **Anexo 3**

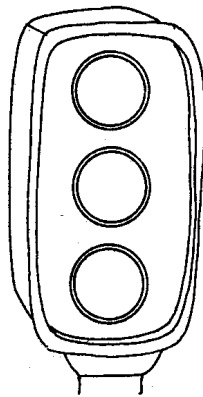
### **Dispositivo de Avaliação na Área de Estudo do Meio – 2.º ano de escolaridade**



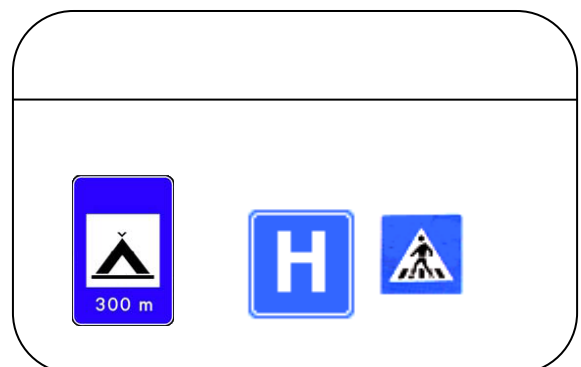
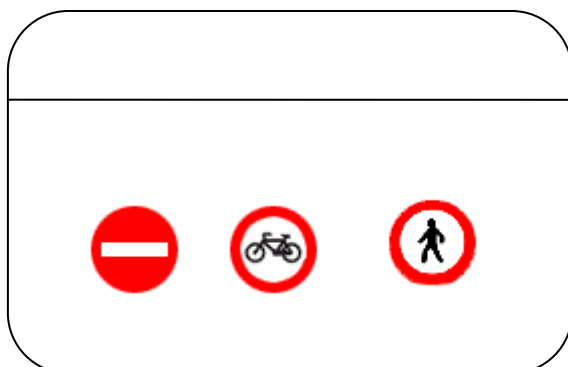
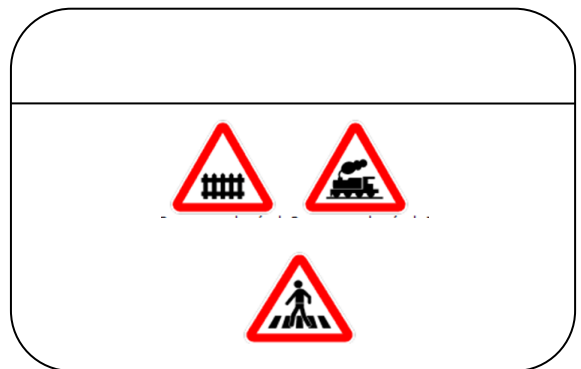
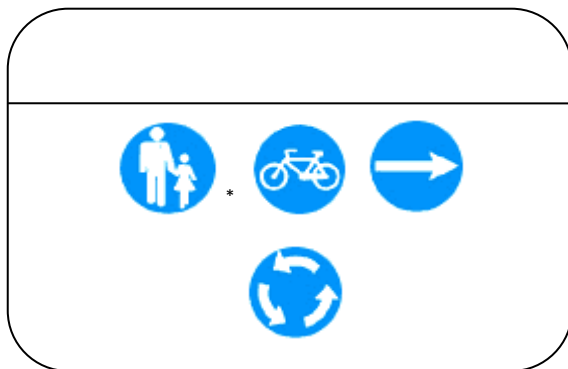
Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

## Dispositivo de Avaliação na Área de Estudo do Meio – 2.º ano de escolaridade

1. Pinta com as cores corretas o semáforo dos veículos.



2. Legenda as imagens com as palavras (sinais de proibição, sinais de informação, sinais de obrigação e sinais de perigo).





## **Anexo 4**

**Dispositivo de Avaliação na Área de  
Português – 1.º ano de escolaridade**



Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

**Dispositivo de Avaliação na Área de Português – 1.º  
ano de escolaridade**



1. Ordena as palavras seguintes de modo a formares frases.

esquilo O comeu maçã. uma não

\_\_\_\_\_

Tiago é O do esquilo. amigo

\_\_\_\_\_

1.1. Copia a frase que está:

a) Na forma afirmativa:

\_\_\_\_\_

b) Na forma negativa:

\_\_\_\_\_

2. Assinala com uma cruz (x) a forma de cada uma das seguintes frases.

Frases	Forma	
	Afirmativa	Negativa
O esquilo não gosta de flores.		
Eu vi um esquilo.		
O Tiago gosta muito do esquilo.		
O esquilo não se chama Bolota.		
O esquilo é um mamífero roedor.		